

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ – UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MANIFESTAÇÕES DE PODER E IDENTIDADE EM TORNO DA LÍNGUA
UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS

IRATI (PR)

2013

LOURENÇO RESENDE DA COSTA

**MANIFESTAÇÕES DE PODER E IDENTIDADE EM TORNO DA LÍNGUA
UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em História, Curso de
Pós-Graduação em História, Área de Concentração
“História e Regiões”, Universidade Estadual do
Centro-Oeste – UNICENTRO-PR.

Orientador: Prof. Dr. Jair Antunes

IRATI

2013

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

C837m COSTA, Lourenço Resende da.
Manifestações de Poder e Identidade em Torno da Língua Ucraniana
em Prudentópolis / Lourenço Resende da Costa. -- Irati, PR :
UNICENTRO, 2013.
152p.

ISBN

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro - Oeste, PR.
Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração
“História e Regiões.”
Orientador: Prof. Dr. Jair Antunes

1. Prudentópolis, PR. 2. Língua. 3. Língua ucraniana. I. Antunes, Jair.
II. Título.

CDD 20ª ed. 491.7



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP
Programa de Pós-Graduação em História - PPGH



TERMO DE APROVAÇÃO

Lourenço Resende da Costa

“Manifestações de Poder e Identidade em Torno da Língua Ucraniana em Prudentópolis”

Dissertação aprovada em 10/09/2013, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

Dr.ª Maria Luiza Andrezza
Universidade Federal do Paraná
Titular

Dr. Clárcio Ivan Schneider
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Titular

Dr. Jair Antunes
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR
2013

A meu irmão, *Daniel Resende da Costa*, caçula de nove irmãos, levado por Deus para a morada eterna aos 21 anos de idade na tarde de 05 de novembro de 2012. Para nós que o amávamos, cedo demais. Mas, como o nosso tempo não é o tempo de Deus ficam as lembranças e a saudade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela vida.

Agradeço aos meus pais pelo amor e pelos exemplos.

Ao professor Dr. Jair Antunes, meu orientador, por ter acreditado na minha capacidade, pois acredito que para ele também foi um desafio se aventurar em uma orientação de um tema que não fazia parte de suas pesquisas empíricas. Acredito que sem o voto de confiança que ele me concedeu, essa dissertação não teria sido possível. Agradeço a ele pela orientação, pela hombridade e pela ética com que tratou nossas atividades, por ter me permitido caminhar com minhas próprias pernas e não me tolher a liberdade de escolhas. Pela amizade.

À meus irmãos e demais familiares pelo incentivo e pela torcida.

À Lucimara Koss pela leitura e críticas ao projeto que acabou sendo aceito pelo Programa, pelas dicas de leitura e críticas aos primeiros esboços da dissertação. Pelo apoio e constância que me deram forças de ir em frente.

Aos colegas de graduação, pós-graduação (Especialização) e aos colegas do Mestrado que sempre me incentivaram e não se furtaram em elogiar ou criticar quando foi oportuno e necessário.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO- pelas sugestões e críticas ao trabalho, fazendo com que eu almejasse sempre melhorar.

À professora Dr^a. Valquíria Elita Renk – PUC-PR – por ter se disponibilizado a vir à Irati compor a banca de qualificação, suas contribuições foram muito relevantes.

À professora Patrícia Mudrei e ao professor Marco Antônio Libâneo que me auxiliaram, respectivamente, no levantamento junto aos alunos dos Colégios Estadual Prefeito Antônio Witchemichen e Imaculada Conceição sobre o domínio da língua ucraniana, fazendo com que não houvesse prejuízo aos alunos com interrupções das aulas. O auxílio de vocês foi de suma importância.

À professora Helena Gardasz pelo fornecimento de fontes e pela atenção.

À professor Lúdia Lurdes Bahri Ribeiro e ao seu esposo “Negão” (que confesso não saber o nome pois todos só o chamam dessa forma) por terem me concedido sua casa para que eu ficasse hospedado nos dias em que fui realizar as entrevistas em Ligação.

Ao professor João Márcio Iulek, diretor do Colégio Imaculada quando iniciei as pesquisas, por possibilitar o acesso à fontes e ao me fornecer importantes dados ao me conceder uma entrevista.

À todas as pessoas que dedicaram um pouco de seu tempo e compartilharam um pouco de suas memórias nas entrevistas. As informações de vocês foram ímpar: Anna Cristina Ternouski Zubek, Genoveva Smah Vogivoda, Isabel Sydorko Bahri, Jeroslava Senkiv Bahri, Joana Vozivoda Ditkun, Maria Lurdes Vojevoda, Marryellen Bahri, Reginalda Bahri dos Santos, Sofia Podogurski Hellmann, Tatiane Guiloski, Teodosio Tlumaski e José Amilcar Pastuch. Sem o apoio de vocês o trabalho ficaria inacabado.

Aos colegas de trabalho do Colégio Estadual Imaculada Conceição onde lecionei em 2011 e onde surgiram as ideias do projeto e onde também recebi incentivos inestimáveis. Aos colegas dos colégios estaduais Jecondo Waldemar Bobato, Santo Antônio e Alcides Munhoz ambos de Imbituva onde lecionei durante esses quase dois anos do mestrado, incentivos não faltaram.

À professora Dr^a. Maria Luiza Andrezza – UFPR - pelas contribuições à essa dissertação, no exame de qualificação e pela disponibilidade em participar da banca final. Suas críticas e sugestões não apenas ajudaram na melhoria do texto como levantaram questões para novas pesquisas.

Ao professor Dr. Claércio Ivan Schneider – UNICENTRO/I – por ter aceitado ser suplente na qualificação e por agora participar da banca final como titular. Suas críticas e sugestões me ajudarão a pensar na sequencia de meus estudos.

Ao professor Dr. Hélio Sochodolak por aceitar ser suplente na banca final. Suas contribuições serão bem vindas.

Agradeço à professora Mariluci Dias Cambui de Roco pela revisão ortográfica e todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para minha formação pessoal e intelectual e principalmente para minha formação humana.

Muito obrigado!

Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estroina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava a liberdade, dava-me a responsabilidade.

(Memórias póstumas de Brás Cubas)

RESUMO

O objetivo nessa dissertação é perceber como o uso do idioma ucraniano e a disciplina de língua ucraniana, no município de Prudentópolis, se apresentam como manifestações de poder e identidade. O foco central de análise está concentrado na comunidade de Ligação, zona rural do município, e no Colégio Estadual Imaculada Conceição na mesma localidade. O referido estabelecimento é o único colégio estadual de Prudentópolis que possui em sua grade curricular a disciplina de língua ucraniana. A linha Ligação, além disso, apresenta um número significativo de moradores de ascendência ucraniana. Sendo, portanto, um local onde é possível analisar como a identidade ucraniana e as relações de poder se efetivam. O quadro teórico está fundamentado nas discussões a cerca do poder, principalmente a partir de uma perspectiva foucaultiana. O conceito de identidade, a partir de vários autores, nos ajudará a pensar a identidade étnica ucraniana em Ligação. Os conceitos de estratégia e tática, na acepção cerotoniana, permitirá pensarmos nas relações assimétricas na região da comunidade onde está inserido o colégio Imaculada Conceição. As fontes dividem-se em orais e escritas. As fontes orais foram colhidas junto a moradores de Ligação, bem como com a direção e professores do estabelecimento. As fontes escritas se referem a documentos oficiais da escola e da Secretaria Estadual da Educação. A respeito da imigração, além da bibliografia especializada, foi usado decretos e leis a respeito do processo imigratório.

Palavras-chave: Prudentópolis-PR; Ligação; Língua ucraniana.

ABSTRACT

The aim of this study is to detect how the use of the Ukrainian language and the discipline of Ukrainian language are presented as demonstrations of power and identity in the town of Prudentópolis. The main focus of analysis is centered in the community of Ligação, which is in the countryside, and in the Imaculada Conceição State School, located in the same place. The so-called establishment is the only state school in Prudentópolis which comprises the discipline of Ukrainian language in its course program. In addition, the Ligação place has a significant number of inhabitants who are Ukrainian descendents. Therefore, this is a place where it becomes possible to analyze how the Ukrainian identity and the relations of power become effective. The theoretical analysis is based on the discussions over power, mainly from Faulkner's point of view. The concept of identity, under the perspective of several authors, will help us think over the Ukrainian ethnic identity in Ligação. The concepts of strategy and tactics, with basis on the Certonian perspective, will allow us to think about the asymmetrical relations in the region of the community where the Imaculada Conceição School is inserted. The sources are both, spoken and written. The spoken sources were taken from inhabitants of Ligação, as well as the head and teachers of the school. The written sources refer to official documents of the school and the Office of Education in the State of Paraná. With regards to immigration, besides the specialized bibliography, decrees and laws concerning the process of immigration were also used.

Key Words: Prudentópolis-PR; Ligação; the Ukrainian language.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C.E.I.C - Colégio Estadual Imaculada Conceição. E.F.M.

CELEM - Centro de Línguas Estrangeiras Modernas

C.E.P.J.O.P - Colégio Estadual Padre José Orestes Preima E.F.M.

E.F - Ensino Fundamental

E.F.M - Ensino Fundamental e Médio

I.S.M.I - Irmãs Servas de Maria Imaculada

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

NRE - Núcleo Regional de Educação.

PPP - Projeto Político Pedagógico.

OSBM - Ordem de São Basílio Magno.

LISTA DE MAPAS E GÁFICOS

MAPA 1: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE PRUDENTÓPOLIS E MUNICÍPIOS LIMÍTROFES E A CAPITAL CURITIBA.....	45
MAPA 2: MAPA DE PRUDENTÓPOLIS E LOCALIZAÇÃO DOS COLÉGIOS ESTADUAIS.....	53
GRÁFICO 1 – DESCENDÊNCIA DOS PAIS DOS ALUNOS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO.....	78
GRÁFICO 2 – ALUNOS QUE AMBOS OS PAIS SÃO DESCENDENTES DE UCRANIANOS.....	79
GRÁFICO 3 – ALUNOS DESCENDENTES DE UCRANIANOS E SEU DOMÍNIO DA LÍNGUA NO COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO ANTÔNIO WITCHEMICHEN, 1999.....	104
GRÁFICO 4 - ALUNOS DESCENDENTES DE UCRANIANOS E SEU DOMÍNIO DA LÍNGUA NO COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO ANTÔNIO WITCHEMICHEN, 2012.....	105

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: LINHAS ATENDIDAS PELO COLÉGIO ESTADUAL IMACULADA CONCEIÇÃO.....	26
TABELA 2: ENTRADA DE IMIGRANTES NO BRASIL POR DÉCADA.....	36
TABELA 3: LOCALIZAÇÃO DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS SEGUNDO MAPA 2.....	54
TABELA 4: POPULAÇÃO RURAL E URBANA DE PRUDENTÓPOLIS.....	55
TABELA 5: FONTES ORAIS E SEUS DOMÍNIOS DA LÍNGUA UCRANIANA.....	58
TABELA 6: LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS CURRÍCULOS ESCOLARES DURANTE O IMPÉRIO.....	93

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: ALFABETO CIRÍLICO UCRANIANO COMPLETO.....	21
IMAGEM 2: CONSTRUÇÕES DESTINADAS A RECEBER OS IMIGRANTES UCRANIANOS EM PRUDENTÓPOLIS.....	49
IMAGEM 3: CONSTRUÇÃO DE ESTRADAS PELOS IMIGRANTES EM PRUDENTÓPOLIS.....	51
IMAGEM 4: FACHADO DO MUSEU DO MILÊNIO – PRUDENTÓPOLIS-PR.....	119
IMAGEM 5: ATA DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO ACERCA DA ESCOLHA DA DISCIPLINA DE LÍNGUA UCRANIANA.....	133

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	XI
LISTA DE MAPAS E GRÁFICOS.....	XII
LISTA DE TABELAS	XIII
LISTA DE IMAGENS.....	XIV
INTRODUÇÃO.....	17
1. IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO.....	27
1.1. A IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL NO SÉCULO XIX.....	27
1.2. O ESTADO DO PARANÁ NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO/COLONIZAÇÃO.....	37
1.3. IMIGRAÇÃO UCRANIANA E COLONIZAÇÃO EM PRUDENTÓPOLIS- PR.....	45
2. QUESTÕES CULTURAIS, IDENTITÁRIAS E DE PODER A PARTIR DO USO DA LÍNGUA UCRANIANA EM LIGAÇÃO – MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS – PR.....	57
2.1. O USO DA LÍNGUA UCRANIANA EM LIGAÇÃO: PERMANÊNCIAS E ABANDONOS.....	57
2.2. QUESTÕES TEÓRICAS ACERCA DO CONCEITO DE IDENTIDADE E IDENTIDADE ÉTNICA.....	67
2.3. QUESTÕES IDENTITÁRIAS ACERCA DO USO DA LÍNGUA UCRANINA EM LIGAÇÃO.....	72
2.4. TEMPO CRONOLÓGICO X TEMPO SOCIAL EM LIGAÇÃO.....	88
3. A DISCIPLINA DE LÍNGUA UCRANIANA COMO FORMA DE MANIFESTAÇÃO DE PODER EM PRUDENTÓPOLIS-PR.....	92
3.1. AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E AS DISCIPLINAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS CURRÍCULOS ESCOLARES BRASILEIROS.....	92
3.2. A LÍNGUA UCRANIANA EM ALGUNS COLÉGIOS DE PRUDENTÓPOLIS.....	99
3.3. ESCOLAS E IGREJA UCRANIANA.....	106
3.4. ESTRATÉGIAS E TÁTICAS EM TORNO DA DISCIPLINA DE LÍNGUA	

UCRANIANA NO COLÉGIO ESTADUAL IMACULADA CONCEIÇÃO.....	111
3.5. RELAÇÕES DE PODER E BUSCA DAS ORIGENS: MANIFESTAÇÕES DE PODER A APARTIR DA LÍNGUA E DA DISCIPLINA DE LÍNGUA UCRANIANA.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
FONTES.....	140
REFERÊNCIAS.....	143
ANEXOS.....	148

INTRODUÇÃO

Sempre tive a certeza de que desenvolver um trabalho em nível de pós-graduação *stricto sensu* seria um desafio dos maiores. Realmente, produzir esta Dissertação de Mestrado tomou em grande medida minhas energias por quase dois longos anos. Houve momentos de cansaço, alegria e até mesmo momentos de quase desistência, em função dos percalços colocados em nossas vidas, aos quais nem sempre temos o controle e contorná-los e ou superá-los exige-nos uma força interior a qual nem sempre temos consciência de que a possuímos.

Agora, porém, com o trabalho em sua fase de submissão ao julgamento dos especialistas, confesso que sinto um misto de apreensão e satisfação. Apreensão, porque ter a sensação de que logo estarei frente a frente com membros de uma banca avaliadora para ser julgado por um trabalho que é objeto de infinitas possibilidades de abordagem, e do qual foi recortado apenas um pedacinho do mesmo e desenvolvida uma pesquisa que necessita aparecer, por um lado, coerente com os princípios da cientificidade acadêmica e, por outro lado, aparecer como um trabalho agradável e interessante para nosso leitor, não é tarefa que nos deixe dormir um sono dos anjos.

Os leitores com os quais nos deparamos são pelo menos de dois tipos: primeiramente o nosso leitor-especialista, que nos julgará e dirá se a qualidade do mesmo é passível de aprovação ou não; e, em seguida – assim o desejamos, em caso de aprovação – despertar o interesse e quiçá agradar ao “paladar” do leitor não-especialista, pois acreditamos que o objetivo último de nosso trabalho é levar um texto que agrade e seja palatável ao público mais amplo, acadêmico ou da comunidade em geral.

A satisfação pelo momento presente se dá, por sua vez, porque, mesmo sabendo de minhas limitações, tanto objetivas quanto subjetivas, tenho tranquilidade em confessar que dei meu melhor, dediquei um tempo de minha vida a este esforço de me tornar um pesquisador, estudioso dos problemas da história, com muitas dúvidas e também com ímpeto renovado e reforçado para me dedicar mais ainda à compreensão de nossa sociedade. Este trabalho traz-me agora momentos de regozijo que há muito eu não tinha, pois, sinto-me satisfeito porque tenho clareza que com pelo menos esta uma década já dedicada aos estudos acadêmicos e com o convívio social ampliado encontrado ao longo dessa jornada, sinto-me uma pessoa melhor, mais compreensiva, mais humana, mais feliz. Sei, independente do resultado aqui obtido, que hoje sou uma pessoa mais madura, melhor, e sei portanto que este esforço não foi em vão, pois ele há de me ajudar a tomar decisões cada vez mais acertadas e satisfatórias ao longo de

minha jornada existencial.

Sou natural da cidade de Barbosa Ferraz, no Norte do estado do Paraná, filho de pais mineiros, mas paranaenses de criação. Meus pais possuem ascendência espanhola, portuguesa e indígena, mas os traços étnicos foram perdidos ao longo das gerações. Após algumas mudanças chegamos a Prudentópolis.

Quando minha família se mudou para a cidade de Prudentópolis em 1990 lembro-me que nos deparamos com uma situação nova ali posta: o grande número de descendentes de ucranianos e costumes estranhos aos quais éramos acostumados. Lembro-me dos dias de Natal, por exemplo, onde os jovens, ao invés de passarem o dia com suas famílias, passavam-no em grupo, indo de casa em casa e entoando cânticos natalinos no idioma ucraniano.

Outro fato vivo em minha memória, das lembranças de minha infância nesta nova terra, era a existência de duas “igrejas” católicas na comunidade de Linha Maurício Faivre, onde morávamos. Os “brasileiros” faziam as celebrações em um pavilhão e os “ucranianos” faziam as suas na escola municipal da comunidade¹. E o fator essencial, além do idioma, seja nas celebrações, seja nos cantos nos dias de Natal, era o rito oriental bizantino usado nas celebrações nas igrejas ucranianas.

Na colonização do Sul do Brasil, esta divisão das colônias por “linhas”, segundo Paulo Renato Guérios, teria sido um fato bastante comum, pois facilitava a demarcação das terras entre os vizinhos:

Como ocorreu em todo o sul do Brasil, as colônias paranaenses foram organizadas em “linhas”: abria-se uma estrada em meio à floresta, e os lotes eram demarcados lado a lado ao longo dessa estrada. Cada colono deveria construir sua casa em seu lote, que tinha 250 metros de frente (dispostos longitudinalmente à “linha”) e 1000 metros de fundos. Desse modo, cada colono tinha um vizinho à sua frente, e o próximo ficava à distância de 250 metros seja à sua direita, seja à sua esquerda.²

Portanto, a palavra *linha* – em virtude de as demarcações terem-se formado em conformidade com o traçado estabelecido nestas linhas divisórias entre os lotes designados a cada colono – acabou por tornar-se sinônimo de colônia, ou, mais precisamente, de vila rural.

Quando entrei na escola primária – Escola Rural Municipal de Maurício Faivre, escola

¹ Em Prudentópolis a denominação comunidade ou localidade se referem sempre a um determinado espaço físico/geográfico não tendo, portanto, nenhuma significação de comunidade como uma unidade com traços comuns a todos os indivíduos que ali residem. As denominações localidades, comunidades ou linhas, são usadas de forma indistintas quase como sinônimos pelos munícipes. Dessa forma, estarei usando esses termos como equivalentes para me referir a um lugar físico.

² GUÉRIOS, Paulo Renato. *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. (Tese de Doutorado). p. 134.

multisseriada –, em 1992, muitos dos meus colegas eram descendentes de ucranianos e falavam seu idioma de forma bastante fluente. Lembro-me que frequentava a catequese em Linha Maurício Faivre no pavilhão onde as missas eram realizadas pelos “brasileiros”. Por outro lado, os descendentes de ucranianos a frequentavam na comunidade de Jesuíno Marcondes, distante vários quilômetros dali. Faziam isso porque na comunidade que residíamos o padre ucraniano realizava missas somente uma vez por mês e não havia catequistas ucranianas no local, ao passo que em Marcondes, próximo ao colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen, ficava a Igreja ucraniana e a casa das Irmãs Servas de Maria Imaculada - I.S.M.I - responsáveis pela catequização dos descendentes de ucranianos.

Ou seja, nas comunidades ucranianas do interior de Prudentópolis, este esforço e sacrifício de andar a pé vários quilômetros para receber os ensinamentos do catecismo não estava ligado a um fator único. A questão religiosa era um deles. Outro estava diretamente ligado à questão étnica, à ideia de pertencimento a um grupo que, embora distante, era reconhecido como igual, um reconhecimento que colocava a questão da identidade e de pertencimento a costumes comuns no centro da ideia de comum-idade.

Durante o tempo em que permaneci como aluno da referida escola (entre os anos de 1992 a 1996), a diferença idiomática não chegou a representar um fator de grande diferenciação entre os alunos ali estabelecidos, pois não lembro de ter-me sentido em algum momento discriminado por pertencer à “minoría” de fala exclusivamente portuguesa ali na escola e na comunidade. Na cabeça de crianças que éramos então isso aparecia como apenas um pequeno detalhe, como diferença natural, incompreensível muitas vezes, mas nada mais que uma peculiaridade sem maiores consequências.

Quando faço essas reminiscências relativas à minha infância e meus estudos no Ensino Primário, estou relatando minhas memórias anteriores a 1997, pois, até então, não tinha noção de que, no fundo, não éramos todos iguais. Somente quando neste ano entrei na quinta série do Ensino Fundamental – no Colégio Estadual Prefeito Witchemichen, na Linha Jesuíno Marcondes, distante vários quilômetros de Linha Maurício Faivre onde minha família residia, foi que comecei a perceber que meus amiguinhos não eram iguais a mim. Ou melhor, foi a partir daí que comecei a perceber que eu é que não era igual a eles, que eu era um *outsider* naquele universo cultural de fala e costumes ucranianos.

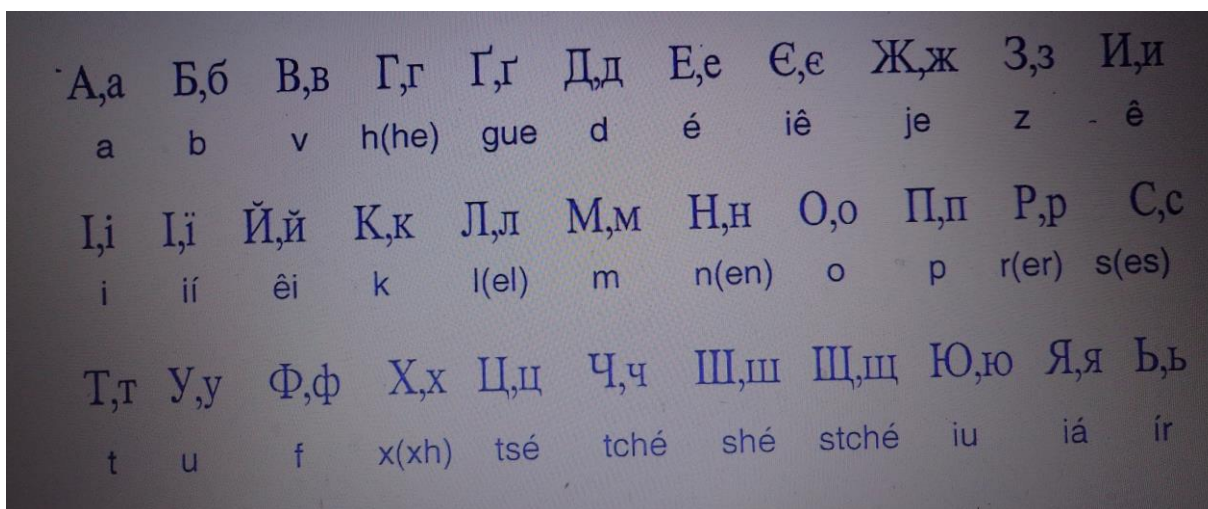
Como aluno da Quinta Série na escola em Marcondes, passei então a fazer o mesmo trajeto a pé que meus amigos faziam para frequentar a catequese na igreja ucraniana de Marcondes, deslocando-me todas as tardes até à escola. Foi aí então que comecei a perceber de forma mais significativa as diferenças de etnicidade: percebi que os descendentes de

“brasileiros”, “poloneses” e “ucranianos” ali residentes não formavam exatamente uma única e grande comunidade, mas que as relações entre os grupos eram contraditórias, pois nem sempre havia acordo em como resolver certas questões, e o lado étnico sempre pesava em favor do ramo étnico ao qual se pertencia.

No colégio Estadual deparei-me com uma dificuldade inesperada: a disciplina de língua ucraniana. Eu não era descendente de eslavos e não sabia uma palavra sequer da língua ucraniana, embora no ensino primário e nas amizades de infância eu tenha tido colegas que a falavam. As aulas eram encenadas, e a professora, uma catequista, nos ensinava a compreender os cantos, os números, os dias da semana, os meses do ano os quais eram desenhados em folhas A4 para que nós repetíssemos em voz alta. Havia também aulas em forma de diálogos com temas variados: higiene, clima e demais situações cotidianas. A aula era quase toda em ucraniano. Para a maioria dos alunos aquilo parecia lugar comum, pois eles sabiam quase tudo e tinham facilidade em repetir as frases e responder as perguntas da professora Julia.

Para mim, no entanto, aquilo tudo representava uma dificuldade enorme, pois a língua era-me estranha e o alfabeto bastante complicado. Agora, tantos anos depois, no momento desta pesquisa, penso nas dificuldades que alguns de meus entrevistados, descendentes de ucranianos, afirmaram ter tido quando se depararam com as mesmas dificuldades para aprender a língua portuguesa que eu havia tido para tentar aprender a língua eslava. O caminho era o oposto, mas isso me fez refletir acerca dos problemas enfrentados pelos imigrantes em função do idioma. Consigo compreender agora, em parte pelo menos, suas angústias com relação, sobretudo, ao ensino do alfabeto português, pois eu também vivenciei tal situação, ainda que eu vivesse num momento em que aprender ou não a língua ucraniana não representava uma obrigação, já que tal disciplina de forma isolada não me impediria de avançar nos estudos. A dificuldade na alfabetização para quem é “brasileiro” aprender o ucraniano, ou o contrário, está especialmente, penso, na diferença dos alfabetos. Na língua portuguesa usa-se o alfabeto latino com 26 letras, já na língua ucraniana utiliza-se o alfabeto cirílico, que possui 33 letras.

IMAGEM 1: ALFABETO CIRÍLICO UCRANIANO COMPLETO



FONTE: SIMIONATO, Marta Maria. *O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no Sul do Brasil*. Florianópolis: UFSC, 2012. (Tese de Doutorado). p. 279.

Entre os anos de 1997 e 2000, nos quais permaneci como aluno do Colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen, assisti aulas de língua ucraniana nos dois primeiros anos, ou seja, na quinta e sexta séries. Então, nos dois últimos, sétima e oitava séries, a disciplina de língua estrangeira passou a ser o inglês. Mas, naquela época eu apenas via a dificuldade e nada mais: a cultura, a identidade, as relações de poder eram algo muito distantes na cabeça de um adolescente mergulhado naquele universo onde as diferenças culturais eram em grande medida “naturalizadas”.

Entre 2001 e 2003 passei a frequentar o Colégio Estadual Barão de Capanema, localizado na parte urbana de Prudentópolis, no centro da cidade. Minha família também se mudou da Linha Maurício Faivre, fato que facilitou meus estudos. A questão da língua permaneceu como um “não problema”. Em 2004, após passar no vestibular, passei a estudar como aluno de graduação do curso de Licenciatura em História da UNICENTRO, *Campus* de Irati. Me formei em 2007 e nos dois anos seguintes continuei como aluno da Instituição numa Especialização em História Cultural entre os anos de 2008 e 2009. No entanto, até então a língua ucraniana e a disciplina do idioma eslavo continuavam fora de meu horizonte de pesquisas.

Ainda no ano de 2008 trabalhei como professor substituto na disciplina de História em turmas do Ensino Fundamental e Médio da cidade de Prudentópolis³. Nos anos de 2009 e

³ Na ocasião atuei nos colégios Estadual Barão de Capanema e Vila Nova, ambos na área urbana, e no Colégio Estadual Papanduva de Cima, este localizado na área rural.

2010 me afastei da sala de aula, pois passei a integrar um Projeto de Extensão intitulado “Memórias da Casa e da Escola”, projeto vinculado ao Programa Universidade sem Fronteiras, na UNCENTRO.

Em 2011 voltei a lecionar, agora no Colégio Estadual Imaculada Conceição, na zona rural. Ali trabalhei com turmas do Ensino Fundamental anos finais e, nesse colégio, a disciplina de língua ucraniana faz parte da grade curricular, não mais como no colégio Prefeito Antônio Witchemichen, onde a matéria era oferecida em dois anos. No Colégio Imaculada Conceição a disciplina de língua ucraniana era ofertada em todos os anos finais do Ensino Fundamental.

Foi convivendo cotidianamente com professores e alunos do Colégio Imaculada Conceição, onde a língua ucraniana é falada naturalmente entre muitos que voltei a lembrar meus anos de aluno, conforme relatado acima, e do convívio com meus colegas e professores da época. Lembrei-me novamente, por exemplo, das dificuldades que eu tinha para aprender no mesmo ritmo que os colegas descendentes de ucranianos. E foi só aí então que me dei conta o quão era excepcional minha situação de estudante brasileiro num lugar onde o “estrangeiro” era eu próprio.

Foi então, revivendo meus anos de estudante primário, que percebi que estava diante de um tema bastante interessante e com um objeto rico para ser esmiuçado numa pesquisa de mestrado em história: a língua ucraniana nas escolas e no cotidiano de parte da população do município de Prudentópolis como instrumento de valorização cultural e relação de poder dos grupos étnicos que predominaram e predominam ainda em grande medida na cultura local.

No entanto, algumas mudanças significativas acerca das disciplinas de língua estrangeiras haviam ocorrido na grade escolar das escolas do estado do Paraná. Na última década do século XX, lembro que era comum dividir a carga horária entre inglês e ucraniano nos colégios do município. Atualmente, no entanto, isso não mais é permitido, pois desde 2006 a Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná, a partir da Superintendência da Educação obrigou os colégios a optar por apenas uma disciplina de língua estrangeira no currículo⁴. Em todos os colégios do município, seja na zona urbana ou na zona rural, a opção foi pela língua inglesa, seguindo a moda geral. A exceção foi o Colégio Imaculada Conceição, que optou por implantar a língua ucraniana como língua estrangeira obrigatória no currículo da escola.

⁴ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Superintendência da Educação. *INSTRUÇÃO Nº 04/2005* – SEED/SUED. 2005. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucao042005.pdf>. Acesso em 10/03/2013.

O Colégio Imaculada Conceição está localizado em Linha Ligação, zona rural do município de Prudentópolis, a cerca de 60 km da área urbana do município. Além dos alunos residentes em Ligação o colégio atende aproximadamente 29 comunidades/linhas. Algumas dessas linhas, conforme a tabela 1, localizam-se a quase 30 quilômetros de distância de Ligação. No entanto, a precariedade da manutenção das estradas rurais da região aparentam tornar as viagens dos alunos até à escola ainda mais distantes, além de cansativas, especialmente nos dias chuvosos pois quando chove, o traslado dos alunos é praticamente impossível.

Diante desse quadro, coloquei-me algumas questões, como por exemplo: por que o Colégio Estadual Imaculada Conceição optou por manter a disciplina de língua ucraniana, quando todos os demais colégios optaram pelo inglês? Qual a importância que a comunidade de Ligação atribui à disciplina? Como o idioma aparece no jogo das identidades? Como a disciplina e o uso da língua ucraniana pode ser uma manifestação de poder?

Para a confecção do projeto inicial, e depois este texto da Dissertação, utilizei como fontes depoimentos orais com pessoas residentes em Ligação. O critério foi o fato de elas residirem na comunidade e possuírem alguma ascendência ucraniana. Além dos moradores foi realizada entrevista com o diretor do Colégio Estadual Imaculada Conceição e com o diretor do Colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen, bem como duas professoras que já trabalham com a disciplina de língua ucraniana. Com os alunos dos dois referidos colégios foi realizado um levantamento a partir de um questionário para sabermos qual a composição étnica e o uso da língua desses alunos.

Outros tipos de fontes utilizadas foram os documentos oficiais dos estabelecimentos escolares e da Secretaria Estadual da Educação do Estado do Paraná: Projeto Político Pedagógico (PPP), Regimentos Escolares, Ata do Colégio Imaculada Conceição sobre a escolha da disciplina de língua estrangeira moderna, Diretrizes Curriculares da Educação, Instruções Normativa da Secretaria da Educação do Estado do Paraná sobre a exigência da escolha de uma única disciplina de língua estrangeira moderna no Ensino Fundamental.

No que diz respeito ao processo migratório foi utilizado, além de autores e bibliografia especializada, Leis e Decretos do governo incentivando ou restringindo a imigração, seja ela subvencionada ou particular.

Neste trabalho foi utilizado como metodologia a história oral e a análise de fontes escritas. Segundo Antônio Torres Montenegro: “O depoimento oral e as fontes documentais

escritas se completam, embora requeiram tratamento técnico/metodológico específico”⁵. No caso das fontes sobre o uso da língua ucraniana em Prudentópolis e a respeito da disciplina do idioma ucraniano é imprescindível a conjugação desses dois tipos de documentação.

Nesse sentido, como afirma Delgado, a história oral “é uma metodologia primorosa voltada à produção de fontes de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”⁶. Esta tem o mesmo valor verossímil do documento escrito. Como salienta Verena Alberti: “A entrevista tem valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam”⁷. Da mesma forma que o documento escrito não fala por si mesmo, tendo nas entrelinhas muitas informações submersas, o depoimento oral pode estar repleto de reticências. Portanto, a conjugação de diferentes fontes nos permite maior embasamento.

No que diz respeito ao quadro teórico o conceito de poder de Michel Foucault nos ajudará a pensar nas relações de poder que se estabeleceram em Ligação no momento da escolha da disciplina. O poder, como afirma o filósofo francês, não é efetivamente visível, mas pode ser percebido em ações minúsculas a partir de micro poderes. Foi tentando perceber nas entrelinhas dos depoimentos e dos documentos escritos referentes ao tema que procurei desvendar onde se localizava o poder, onde e como esse poder que defende a importância e o fortalecimento da língua ucraniana no currículo escolar local se manifestava e se manifesta de forma mais palpável.

Os conceitos de proveniência e emergência do método genealógico foucaultiano também nos serão importantes para melhor compreendermos o estado de disputa em que os ucranianos em Ligação saíram vitoriosos. Com esses conceitos, Foucault combate a origem das tradições – no nosso caso: a origem do poder da cultura ucraniana em Prudentópolis – como uma origem metafísica, inventada, orquestrada por relações de poder mais ou menos conscientes, em detrimento do efêmero, do fugaz, do não-dito, do derrisório, etc. que, para ele, demarcariam efetivamente as origens históricas destas tradições e poderes⁸.

O conceito de identidade, a partir de alguns autores, Stuart Hall⁹, Anthony Giddens¹⁰, Zygmunt Bauman¹¹, Lawrence Grossberg¹², Homi K Bhabha¹³ e Fredrik Barth¹⁴, nos leva a

⁵ MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 22.

⁶ DELGADO, Lucila de Almeida Neves. *Historia oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 44.

⁷ ALBERTI, Verena. *Ouvir contar textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 19.

⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

⁹ HALL, Stuart. Introducción: ¿quién necesita “identidad”? In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. Ver também: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

¹⁰ GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. De peregrino a turista, o una breve historia de la identidad. In: HALL, Stuart. DU GAY,

pensar a identidade como algo relacional, que se efetiva frente ao outro. Em *Ligação* o “outro” pode ser o descendente de polônês ou o “brasileiro” e a língua vai, em certa medida, estabelecer essa fronteira invisível. Lugar de separação, mas também de encontro.

Os conceitos de tática e estratégia de Michel de Certeau¹⁵ também nos ajudam a pensar a situação dos imigrantes e dos descendentes de imigrantes ucranianos e o uso da língua num momento em que a diminuição do uso do idioma é cada vez mais acentuada.

Para tentar responder as questões postas acima, dividimos a dissertação em três capítulos. No primeiro fazemos uma discussão a respeito da Imigração dividida em três partes, na primeira a atenção está voltada para a imigração no contexto nacional, o texto é uma discussão historiográfica acerca do processo imigratório e da legislação que regia esse movimento. Na segunda parte do capítulo há uma discussão sobre esse tema com ênfase para o Estado do Paraná. E por fim o primeiro capítulo insere o município de Prudentópolis no contexto paranaense e nacional.

No segundo capítulo tratamos como o uso da língua ucraniana em *Ligação* está atrelado à questão étnica e identitária. A partir de depoimentos de moradores da comunidade fazemos alguns apontamentos sobre o uso da língua no cotidiano e como ele está presente nas gerações mais novas. Posteriormente fazemos uma discussão acerca do conceito de identidade e identidade étnica. Na sequência tecemos algumas considerações acerca da identidade étnica ucraniana em *Ligação* de acordo com o uso da língua a partir do arcabouço teórico discutido.

No terceiro capítulo tratamos das manifestações de poder a partir da disciplina de língua ucraniana. No primeiro item do capítulo apresentamos uma contextualização da presença das disciplinas de língua estrangeira nos currículos escolares das escolas brasileiras. No segundo item apresentamos a presença da língua ucraniana nos colégios estaduais de Prudentópolis, naqueles que ofereciam a disciplina na grade e agora oferecem em contra turno, além do colégio Imaculada Conceição que manteve em sua grade o idioma eslavo. Na sequência tratamos da significativa presença da Igreja Católica Ucraniana em alguns colégios estaduais do município. Presença que pode ser atestada seja pelas homenagens póstumas a religiosos, que tiveram seus nomes dados aos colégios, seja na presença de irmãs e catequistas nas gestões desses estabelecimentos. No quarto item tentamos perceber como a disciplina se

Paul. *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

¹² GROSSBERG, Lawrence. Identidad y estudios culturales: ¿no hay nada más que eso?. In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

¹³ BHABHA, Homi K. El entre-medio de la cultura. In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

¹⁴ BARTH, Fredrik. Introducción. In: BARTH, Fredrik (compilador). *Los grupos étnicos y sus fronteras*. Fondo de cultura económica: México, 1976.

¹⁵ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

porta no jogo entre táticas e estratégias. No quinto item apresentamos uma discussão acerca das relações de poder acerca do uso da língua, da escolha da disciplina e do próprio local onde se localiza a escola para que essas manifestações de poder possam se efetivar.

TABELA 1: LINHAS ATENDIDAS PELO COLÉGIO ESTADUAL IMACULADA CONCEIÇÃO¹⁶

Linha	Distância de Ligação em KM
Água Quente	18
Alto Barra Grande	19
Barra das Canoas	17
Herval Bonfim	12
Herval Fraqueza	08
Herval Fraqueza 2º Secção	11
Herval Sede	10
Ivaí Boa Vista	10
Jaciaba	15
Lageado Raso	08
Macacos	14
Marrecas de Cima	27
Marrecas de Baixo	20
Pimental 1º Secção	11
Pimental 2º Secção	06
Poço dos Anzóis	16
Rio Belo	18
São Miguel do Herval	22
São Francisquinho	12
São Francisco	21
Senador Correia	24
Serra da Esperança	25
Serra da Gralha	04
Vitorino	18

FONTE: Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Imaculada Conceição.

¹⁶ O PPP do Colégio ressalta que são aproximadamente 29 comunidades atendidas pelo estabelecimento, no entanto as 24 linhas da tabela 1 são as comunidades que o documento especifica.

CAPÍTULO I

IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

1.1. A IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL NO SÉCULO XIX

No final do século XIX a necessidade de se atrair imigrantes para o Brasil cresceu. Entre as diversas razões que poderiam estar por trás dessa questão, uma delas merece destaque especial: a falta de mão de obra decorrente do processo abolicionista. Em meados do século XIX, com a lei Eusébio de Queiroz, torna-se crime traficar escravos da África para o Brasil. Essa atividade tolerada e até incentivada pelo governo durante séculos, a partir de 1850 passou a ser combatida pelo governo devido a pressões internas e externas. Na sequência, outra lei que mexeu com o sistema escravista foi a lei do ventre livre. Embora essa lei não tenha tido grande efeito prático, como esperavam os favoráveis à medida, ela mexeu na relação do executivo com os senhores de escravos.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda¹⁷, a ingerência do imperador em trocar os ministros, substituindo, por exemplo, o liberal Zacarias de Goes pelo conservador Joaquim José Rodrigues Torres – o Visconde de Itaboraá - e exigindo que fosse colocada em pauta a questão “servil”, teria servido para aumentar a instabilidade do governo imperial e tornar cada vez mais iminente a falta de braços para as lavouras. Em meados da década de 1880 foi aprovada a lei Saraiva e Cotegipe conhecida como lei dos sexagenários, mais um paliativo na luta abolicionista. Até que em 1888, na data de 13 de maio daquele ano, a princesa Isabel assinou a lei Áurea colocando fim a mais de três séculos de escravidão no Brasil.

No entanto, a vinda de imigrantes para o Brasil não se restringe à falta de braços para o trabalho nas lavouras de café que estavam aumentando principalmente nos atuais estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais. De acordo com Maria Thereza Schorer Petrone, a imigração e a colonização de áreas desocupadas a partir de pequenas propriedades policultoras era um processo interligado¹⁸.

A necessidade de se atrair pessoas para o Brasil é anterior ao século XIX. Segundo Luiza Horn Iotti: “A Provisão Régia de 09 de agosto de 1747, que dispõe sobre a condição e o estabelecimento de casais de açorianos em terras brasileiras, pode ser considerado como o

¹⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II. O Brasil Monárquico: 5º Volume. Do Império à República. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

¹⁸ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O imigrante e a pequena propriedade*. São Paulo: Brasiliense, 1982.a. p. 7.

marco inicial do processo de colonização no Brasil”¹⁹. No entanto, a autora ressalta que os açorianos eram súditos da coroa portuguesa e, portanto, não eram propriamente imigrantes estrangeiros no sentido estrito da expressão.

A imigração estrangeira para o Brasil começa de fato a partir do Decreto de 25 de novembro de 1808, o qual concedia aos estrangeiros que moravam no Brasil o direito de explorarem sesmarias e, em 1818, quando o governo de D. João VI autorizou diversas famílias a se instalarem no Rio de Janeiro onde posteriormente se formaria Nova Friburgo.²⁰

Iotti destaca que: “Pode-se perceber que a política de imigração e colonização, adotada no Império, atravessou diferentes momentos, conforme os interesses dos grupos que estiveram no poder”²¹. A autora destaca que durante o curto reinado de D. Pedro I a política imperial visava assegurar a defesa do território nacional com a vinda de estrangeiros, principalmente como pequenos proprietários. A vinda desses imigrantes seria financiada pelos cofres governamentais, porém, isso causou a oposição dos grandes proprietários, pois, aos olhos dos grandes latifundiários, não seria interessante a formação de colônias onde os colonos fossem ao mesmo tempo trabalhadores da terra e proprietários da mesma.

A principal oposição, segundo Petrone, vinha dos cafeicultores paulistas: “Os fazendeiros paulistas sempre foram contra a doação de terras aos imigrantes, pois não lhes interessava a existência de uma classe de pequenos proprietários”²². Os latifundiários do *império do café*, conforme salienta a autora, concordavam com a imigração desde que essa fosse voltada para a atração de mão de obra para os cafezais.

A concorrência dos cafeicultores pela mão de obra não era apenas ideológica, ela era extremamente lucrativa; mesmo no período anterior à Lei Áurea haviam fazendeiros que começavam a optar pelo braço imigrante devido à produtividade das lavouras por eles cuidadas. De acordo com Petrone um cafezal com cerca de 1000 plantas tratado por escravos

¹⁹IOTTI, Luiza Horn. Imigração e colonização. 2003.p.2. Disponível em:http://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucho/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v3n5/doc/07-Luiza_Iotti.pdf. Acesso em 14/03/2013.

²⁰PETRONE, Maria Thereza Schorer. 1982. Op Cit. p. 8.

²¹IOTTI, Luiza Horn. *A política imigratória brasileira e sua legislação – 1922 – 1914*. X Encontro Estadual de História: O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. Santa Maria – RS: UFSM, 2010. p. 2. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1273883716_ARQUIVO_OBRASILEAIMIGRACAO.pdf Acesso em 14-03-13.

²²PETRONE, Maria Thereza Schorer. Imigração assalariada. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II: O Brasil monárquico: 3º Volume. Reações e Transações*. São Paulo: Difel, 1982. p. 291.

produzia entre 30 e 40 arrobas por safra, enquanto uma plantação com o mesmo número de pés tratada por imigrantes rendia entre 80 a 100 arrobas²³.

Durante o período da Regência (1831-1840) a imigração subvencionada foi abandonada e os núcleos criados por D. Pedro I foram abandonados. Há um crescimento do incentivo governamental para a imigração a partir do final da década de 1840, especialmente a partir da Lei nº 514 de 28 de outubro de 1848.

As tímidas tentativas durante o reinado de D. Pedro I para se atrair imigrantes foram barradas no período regencial, mas D. Pedro II retomou, de certa maneira, a política imigratória do pai. Uma diferença significativa residia no fato de D. Pedro II dividir com as províncias a responsabilidade de se formar colônias de imigração. Para isso, com a Lei 514 o Imperador concedia terras devolutas às províncias para esse fim:

Art. 16º A cada huma das Provincias do Imperio ficão concedidas no mesmo, ou em diferentes lugares de seu territorio, seis leguas em quadra de terras devolutas, as quaes serão exclusivamente destinadas á colonização, e não poderão ser roteadas por braços escravos.

Estas terras não poderão ser transferidas pelos colonos em quanto não estiverem effectivamente roteadas e aproveitadas, e reverterão ao dominio Provincial se dentro de cinco annos os colonos respectivos não tiverem cumprido esta condição²⁴.

Outra diferença importante entre a política imigratória de D. João VI e D. Pedro I quando comparadas com o sistema adotado no segundo reinado, pode ser detectada na Lei de Terras, pois ela aboliu a doação de terras para instituir a compra como única forma de se adquirir uma propriedade.

Ao repassar para as províncias parte da responsabilidade de se colonizar o país, o governo imperial propiciou aos governos provinciais direitos para definirem suas próprias políticas de imigração. A transformação das terras em mercadoria facilitou a entrada da iniciativa privada no esforço de se trazer imigrantes para o Brasil, pois no processo de compra e venda e de acordo com o número de imigrantes que aportavam em terras brasileiras as companhias de imigração alcançavam seus ganhos.

Os lucros que se obtinha com a criação de núcleos coloniais eram grandes, o que estimulava Companhias a investirem na atividade. Conforme ressaltado por Petrone:

²³ PETRONE, Maria Thereza Schorer. Op Cit. p. 287.

²⁴BRASIL. *Lei nº 514 de 28 de outubro de 1848*. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=79736&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PU> . Acesso em 17/03/2013.

Inúmeros são os exemplos nos três estados sulinos em que particulares ou sociedades lançaram-se a organizar núcleos coloniais. Obtinham a terra a baixo custo do Estado ou de particular, e dividiam a área em lotes e os vendiam aos imigrantes. Além do lucro proveniente da venda dos lotes, em geral asseguravam para si algumas atividades mais lucrativas como, por exemplo, o comércio, além de manterem em seu poder bom número de lotes que só eram vendidos mais tarde, quando o trabalho do imigrante já iniciara a valorização fundiária.²⁵

A partir de 1850 até 1889, segundo Iotti, foram criadas 250 colônias no Brasil, sendo que 197 (78,8%) eram fruto da iniciativa privada e apenas 3 (1,2%) eram provinciais ²⁶. Portanto, embora a Lei 514 de 28 de outubro de 1848 repassasse parte da responsabilidade às províncias no intuito de promover a imigração, elas preferiram, seja por falta de recursos ou por questões políticas, entregar à iniciativa privada essa tarefa que, com a Lei de Terras, vislumbrava muitos dividendos com a atividade. No entanto, o fluxo imigratório era pequeno devido justamente às condições impostas pela Lei de Terras, ou seja, colonos sem recursos financeiros eram inibidos a virem para o Brasil.

As pessoas muitas vezes saíam da Europa devido a problemas financeiros e buscavam em outros lugares do globo uma oportunidade de melhorar de vida. De acordo com Petrone: “Um dos principais aspectos desse fenômeno das migrações transoceânicas é justamente a miragem ou a possibilidade de acesso à propriedade fundiária”²⁷. Mas, como seria isso possível se ao chegarem ao Brasil, além de começarem o cultivo da terra praticamente da estaca zero, deveriam antes pagar à vista a propriedade? Para tentar contornar essa situação, o governo imperial, entre outras medidas, lançou mão do Decreto nº 3784 de 19 de janeiro de 1867. No artigo 6º do referido decreto havia especificações para as formas de pagamento dos lotes. Uma das condições era o pagamento em cinco prestações, sendo que a primeira só deveria ser paga no final do segundo ano do estabelecimento do imigrante no referido lote:

Art. 6º Os colonos, á sua chegada, poderão escolher livremente o lote, a que derem preferencia, pagando á vista o preço fixado segundo a respectiva classificação.

Para os que comprarem a prazo se adicionaráõ, ao preço marcado 20%, e será o pagamento feito em cinco prestações iguaes, a contar do fim do segundo anno de seu estabelecimento.

²⁵ PETRONE, Maria Thereza Schorer. Op Cit. p. 37.

²⁶ IOTTI, Luiza Horn. 2010. Op Cit. p. 6

²⁷ PETRONE, Maria Thereza Schorer. Op Cit. p. 11.

O colono, porém, que pagar antes dos respectivos vencimentos terá um abatimento de 6%, correspondente ao total da prestação, ou prestações antecipadas.²⁸

Outros artigos do Decreto buscam atrair imigrantes oferecendo facilidades no momento de seu estabelecimento. Do artigo 28º ao 35º diversas ações são previstas para esse fim: edifícios para acomodação provisória dos imigrantes recém-chegados; uma ajuda na quantia de 20\$000 reis por pessoa, desde que maior de 10 e menor de 50 anos, no momento do estabelecimento do colono em seu lote; sementes necessárias ao plantio; contratação dos colonos pelos administradores da colônia nos primeiros meses da chegada ao Brasil, entre outras ações.

No entanto, apenas em meados da década de 1870 o fluxo imigratório vai aumentar significativamente. A partir da década de 1870 há um recrudescimento do movimento e das leis abolicionistas, fato positivo a favor da imigração. A Lei do Ventre Livre, embora tenha obtido poucos resultados práticos em favor do movimento contrário à escravidão, teve um efeito nefasto para o regime imperial de D. Pedro II. Segundo Raymundo Faoro, as discussões acerca da Lei do Ventre Livre e a ingerência do Poder Moderador tiveram como principal efeito nocivo ao regime imperial de D. Pedro II a fundação do Partido Republicano: “A queda do gabinete Zacarias, com a entrada de Itaboraí, acendeu as chamas de um vasto incêndio, que teve seu ponto mais ardente no Manifesto Republicano de 1870”²⁹.

Ainda a respeito da Lei do Ventre Livre, José Murilo de Carvalho explica que ela teria mexido nas bases de sustentação do regime imperial, ou seja, os latifundiários e grandes cafeicultores senhores de escravos: “A lei tivera (...) o sentido inequívoco de tornar indiscutível o fim próximo da escravidão e de mostrar aos escravistas que não teriam a Coroa a seu lado”³⁰. Com essa postura do governo, tornava-se cada vez mais iminente o fim do trabalho escravo e aumentava a importância das políticas de atração de imigrantes.

Findo o Império, os esforços do governo republicano continuaram no sentido de povoar as regiões de pouca densidade demográfica, atender a demanda de braços para o trabalho nos latifúndios do café e assegurar as fronteiras. No Decreto Nº 163 de 16 de janeiro de 1890, o governo do Marechal Deodoro já estabelecia medidas para esse fim:

²⁸BRASIL. *Decreto nº 3784 de 19 de janeiro de 1867*. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=74736&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PU>. Acesso em 14/03/2013.

²⁹ FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Editora Nacional/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. p. 94.

³⁰ CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de sombras: a política imperial*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Vértice/IUPERJ, 1988. p. 74.

Considerando que a immensa extensão territorial do Brazil, em sua quasi totalidade ainda não apropriada individualmente, permite ao Governo da Republica, no interesse della e das classes trabalhadoras, proporcionar-lhes a posse de terrenos cuja exploração permitta o sustento dos membros dessas classes e a consequente moralisação do povo, pela instituição regular da familia, do domicilio e da propriedade;

Considerando a urgente necessidade do povoamento das nossas fronteiras, especialmente da fronteira amazonica, ainda em grande parte contestada por governos europeus e até hoje totalmente indefesa;³¹

O Decreto do Marechal visava criar colônias na região de fronteira do Brasil com a Venezuela, Colômbia, Guyana e Suriname. Essas colônias seriam nacionais, ou seja, formadas por brasileiros e receberiam semelhantes condições à dos europeus para se estabelecerem. Com isso, objetivava-se mostrar ao colono brasileiro que o governo republicano não o desamparava frente ao imigrante estrangeiro. A justificativa para formar na região da chamada “Guyana Brasileira” núcleos coloniais formados por brasileiros se devia ao fato da mais fácil adaptação deste:

Considerando que as condições peculiares áquella região não comportam, para o povoamento della, outra colonização mais apta do que a de filhos do Brazil, cuja organização physiologica já se amoldou, por effeitos de habitos seculares, a acção do mais ardente clima equatorial e de outros agentes naturaes propios do territorio amazonense;³²

No ano de 1890 foi dado grande impulso à imigração pelo recém-formado governo republicano. O Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890, nos seus três primeiros artigos, deixa claro quem pode e quem deve ser impedido de entrar no país. Os artigos demonstram a preocupação do governo em atrair para o Brasil trabalhadores agrícolas e, junto a isso, trazem um preconceito étnico com relação aos asiáticos e africanos. Interessante ressaltar a restrição aos africanos, pois, como escravos, eles eram aptos ao trabalho, mas como trabalhadores livres e com a possibilidade de serem pequenos proprietários eram indesejados:

Art. 1º E' inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa

³¹BRASIL. *Decreto Nº 163 de janeiro de 1890*. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=64363&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PU>. Acesso em 14/03/2013.

³²BRASIL. *Decreto Nº 163 de janeiro de 1890*. Op Cit.

que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas.

Art. 2º Os agentes diplomaticos e consulares dos Estados Unidos do Brazil obstarão pelos meios a seu alcance a vinda dos imigrantes daquelles continentes, comunicando immediatamente ao Governo Federal pelo telegrapho quando não o puderem evitar.

Art. 3º A policia dos portos da Republica impedirá o desembarque de taes individuos, bem como dos mendigos e indigentes.³³

A postura do governo republicano, diante do exposto no Decreto supracitado se ajustava às ideias relacionadas às questões referentes à eugenia e ao branqueamento da população, temas em voga no século XIX³⁴. A rejeição de imigrantes da Ásia já era conhecida. De acordo com José Murilo de Carvalho, nos Congressos Agrícolas no Recife e no Rio de Janeiro em 1878 alguns apoiavam a vinda de *chins* por serem trabalhadores e submissos, mas outros rejeitavam por os considerarem imorais e viciados³⁵.

A recusa da entrada de africanos no Brasil pelo governo republicano também não era novidade. De acordo com Petrone, na década de 1870 o Barão de Paranapiacaba, João Cardoso de Menezes e Sousa, elaborou projeto de lei que tornava nulo os contratos realizados com africanos, sejam de prestação de serviços ou de parcerias³⁶.

Outra preocupação do governo republicano era não parecer demasiado inclinado a benefícios em favor dos imigrantes em detrimento dos brasileiros. Para tanto, o governo oferecia as mesmas condições aos brasileiros que por ventura se instalassem nas colônias:

Art. 42. Sobre o numero total das familias de immigrants que forem localizados, poderão ser admittidos 25 % de nacionaes, comtanto que sejam morigerados, laboriosos e aptos para o serviço agricola, os quaes terão direito aos mesmos favores concedidos áquellas.³⁷

Como podemos perceber nesse artigo, o governo se preocupava em oferecer aos nacionais condições iguais para que não houvesse descontentamento no Brasil, mas os imigrantes estavam chegando justamente para suprir a falta de braços, principalmente nas lavouras do Sudeste. Remanejar brasileiros seria resolver um problema e criar outro, pois, além da instalação desses em novas áreas, deveria haver uma reposição no local de onde eles

³³BRASIL. Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890. Disponível em: http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=528&tipo_norma=DEC&data=18900628&link=s. Acesso em 14/03/2013.

³⁴ A respeito dos temas relacionados à questões raciais e da eugenia podemos ver em Sidney Chalhoub como os romancistas do século XIX estavam atentos a isso. CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 129-130.

³⁵ CARVALHO, José Murilo de. Op cit. p. 72.

³⁶ PETRONE, Maria Thereza Schorer. Op Cit. p. 43.

³⁷ BRASIL. Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890. Op Cit.

sairiam. Para não gerar esse problema e não sofrer críticas por desamparar o trabalhador nacional em favor do estrangeiro, o governo de Deodoro da Fonseca estipulou que não ultrapasse 25% do total o número de brasileiros.

O fluxo imigratório da Europa para o Brasil no final do século XIX alcançou números significativos, e podemos atribuir esse crescimento às medidas tomadas pelo governo Federal, mas, principalmente, pela atuação das companhias que aliciavam europeus para virem ao Brasil. Como essas companhias obtinham seus lucros de acordo com o número de imigrantes que desembarcavam nos portos brasileiros, para elas a real infraestrutura dos núcleos coloniais e os reais recursos do governo não eram muitas vezes levados em conta. Para não perder o controle o Governo Provisório passou a determinar que novos “núcleos agrícolas” fossem criados apenas com autorização do Congresso a partir do Decreto Nº 1187 de 20 de dezembro de 1890:

Art. 1º Os contractos para introdução de immigrants, assim como para a fundação de núcleos agrícolas, sómente serão feitos, de ora avante, á vista de autorização expressa do Corpo Legislativo e depois de consignados os fundos necessarios para occorrer ás respectivas despezas.

Art. 2º O Governo providenciará para que tenham o devido cumprimento os contractos existentes.³⁸

Com a Constituição de 1891, as províncias obtiveram a reafirmação de sua responsabilidade no processo colonizador e a criação de novos núcleos coloniais não passaria mais pelo crivo Federal como outrora no Império ou apenas com autorização do Congresso, conforme o Decreto Nº 1187. As províncias reafirmaram seu direito de gerir as terras devolutas em seus territórios. Segundo Iotti essa foi uma vitória importante dos federalistas que lutavam pela descentralização e dos cafeicultores que assim obtinham autonomia para atrair trabalhadores³⁹:

Art 64 - Pertencem aos Estados as minas e terras devolutas situadas nos seus respectivos territórios, cabendo à União somente a porção do território que for indispensável para a defesa das fronteiras, fortificações, construções militares e estradas de ferro federais.

Parágrafo único - Os próprios nacionais, que não forem necessários para o serviço da União, passarão ao domínio dos Estados, em cujo território estiverem situados.⁴⁰

³⁸BRASIL. *Decreto Nº 1187 de 20 de dezembro de 1890*. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=64752&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PU>. Acesso em 14-03-2013.

³⁹ IOTTI, Luiza Horn. 2010. Op Cit. 13.

⁴⁰ BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891)*. Disponível

A partir do início do século XX o governo Federal passou novamente a intervir no processo imigratório estabelecendo acordos com os Estados, com Companhias de viação férrea ou fluvial, associações, entre outros, de acordo com o Decreto Nº 9081 de 03 de novembro de 1911⁴¹. Essa intervenção possibilitou um aumento significativo de imigrantes até o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

A tabela 2 exemplifica os números de imigrantes desembarcados no Brasil na última década do Império e nas primeiras décadas da República. Observamos nela um número significativo de imigrantes entrando no país a partir das leis e decretos de incentivo e da atuação da iniciativa privada na virada do século XIX para o século XX.

O aumento do número de imigrados no final do século XIX é mais significativo quando fazemos uma comparação com a imigração do início do século XIX até a década de 1870. Segundo Maria Luiza Andreazza e Sérgio Odilon Nadalin, entre os anos de 1819 a 1849 cerca de 19.527 pessoas chegaram ao Brasil. Já entre os anos de 1850 e 1869 teria havido um significativo aumento no números de imigrantes, pois, segundo eles, foi registrada a entrada de cerca de 227.685 pessoas⁴². No entanto, os números ainda são muito inferiores aos registrados no final do século XIX e início do XX.

O que percebemos na tabela 2 é um alto número de imigrantes entre os anos de 1890 e 1899, ou seja, na primeira década do período republicano, palco das leis e decretos incentivando a imigração e da atuação sistemática das companhias privadas de imigração. O número de imigrantes continuou alto nas primeiras décadas do século XX, havendo uma variação maior dos países de origem desses imigrantes. Na década de 1890, o Decreto 528 de 28 de junho de 1890 fazia restrições claras aos asiáticos e africanos, mas, já na primeira década do século XX aparecem os japoneses na lista de imigrantes, demonstrando a queda de entraves para a facilitação do processo, mesmo com a força das teorias racistas em vigor, mas não mais com o eco de outrora.

em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao91.htm. Acesso em 20/03/2013.

⁴¹ IOTTI, Luiza Horn (Org). *Imigração e colonização*: legislação de 1747 a 1915. Porto Alegre/Caxias do Sul: Assembleia Legislativa do Estado do RS/EDUCS, 2001.

⁴² ANDREZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. *Imigrantes no Brasil*: Colonos e Povoadores. Curitiba: Nova Didática, 2000. p. 29.

TABELA 2: ENTRADA DE IMIGRANTES NO BRASIL POR DÉCADA

	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Alemães	Japoneses	Oriente Médio	Outros	TOTAL Década
1880-1889	104.690	277.124	30.066	18.901	-	-	17.841	448.622
1890-1899	219.353	690.365	164.293	17.084	-	4.215	103.017	1.198.327
1900-1909	195.586	221.394	113.232	13.848	861	26.846	50.640	622.407
1910-1919	318.481	138.168	181.651	25.902	27.432	38.407	85.412	815.453
TOTAL	838.110	1.327.051	489.242	75.735	28.293	69.468	256.910	3.084.809

Fonte: Adaptado a partir de: LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

Na tabela número 2 os ucranianos e os poloneses não aparecem. Em muitas estatísticas nacionais sobre o número de estrangeiros aportados em terras brasileiras esses dois grupos eslavos não são especificados. Mas, quando se trata do estado do Paraná a imigração eslava, e para o que nos interessa aqui, a imigração ucraniana, tem grande relevância. Esse cenário nacional, ainda que não seja autoexplicativo, aumenta a singularidade da imigração e da colonização no Sul do país.

1.2. O ESTADO DO PARANÁ NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO/COLONIZAÇÃO

No Paraná as populações vindas da Europa, principalmente, não chegavam, na grande maioria, para trabalharem nas plantações de café ou nas indústrias nascentes do país no final do século XIX e começo do XX. A imigração e colonização no Estado possuíram outras características daquelas do Sudeste cafeicultor, latifundiário e monocultor em grande medida.

Na década de 1830 parte dos políticos favoráveis à imigração destacavam que ela não deveria ser de responsabilidade única do governo central. De acordo com Sérgio Odilon Nadalin essa facção apregoava que às províncias tinha-se que atribuir parte dessa tarefa e do ônus desse encargo⁴³. Desse debate resultou a Lei Nº 514 de 28 de outubro de 1848, a qual, entre outras coisas, destinava terras às províncias para serem usadas na colonização com imigrantes europeus (lei já mencionada no item anterior).

O Paraná ainda era 5º Comarca de São Paulo nesse período, mas a possibilidade das províncias poderem implementar suas próprias políticas de colonização serão alvo de grande interesse no Sul do Brasil. Mas, os políticos e setores da sociedade que defendiam a criação de colônias de povoamento, não o faziam sem a oposição dos cafeicultores paulistas⁴⁴.

A Lei número 601 de 18 de setembro de 1850, mais conhecida como Lei de Terras, que tratava das terras devolutas e das condições de sua ocupação teve uma importância significativa no processo imigratório da segunda metade do século XIX e no processo de colonização da província desmembrada de São Paulo em 1853. No Paraná, o que se registrou, em maior medida, foi a pequena propriedade e não a chegada de colonos assalariados ou meeiros para trabalharem nos latifúndios. A Lei de Terras, de acordo com Nadalin, foi mais uma vitória dos cafeicultores:

Como a maior parte dos europeus desembarcados no Brasil não tinha recursos, restava-lhes a alternativa do trabalho nos latifúndios cafeeiros. De Fato, dos 4,5 milhões de imigrantes chegados ao Brasil entre 1850 e 1918, 2,5 milhões dirigiram-se para São Paulo⁴⁵.

⁴³ NADALIN, Sérgio Odilon. *Paraná: Ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED, 2001. p. 67.

⁴⁴ Idem. *Ibidem*.

⁴⁵ Idem. p. 70.

Os cafeicultores encontravam no Sul aliados fortes entre os pecuaristas no que dizia respeito ao acesso da terra. Segundo Nadalin os criadores de gado “receavam a ocupação dos campos pelo estrangeiro”⁴⁶. De acordo com a Lei de Terras, no seu artigo primeiro: “Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra”⁴⁷. No Sudeste esse fato facilitou a atração de trabalhadores para os latifúndios monocultores. De acordo com Carlos Roberto Antunes dos Santos: “Portanto, a Lei de Terras, ao dificultar o acesso à propriedade ao conjunto da população campesina, ao mesmo tempo colocava este coletivo aos ditames do capital”⁴⁸.

No Sul, mais especificamente no Paraná, a lei permitiu que os imigrantes se tornassem pequenos proprietários, ainda que a mesma obrigatoriedade da compra pudesse inibir o colono sem posses. As terras de campo, consideradas mais valiosas, ocupadas por criadores de gado, já estavam tomadas. Dessa forma as terras cobertas de florestas, rejeitadas a princípio pelos criadores de gado, foram o destino no Paraná de milhares de imigrantes no final do século XIX e início do século XX.

No artigo 17º, da mesma lei, ficava estabelecido que o estrangeiro que comprasse terras no Brasil poderia ser naturalizado após dois anos de residência, e para isso o governo seguiria o mesmo procedimento adotado com habitantes da colônia São Leopoldo - RS. Com isso o governo objetivava tornar atraente ao colono a ideia da aquisição de um lote em uma colônia de imigrantes.

No Paraná, de acordo com Nadalin, três questões principais nortearam as discussões acerca da imigração para o Paraná. A primeira dizia respeito ao processo abolicionista impulsionar a imigração, a segunda questão era devido à falta de gêneros alimentícios e a terceira estava relacionada ao fato da província ter se desmembrado de São Paulo a pouco tempo e apresentar uma baixa densidade demográfica⁴⁹.

Os debates em torno do fim da mão de obra escrava vão acabar gerando problemas na província paranaense como se verá na sequência, mas em si ela não representava um problema nas mesmas proporções que em São Paulo. Já as questões em torno dos gêneros alimentícios e do povoamento propriamente dito, serão de vital importância.

A questão dos “vazios populacionais” era tema constante antes e mesmo depois da emancipação política. De acordo com Ruy Christovam Wachowicz: “No início do século

⁴⁶ NADALIN, Sérgio Odilon. Op Cit. p. 70.

⁴⁷ BRASIL. *Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm. Acesso em 28-05-2013.

⁴⁸ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *Vida material e econômica*. Curitiba: SEED, 2001. p. 75.

⁴⁹ NADALIN, Sérgio Odilon. Op cit. p. 73-74.

XIX, era o território paranaense uma região mal povoada, com sertões brutos e desabitados, inclusive em áreas não muito distantes da capital”⁵⁰.

Por trás da questão fronteiriça devido à recente emancipação política da província a questão era de ordem populacional. De acordo com Nadalin “se buscava na realidade **resolver uma questão demográfica**, ou seja, o governo do Paraná procurava preencher um modelo de população”⁵¹. Portanto, além do número havia na época um ideário quanto ao imigrante desejado. Ou seja, o governo provincial paranaense, a partir de ideias eugenistas e de branqueamento buscava um imigrante “laborioso” e “morigerado”.

De acordo com Lucimara Koss as motivações para se “tocar” a empresa imigrante eram múltiplas. O sucesso do processo imigratório seria o sucesso da província:

Apesar da busca de diversificação econômica ser o principal fator que impulsionou o desenvolvimento de políticas imigratórias no Paraná, também havia o intuito de preencher o chamado “vazio demográfico”, assegurar a posse do território, suprir a escassez de mão de obra, inovar as técnicas produtivas para aumentar a produção de gêneros alimentícios, assegurar a autonomia política e o desenvolvimento da província.⁵²

Portanto, a imigração e a colonização do Paraná serão pautadas a partir de múltiplas motivações, mas os autores parecem convergir em um ponto: na província a questão demográfica e o abastecimento eram um norte a ser seguido. De acordo com Nadalin e Maria Luiza Andrezza, no Paraná a imigração foi voltada mais para a pequena propriedade, logo para a colonização e não para substituir o braço escravo nos latifúndios:

Se, sob uma perspectiva nacional, a “imigração” para suprir a mão-de-obra superou sempre com larga margem a “colonização” para povoamento, a importância relativa deste último sistema para a história do Brasil Meridional é incontestável.⁵³

Portanto, o baixo número de habitantes do Paraná na segunda metade do século XIX era uma situação a ser combatida pelos presidentes da província e ao longo da segunda metade do século XIX e início do XX a promoção da vinda de imigrantes foi realizada. Mas, essa situação não era exclusividade paranaense. De acordo com Andrezza e Nadalin a imigração para o Brasil foi facilitada pelo contexto europeu:

⁵⁰ WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 3ª edição. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1972. p. 109.

⁵¹ NADALIN, Sérgio Odilon. Op cit. p. 74. Grifo no original.

⁵² KOSS, Lucimara. *Comércio & Sociedade: as múltiplas funções dos armazéns de Ivay/PR na primeira metade do século XX*. Curitiba: UFPR, 2013. (Dissertação de Mestrado). p. 46

⁵³ ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. In: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Campinas, 11. 1994. p. 64.

(...) à medida que avançava a segunda metade do século XIX e auxiliado pelo fato de que havia na Europa um número cada vez maior de pessoas que desejavam começar nova vida nos países novos, a imigração destinada ao fomento da pequena propriedade avançava. Tomava rumos diferentes em relação à imigração provocada pelos cafeicultores.⁵⁴

No entanto, a província sofria os efeitos colaterais do processo contra o trabalho cativo. Embora o Paraná não sofresse tanto, de forma direta, com a falta de mão de obra escrava, devido ao processo abolicionista em curso, sobretudo a partir da Lei Eusébio de Queiróz, a província sofria os reflexos da concentração do braço escravo na região dos cafezais. A lei proibiu o tráfico intercontinental, mas não aboliu o comércio interno, o que fez do escravo uma mercadoria ainda mais valiosa e disputada pelos fazendeiros. Conforme apontado por Nadalin: “O comércio interno de escravos, ao mesmo tempo que aliviava nas províncias cafeicultoras o impacto das leis abolicionistas, nas demais provocou uma carestia geral”⁵⁵.

Essa era a situação do Paraná e de outras regiões fora do “circuito” cafeeiro: “Os escravos remanejados para os cafezais eram, anteriormente, empregados na produção local de gêneros de subsistência”⁵⁶.

Segundo Lucimara Koss:

(...) o problema da escassez só começou a ser resolvido na segunda metade do século XIX com as chamadas políticas imigratórias. Os presidentes da província viam no imigrante a solução para a diversificação econômica e para o abastecimento urbano. Estes deveriam ser instalados em pequenas propriedades agrícolas e se dedicar a agricultura de subsistência produzindo alimentos tais como: trigo, milho, feijão, mandioca, entre outros. Por um lado supriam a escassez de gêneros alimentícios e por outro contribuíam para o desenvolvimento do mercado interno.⁵⁷

De acordo com Santos “o cerne da História do Paraná foi marcado por três grandes espaços regionais: 1. ao longo do séc. XVIII, se estabelece uma sociedade campeira, patriarcal e latifundiária”⁵⁸. Nesse período, anterior à emancipação da província, a economia era centrada na criação e na invernagem de gado nas pastagens dos Campos Gerais, uma vez que

⁵⁴ ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. 2000. Op Cit. p. 42.

⁵⁵ NADALIN, Sérgio Odilon. Op cit. p. 68.

⁵⁶ Idem Ibidem.

⁵⁷ KOSS, Lucimara. Op Cit. p. 46.

⁵⁸ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. 2001. Op cit. p. 85.

o pasto era nativo e não exigia grandes investimentos, nem de capital nem de pessoal. O segundo espaço seria aquele da primeira metade do século XIX centrado “nas atividades extrativas e na exportação da erva-mate para os mercados do Prata e do Chile”⁵⁹. De acordo com Santos, essa sociedade ervateira, burguesa comercial, propiciou uma maior urbanização na região. No entanto, essa sociedade ligada à prática extrativista não conseguiu ocupar todo o território e também visava o mercado externo, o que perpetuava os “vazios demográficos” e a carestia dos alimentos.

Ainda segundo Santos:

Certa euforia proveniente da economia do mate e da pecuária desestimulava o trabalho agrícola, provocando o abandono da produção da subsistência em escala comercial. Os agricultores, diante dessa situação, se limitaram a produzir apenas o suficiente para o sustento de sua família.⁶⁰

O terceiro “espaço regional”, na perspectiva de Santos, seria o ambiente paranaense da segunda metade do século XIX. De acordo com o referido autor:

(...) na 2ª metade do século XIX se estabelece um novo sistema de colonização com o estabelecimento de colônias agrícolas ao redor dos centros urbanos, povoadas por imigrantes europeus, como saída para a escassez de produtos agrícolas e de subsistência. O novo sistema visou a formação de uma estrutura agroalimentar em condições de prover o abastecimento da Província. Desta colonização induzida pelo Estado, emerge uma sociedade do trabalho constituída por colonos “morigerados e laboriosos”.⁶¹

A partir dessa dupla necessidade: colonizar e produzir alimentos é que as autoridades buscaram atrair imigrantes para o Paraná. Conforme apregoa Nadalin, durante quase trinta anos, entre 1853 e 1879, a motivação foi criar uma agricultura voltada para o abastecimento interno⁶².

De acordo com essas considerações foram criadas as diversas colônias no Paraná. As primeiras colônias foram fundadas antes mesmo da emancipação da província em 1853. No ano de 1816 foi fundada a colônia de Rio Negro, de acordo com Paulo Renato Guérios cerca de 50 famílias de açorianos foram instalados no antigo pouso e local de registro fiscal de gado

⁵⁹ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. 2001 Op Cit. p. 86.

⁶⁰ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *História da alimentação no Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. p. 30.

⁶¹ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. 2001 Op Cit. p. 86.

⁶² NADALIN, Sérgio Odilon. 2001. Op Cit. p. 76.

nas margens do Rio Negro; à essas famílias somaram-se cerca de 20 famílias alemãs⁶³. Em 1847 nas margens do Rio Ivaí foi fundada a colônia de Thereza Cristina com aproximadamente 63 famílias francesas. No ano de 1851 o governo de Dom Pedro II criou no Norte da futura província, a colônia militar do Jataí. No ano seguinte, 1852, com iniciativa particular, foi criada no litoral a colônia de Superagui, a qual era composta por famílias suíças, francesas e alemãs⁶⁴.

No entanto, esses esforços não renderam os frutos esperados pelo governo imperial e provincial. Entre a emancipação do Paraná frente à província de São Paulo e a década de 1870, segundo Guérios, apenas um núcleo colonial, Assungui, foi fundado no ano de 1860⁶⁵. Esse número contrasta com os pronunciamentos dos presidentes da província paranaense, pois desde Zacarias de Góes e Vasconcellos, primeiro a ocupar a presidência, a necessidade da imigração já era ressaltada⁶⁶.

No entanto, Nadalin aponta para outras colônias fundadas no Paraná entre a fundação de Assungui e o início da década de 1870. De acordo com o autor foram fundadas na década de 1860, entre outras, a Colônia Mineira (1862), Tomazina (1865) e Santo Antonio da Platina em 1866⁶⁷. A divergência entre os autores pode residir no tipo de colônia aos quais se referem. Guérios parece estar se referindo à colônias de imigrantes europeus, enquanto Nadalin contabiliza também os núcleos populacionais formados por nacionais, esses núcleos mais próximos da fronteira com a província de São Paulo. De qualquer forma os autores convergem em um ponto: a partir da década de 1870, sobretudo sob a presidência de Lamenha Lins, a criação de colônias de imigrantes se proliferou no Paraná.

Conforme apregoa Nadalin:

Em função da política imigratória do governo provincial, principalmente com o Presidente Lamenha Lins, foram implantados 27 estabelecimentos coloniais com imigrantes poloneses, italianos, alemães (inclusive “*do Volga*”), e outros, no período 1860 a 1880 e, nos 20 anos que se seguem, 34 colônias (italianos, poloneses, alemães, ucranianos etc).⁶⁸

A política imigratória do governo Lamenha Lins e de outros presidentes imediatamente posteriores, foi a de ocupar áreas próximas aos centros urbanos, sobretudo os arredores de Curitiba. Segundo Guérios a colonização de áreas isoladas era muito criticada

⁶³ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op Cit. p. 98.

⁶⁴ Idem. ibidem.

⁶⁵ Idem. p. 100.

⁶⁶ Idem. 99.

⁶⁷ NADALIN, Sérgio Odilon. 2001. Op Cit. p. 83.

⁶⁸ Idem. ibidem.

devido à sua precária infraestrutura⁶⁹. O sucesso imediato e mensurado a curto prazo davam a essa forma de colonização uma visibilidade que as demais colônias anteriores não lograram: “O maior número de colônias seria criado nos anos de 1875 e 1876 na gestão de Lamenha Lins, quando 3.616 estrangeiros seriam localizados em cerca de vinte colônias nos arredores da capital”.⁷⁰

Esse número de colonos é mais significativo quando comparado com os de Assungui. Essa colônia criada em 1860 recebeu ao longo de cerca de uma década 900 colonos, menos de um terço dos estrangeiros alocados pelo governo Lamenha Lins nos anos 1875 e 1876⁷¹. A vantagem do modelo adotado na década de 1870 parecia total, pois além do número maior de pessoas em um período de tempo bem menor, os núcleos formados ao redor dos centros urbanos custavam menos e conseguiam resolver, ao menos parcialmente, a crise crônica de abastecimento de gêneros alimentícios. Segundo Guérios:

(...) o Governo havia investido 1120 contos de réis na colônia [Assungui], e continuava a gastar ali anualmente cerca de 9 contos de réis; com 256 contos, Lins havia estabelecido 2.346 colonos em 12 colônias ao redor da capital, sem que fosse necessário nenhum investimento adicional para mantê-los após seu estabelecimento. A produção agrícola das colônias de Curitiba já tornava desnecessário importar centeio, batata, milho e outros cereais.⁷²

Dessa forma, o Governo estava conseguindo sanar seus maiores problemas na província: a densidade demográfica baixa e a carestia dos alimentos. Conforme ressalta Santos, as colônias ao redor da capital já davam início à formação “da estrutura de um sistema agroalimentar em condições de abastecimento, ainda que precária”⁷³. No entanto, os bons resultados obtidos nas cercanias de Curitiba e outros centros urbanos um pouco menores que a capital, fez com que a ocupação das regiões do interior, sobretudo aquelas cobertas pelas florestas de araucárias, fosse deixada de lado:

(...) durante vinte anos o projeto de ocupação de áreas isoladas foi deixado de lado no território do Paraná. Todas as colônias criadas entre 1870 e 1889 foram estabelecidas nos arredores dos núcleos já existentes: Curitiba, Paranaguá, Antonina, Morretes e Ponta Grossa.⁷⁴

⁶⁹ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op Cit. p. 101.

⁷⁰ Idem. p. 101.

⁷¹ Idem. p. 100.

⁷² Idem. p. 101.

⁷³ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. 2001. Op Cit. p. 75.

⁷⁴ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op Cit. p. 102.

Porém, conforme apregoa Guérios, no final dos anos 1880 e início da década de 1890 o modelo de colonização levado a cabo desde a presidência de Lamenha Lins já havia se esgotado e o Paraná continua com grandes áreas “desocupadas”. Os esforços do governo paranaense na década de 1890 e nos primeiros anos do século XX se voltaram para a colonização de áreas distantes dos centros urbanos. As florestas de araucárias foi o local para onde milhares de imigrantes foram enviados.

Conforme salienta Nadalin, na década de 1880 a demanda de pessoas passou a se dividir entre as obras na construção de vias férreas e linhas telegráficas⁷⁵. Nas duas últimas décadas do século XIX houve também uma maior diversificação étnica dos grupos que chegavam ao Paraná. Na década de 1880 registrou-se maior número de poloneses, italianos e alemães; já para a década seguinte, 1890, a esses grupos étnicos se somaram os ucranianos⁷⁶.

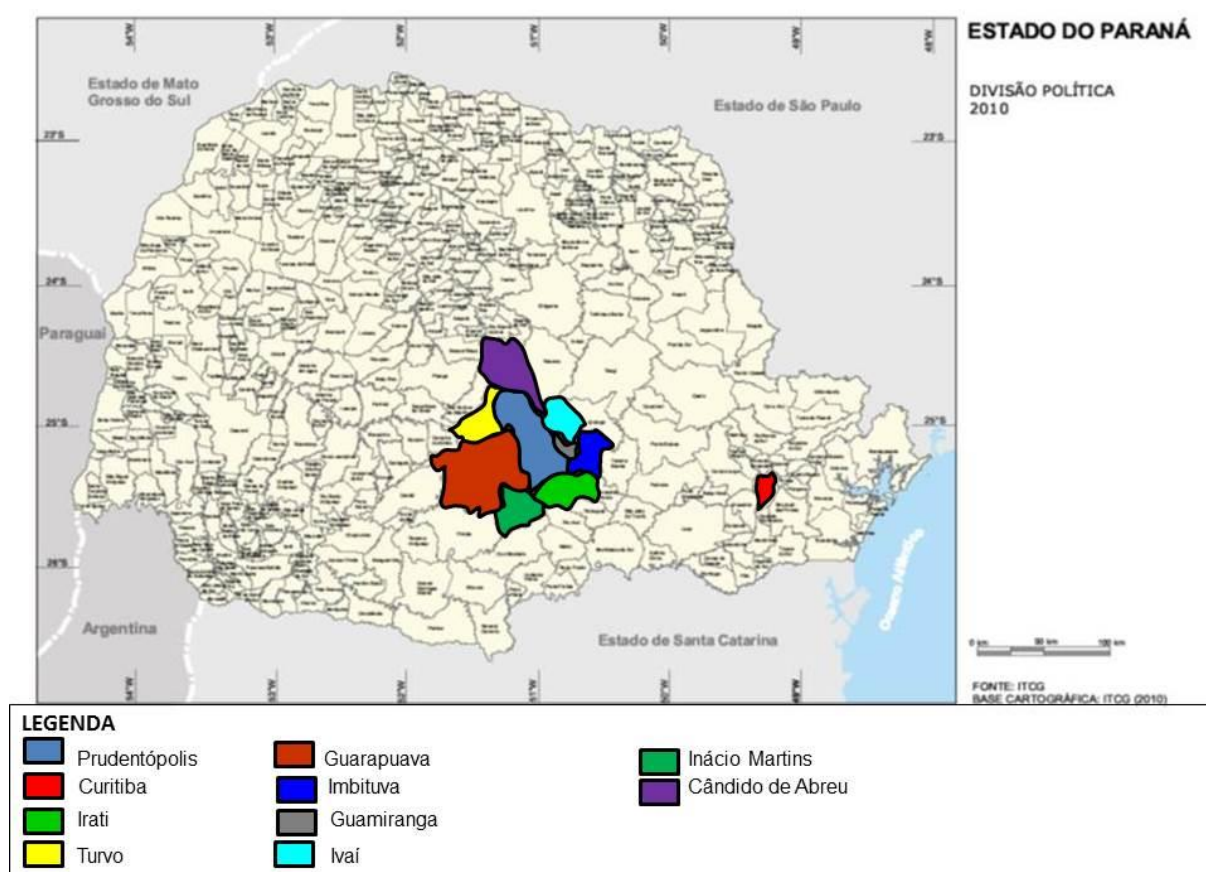
⁷⁵ NADALIN, Sérgio Odilon. Op Cit. p. 78.

⁷⁶ Idem. 79.

1.3. IMIGRAÇÃO UCRANIANA E COLONIZAÇÃO EM PRUDENTÓPOLIS-PR

Prudentópolis está localizado na região Sudeste do Paraná⁷⁷. Atualmente seu território abrange cerca de 2.308,500 km² e está distante cerca de 200 km da capital do Estado do Paraná, Curitiba⁷⁸.

MAPA 1: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE PRUDENTÓPOLIS E MUNICÍPIOS LIMÍTROFES E A CAPITAL CURITIBA



FONTE: http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/Divisao_politica_2010.pdf. Acesso em 24-07-2013. Adaptado.

⁷⁷ Mapa do Paraná. Disponível em: <http://www.agroecologiaparana.com.br/mapa-do-parana>. Acesso em 24-07-2013.

⁷⁸ IBGE: Paraná – Prudentópolis – Síntese de Informações. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=412060&idtema=16&search=parana|prudentopolis|sintese-das-informacoes>. Acesso em : 24-07-2013.

Na década de 1890, início do período republicano, o governo de Deodoro da Fonseca estimulou a imigração concedendo incentivos às Companhias de Imigração que realizassem o trabalho de trazer imigrantes para o Brasil. Exemplo disso é o sétimo artigo do Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890:

Art. 7º O Estado concederá ás companhias de transporte marítimo que o requererem a subvenção de 120 francos pela passagem de cada immigrante adulto que ellas trasportarem da Europa para os portos da Republica e proporcionalmente, na razão da metade daquella quantia pelos menores de 12 annos até 8 inclusive, e a quarta parte pelos desta idade até 3 annos, uma vez que as mesmas companhias se obriguem a preencher as formalidades constantes deste decreto, e a não receber dos immigrantes mais do que a differença entre a citada quantia e o preço integral das passagens; o que deverão provar com as declarações por elles firmadas, as quaes serão aqui verificadas no acto da chegada.⁷⁹

O incentivo do governo federal vinha ao encontro do interesse do governo paranaense em colonizar as terras de florestas. Nas duas últimas décadas do século XIX os campos já estavam praticamente tomados no Paraná e a colonização de áreas próximas aos centros urbanos já não era mais viável. As autoridades paranaenses passaram a voltar seus olhos para as matas, sobretudo as regiões cobertas pelas florestas de araucárias. Para essas regiões do Estado é que foram enviados milhares de imigrantes ucranianos.

De acordo com Wachowicz, os ucranianos começaram a chegar ao Paraná a partir de 1891. Esse grupo se instalou na região de “Rio Claro, Antônio Olinto, Senador Correia, Cruz Machado, Prudentópolis etc”⁸⁰. Ainda segundo Wachowicz cerca de 35.000 pessoas dessa nacionalidade entraram no Paraná⁸¹.

De acordo com Oksana Boruszenko na década de 1960 cerca de 150.000 mil ucranianos viviam no Brasil, sendo que aproximadamente 120.000 viveriam no Paraná⁸². Ainda segundo a autora: “A imigração ucraniana, no Paraná, pode ser considerada em três etapas distintas”⁸³.

A primeira, data dos fins do século XIX, quando milhares de ucranianos, sobretudo lavradores da Galícia e Bukovina que, desde o Congresso de Viena, estavam sob o domínio da Áustria, em consequência da superlotação

⁷⁹ BRASIL. Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890. Op Cit.

⁸⁰ WACHOWICZ, Ruy Christovam. Op Cit. p. 116.

⁸¹ Idem. p. 117.

⁸² BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. In: *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História: Colonização e migração*. São Paulo, 1969. p. 427.

⁸³ Idem. ibidem.

agrária e débil industrialização, e ainda as más condições socioeconômicas, abandonaram as terras negras e transferiram-se para outros países, entre os quais o Brasil e, particularmente, o Estado do Paraná.(...) A segunda etapa da imigração ucraniana efetuou-se após a Primeira Guerra Mundial.(...) O maior êxodo dos ucranianos, deu-se, porém, após a Segunda Guerra Mundial, êxodo este no qual se inclui a terceira etapa da imigração ucraniana para o Paraná.⁸⁴

O número de ucranianos que chegaram ao Paraná, e conseqüentemente para Prudentópolis, é alvo de controvérsias, pois os ucranianos chegavam ao Brasil sob diversas nacionalidades. Grande número era registrado nos portos brasileiros com a nacionalidade austríaca⁸⁵. De acordo com Guérios nos anos de 1895 e 1896 entraram no Paraná milhares de austríacos, poloneses e russos, mas não aparecem nos dados oficiais a denominação ucraniano ou ruteno; os imigrantes dessa nacionalidade eram contabilizados junto com russos e poloneses, pois os funcionários da imigração não fazia distinção entre eles⁸⁶.

Essa indistinção gerava problemas e a esse respeito Andrezza ressalta o envio de uma carta por uma mulher polonesa ao jornal *A República* de Curitiba, em 1911, advertindo o periódico que não confundisse poloneses e ucranianos. De acordo com a autora:

O esforço de diferenciação dessas duas etnias na sociedade paranaense foi um processo longo. De qualquer maneira, se a sociedade paranaense homogeneizou as duas durante muito tempo, isto não significa que elas não tenham se autodelimitado⁸⁷.

A autora ressalta que uma apreciação apressada pode confundir esses dois grupos étnicos eslavos. No entanto, excetuando o fato de poloneses e ucranianos que vieram para o Paraná serem oriundos, na maior parte dos casos, de uma área geográfica contígua, sua língua, seu alfabeto e sua cultura são bastante diferentes.

Ainda a respeito da inexatidão dos dados numéricos sobre os imigrantes ucranianos no Paraná temos o exemplo de Koss em seu estudo sobre os armazéns do município de Ivaí-PR. A autora fez levantamento sobre a composição étnica do Núcleo Federal de Ivay criado no início do século XX e detectou que, embora fosse grande o número de descendentes de ucranianos na colônia, eles não apareciam nas estatísticas, ficando diluídos entre poloneses e austríacos, principalmente⁸⁸.

⁸⁴ BORUSZENKO, Oksana. Op Cit. p. 427-428.

⁸⁵ KOSS, Lucimara. Op Cit. p. 50.

⁸⁶ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op Cit. p. 168. Os poloneses também eram confundidos com os austríacos.

⁸⁷ ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995*. Curitiba: UFPR, 1996. (Tese de Doutorado). p. 93-94.

⁸⁸ KOSS, Lucimara. Op Cit. p. 53-54.

As pesquisas sobre os ucranianos que vieram para Prudentópolis também sofreram com essas imprecisões. No entanto, o número significativo e a autodenominação fizeram com que esse grupo eslavo conseguisse manter parte de suas características culturais e étnicas. Prudentópolis tornou-se o município com o maior número de imigrantes e descendentes de ucranianos na região Sul e Sudeste do Paraná.

Um dos principais destinos dos ucranianos foi a colônia de Prudentópolis criada em 1895, na época município de Guarapuava. De acordo com Guérios, entre 1896 e março de 1897 cerca de 5200 ucranianos foram destinados à Prudentópolis⁸⁹. Segundo dados obtidos no *site* da Prefeitura de Prudentópolis, em 1896 teriam chegado ao município cerca de 1500 famílias, totalizando cerca de 8000 pessoas⁹⁰. Os números, embora dissonantes, demonstram o grande afluxo de imigrantes dessa nacionalidade ao município.

Prudentópolis surgiu a partir da necessidade de se povoar as vastas regiões de matas, mas também surgiu no contexto do esforço do governo estadual na construção de estradas férreas e de linhas telegráficas nos anos 1880 e 1890, conforme apontou Nadlin.⁹¹

A vila de São João de Capanema, depois Prudentópolis, ficava no caminho da linha telegráfica e da estrada a serem construídas para se chegar até Guarapuava. A partir dessa situação era de suma importância que a região fosse ocupada. A construção de estradas requeria mão de obra e como consegui-la numa região semideserta?

As dificuldades que os imigrantes encontraram em Prudentópolis não foram poucas. A distância de centros urbanos maiores, as péssimas estradas e a mata densa foram algumas das dificuldades encontradas e enfrentadas pelos imigrantes ucranianos no município. Na imagem número 2 fica claro o contraste entre as construções rústicas dos primeiros imigrantes ucranianos em Prudentópolis e a mata ao fundo.

⁸⁹ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op cit. p. 117.

⁹⁰PRUDENTÓPOLIS, Prefeitura Municipal de. *Histórico do Município*: Disponível em: <http://www.prudentopolis.pr.gov.br/cidade/historia>. Acesso em 04-07-2013

⁹¹ NADALI, Sérgio Odilon. Op Cit. p. 79.

IMAGEM 2: CONSTRUÇÕES DESTINADAS A RECEBER OS IMIGRANTES
UCRANIANOS EM PRUDENTÓPOLIS



FONTE: Representação Central Ucraniano-Brasileira. Disponível em: <http://www.rcub.com.br/rcub/quem-somos/imigracao-ucraniana/> Acesso em: 09-07-2013

De acordo com Guérios, em 1900, a estrada que ligava Ponta Grossa a Tijuco Preto, no Sul de Prudentópolis, ainda apresentava muitos pontos inacabados. Nos locais onde a estrada era cortada por rios não havia pontes em muitos casos (11 desses pontos) o que exigia que o governo paranaense pagasse aos balseiros para fazerem a travessia de pessoas, animais e mercadorias⁹². Porém, as dificuldades encontradas pelos imigrantes ucranianos não foi exclusividade daqueles que se instalaram em Prudentópolis: os imigrantes que chegavam à outras colônias de ucranianos no Paraná, como Antônio Olyntho, não encontravam todos os lotes demarcados ou casas edificadas para suas moradias. Os imigrantes antes de tomarem posse de um lote, muitas vezes precisavam trabalhar na medição dos mesmos e na construção de casas. De acordo com Andrezza: “Os imigrantes participavam, portanto, da instalação da colônia”⁹³. Ou seja, não havia nos núcleos coloniais a infraestrutura prometida e esperada pelos imigrantes. Conforme salienta Guérios, os imigrantes em Prudentópolis tiveram, em alguns casos, que esperar por meses até que a demarcação das terras devolutas fosse efetivada⁹⁴.

⁹² GUÉRIOS, Paulo Renato. Op Cit. p. 117.

⁹³ ANDREAZZA, Maria Luiza. Op Cit. p. 53.

⁹⁴ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op Cit. p. 119.

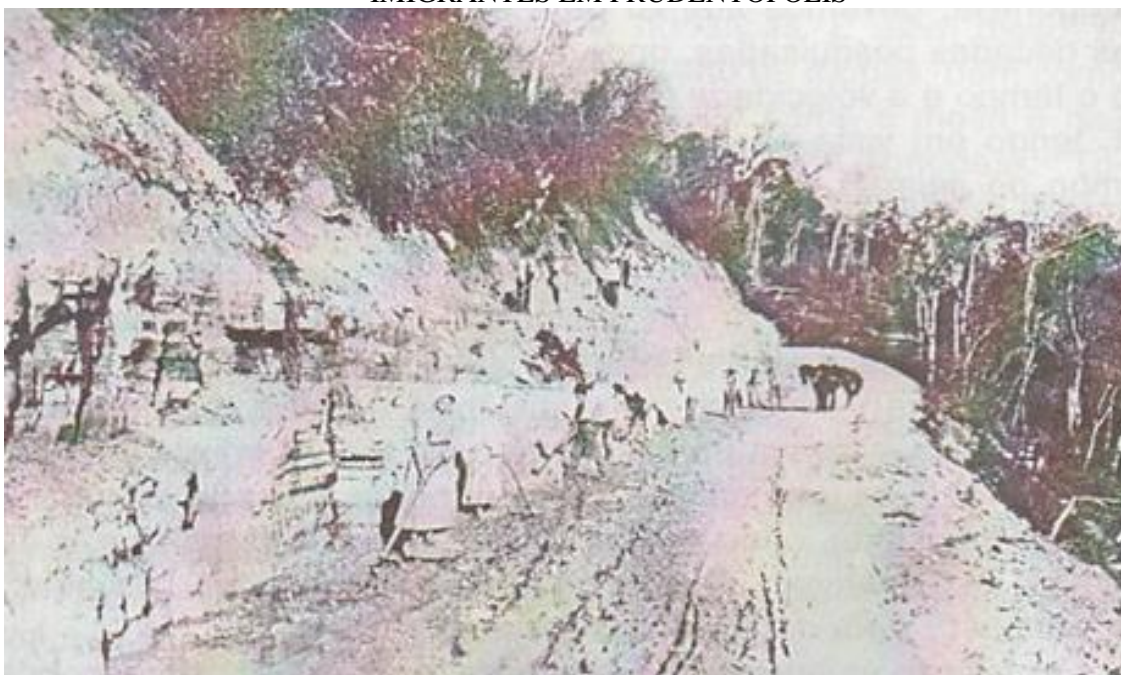
Os colonos que se instalaram em Prudentópolis foram alocados em pequenas propriedades e passaram a dedicar-se, sobretudo, à agricultura de subsistência. Os ucranianos antes de plantarem suas lavouras necessitavam derrubar a mata e limpar as áreas a serem cultivadas, apenas após esse trabalho era possível iniciar algum tipo de cultura. Os frutos dessas primeiras plantações ainda levariam alguns meses para serem colhidos.

Além das dificuldades de instalação e adaptação, as primeiras prestações dos lotes começariam a ser cobradas no final do segundo ano, pois a Lei de Terras citada anteriormente vedava a doação de terrenos. Como pagar uma propriedade em que a produção era voltada para a subsistência e o escoamento do pouco produto excedente era quase impraticável devido à distância dos centros urbanos maiores e das precárias condições das estradas? Ou seja, como pagar uma dívida sem dinheiro propriamente dito?

Uma das alternativas do Governo para cobrar a dívida colonial foi empregar os colonos nas construções das estradas. Dessa forma se resolvia dois problemas: primeiro, o governo encontrava nessa atividade uma opção de cobrança e paralelamente resolvia o problema de acesso à esses núcleos coloniais; segundo, o trabalhador rural, com acesso restrito ao dinheiro em espécie, conseguia quitar sua dívida e obtinha o título definitivo da propriedade.⁹⁵

⁹⁵ Idem. p. 179.

IMAGEM 3: CONSTRUÇÃO DE ESTRADAS PELOS
IMIGRANTES EM PRUDENTÓPOLIS



FONTE: Acervo Museu do Milênio.

A colônia Prudentópolis foi dividida em várias Linhas para uma melhor administração:

Ivaí, Piraí, Maurice Faivre, Inspetor Carvalho, Esperança, Santos Andrade, Sete de Setembro, Tiradentes, Dr. Vicente Machado, Rio Preto, Quinze de Novembro, Visconde de Guarapuava, Coronel Bormann, Luiz Xavier, Vinte e Cinco de Outubro, União, Olinto, Eduardo Chaves, Capanema, Carlos Gomes, Sertório, Cláudio Guimarães, Vinte e Três de Abril, Iguaçu, Ronda e Mirim.⁹⁶

Algumas dessas Linhas foram incorporadas por outras ou mudaram de nome ao longo dos anos. Atualmente o município de Prudentópolis possui muitas outras linhas além dessas, pois os limites da colônia fundada em 1895 não se mantiveram os mesmos em 1906 quando Prudentópolis se tornou emancipado de Guarapuava. Além disso, as pessoas praticaram o espaço ao longo dos anos, o que possibilitou essas mudanças⁹⁷.

A Linha Ligação, localizada na região Norte do município, recebeu esse nome por volta de 1915-1917 quando foi construída a estrada que ligava Prudentópolis à Jaciaba e com

⁹⁶ PRUDENTÓPOLIS, Prefeitura Municipal de. Op cit.

⁹⁷ As Linhas Cláudio Guimarães e Coronel Bormann, por exemplo, são localidades que foram incorporadas por outras ou mudaram de nome, ficando difícil sua localização geográfica.

uma estrada secundária fazia ligação com a colônia Tereza Cristina, no município de Cândido de Abreu. Distante cerca de 60 quilômetros da sede do município os imigrantes que se instalaram na região Norte de Prudentópolis tiveram dificuldades além daquelas enfrentadas pelos imigrantes das Linhas mais próximas da sede do município. Se aquelas sofriam com a distância dos centros urbanos maiores, Ponta Grossa e Guarapuava, por exemplo, Ligação sofria ainda mais, pois estava longe da área urbana de Prudentópolis.

A dificuldade dos moradores de Ligação e da região Norte de modo geral perpetuou-se ao longo dos anos devido a essa distância. Se o acesso de Prudentópolis a outros municípios foi resolvido com a construção de estradas e com a pavimentação asfáltica, as estradas que levam ao interior do município continuaram de chão de terra. A estrada entre Prudentópolis e Ligação continua sem asfalto ou qualquer outro tipo de pavimentação; a prefeitura costuma cascalhar as estradas, mas isso não resolve o problema de forma definitiva pois nos períodos de chuva alguns trechos do caminho ficam intransitáveis.

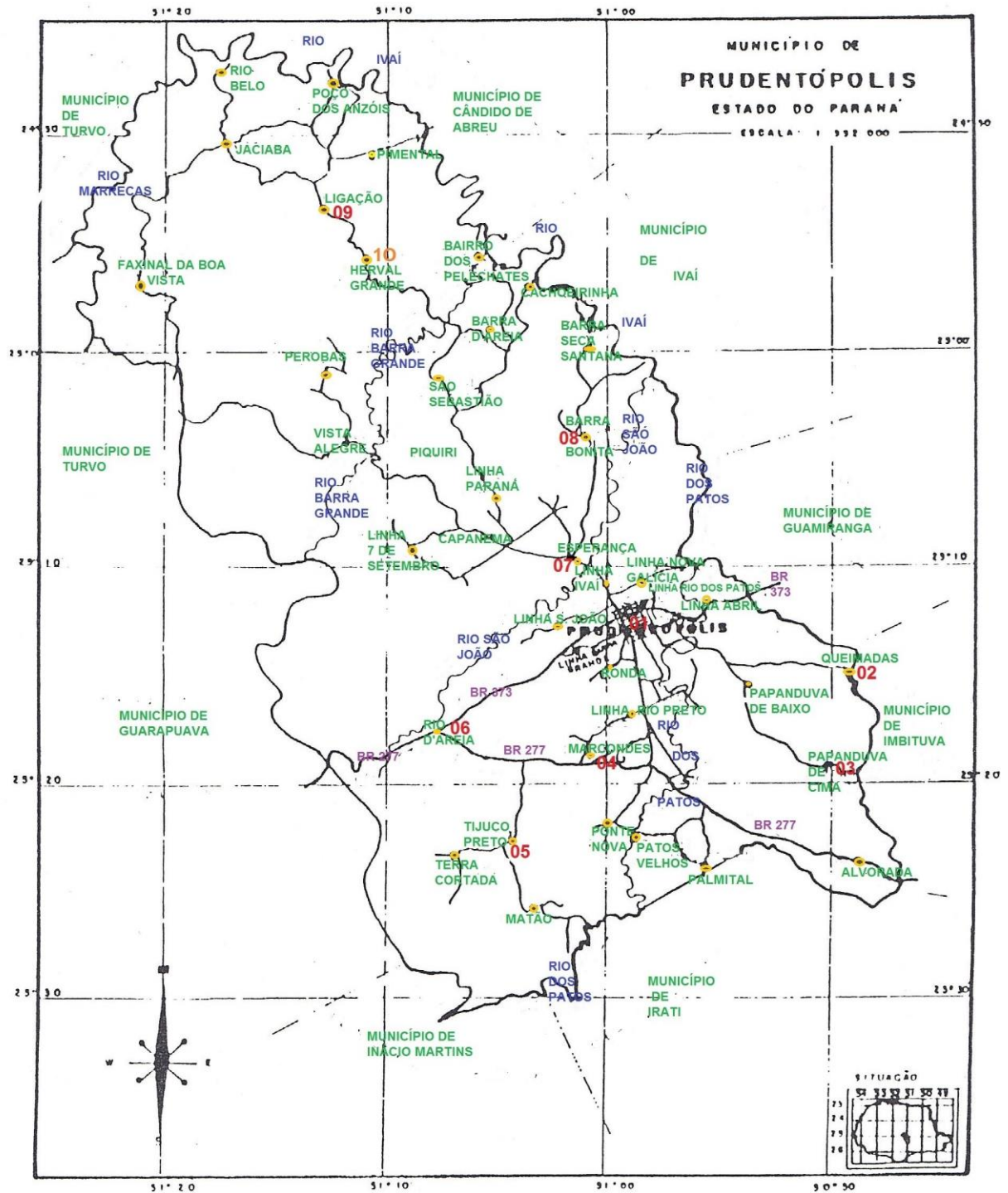
Somando-se a isso, 60 quilômetros não são percorridos à pé com facilidade e rapidez e não são todas as pessoas que possuem automóvel. Existe atualmente uma única empresa de ônibus fazendo o itinerário entre Ligação e a cidade⁹⁸. O ônibus sai da Linha Jaciaba localizada a alguns quilômetros de Ligação passando pela comunidade antes das 7 horas da manhã com destino a Prudentópolis. Por volta das 15 horas o mesmo veículo sai da rodoviária municipal para realizar o caminho de volta. Portanto, se a pessoa pretende ir da cidade para Ligação de manhã não há ônibus, da mesma forma não há itinerário saindo de Ligação para Prudentópolis no período da tarde⁹⁹.

É nesse ambiente *isolado* que está localizada a comunidade de Ligação e o Colégio Estadual Imaculada Conceição. O Mapa número 2 mostra a localização das escolas estaduais no município e o isolamento das comunidades atendidas pelo estabelecimento e da região Norte de modo geral.

⁹⁸ Em Prudentópolis é comum as pessoas que moram na zona rural dizerem que vão para a cidade quando se deslocam de suas casas para a parte urbana do município.

⁹⁹ Atualmente, agosto de 2013, a passagem de ônibus de Ligação para Prudentópolis custa R\$21,00. Para efeitos de comparação a empresa Princesa dos Campos que faz o itinerário de Prudentópolis à Guarapuava e Prudentópolis à Ponta Grossa com ônibus convencional cobra, respectivamente, cerca de R\$15,00 e R\$21,00 a passagem para esses destinos.

MAPA 2: MAPA DE PRUDENTÓPOLIS E LOCALIZAÇÃO DOS COLÉGIOS ESTADUAIS



FONTE: Adaptado. TREUK, Natália. *Língua ucraniana é ainda realidade em Jesuíno Marcondes*. Irati-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização).

A disposição dos Colégios estaduais em Prudentópolis demonstra que a maioria deles localiza-se na região Sul do município. A numeração em vermelho assinala onde estão localizados no município os colégios conforme tabela 3.

TABELA 3: LOCALIZAÇÃO DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS SEGUNDO MAPA 2

Nº	Colégio	Localização
01	Barão de Capanema, Alberto de Carvalho, São Lucas, Padre Cristóforo Myskiv, Vila Nova e CEEBJA.	Localizados na área urbana do município
02	Santa Catarina de Alexandria	Linha Queimadas
03	Papanduva de Cima	Linha Papanduva de Cima
04	Prefeito Antônio Witchemichen	Linha Jesuíno Marcondes
05	Bispo Dom José Martenetz	Linha Tijuco Preto
06	Capitão Domingos Vieira Lopes	Linha Rio D'Areia
07	Padre José Orestes Preima	Linha Esperança
08	Cristo Rei	Linha Barra Bonita
09	Imaculada Conceição	Linha Ligação
10	São João Batista	Linha Herval Grande

FONTE: Elaborada pelo autor.

Uma nota importante a respeito desses estabelecimentos escolares são suas fundações relativamente recentes, a maior parte deles foi fundada no final da década de 1980 e início da década de 1990. O colégio São João Batista foi criado em 2013 e depois de anos começa a diminuir o isolamento do Colégio Imaculada Conceição. Portanto, diante do mapa 2 vemos como a região Norte de Prudentópolis permaneceu isolada pela distância e pelas condições geográficas, pois trata-se de comunidades em uma região com relevo acidentado e que não permite lavouras extensivas e mecanizada, predominando a pequena propriedade e a agricultura de subsistência.

Não existe nenhuma estrada asfaltada que dê acesso aos municípios de Turvo, Cândido de Abreu ou Ivaí. As estradas que existem são apenas cascalhadas e para se chegar em Teresa Cristina no município de Cândido de Abreu ou no município de Ivaí têm-se ainda que atravessar com a balsa o Rio Ivaí.

A educação escolar também sofreu com essa distância, pois durante anos não houve Colégio Estadual no Norte do Município e depois da criação do Colégio Imaculada, ele permaneceu por mais de duas décadas como o único estabelecimento com Ensino Fundamental Anos Finais e depois Ensino Médio, enquanto no Sul um número maior de colégios foi fundado.

Prudentópolis, apesar de passados mais de cem anos de emancipação, continuou um município com uma economia voltada para a agricultura e a população rural ainda é superior à população urbana:

TABELA 4: POPULAÇÃO RURAL E URBANA DE PRUDENTÓPOLIS¹⁰⁰

Ano	População Urbana	População rural	População total
1940	2.076 (9%)	20.694 (91%)	22.760 (100%)
1982	8.472 (21,5%)	30.970 (78,5%)	30.970 (100%)
2000	18.276 (39,5%)	28.070 (60,5%)	46.436 (100%)
2010	22.463 (46,1%)	26.329 (53,9%)	48.792 (100%)

Fonte: *Adaptado*: GUÉRIOS, Paulo Renato. Op cit. p. 233.

A região Norte de Prudentópolis, onde se localiza Ligação e o Colégio Estadual Imaculada Conceição, portanto, é rural e as pessoas da comunidade, em sua grande maioria, dedicam-se à agricultura e a pecuária. Em Ligação existem estabelecimentos comerciais que empregam pessoas assalariadas¹⁰¹, mas a base é a agropecuária.

Nesse contexto rural e de isolamento geográfico é que a comunidade escolar atendida pelo Colégio Estadual Imaculada Conceição se viu obrigada a optar entre a disciplina de língua ucraniana e a disciplina de língua inglesa. A escolha pela língua eslava contrariou a decisão dos outros estabelecimentos que tiveram também que fazer a escolha.

Dos colégios que em 2006 se viram obrigados a escolher entre uma língua e outra para compor seus currículos, apenas o Imaculada Conceição optou pela língua eslava. O resultado dessa escolha não foi fruto do acaso ou de uma propaganda pró ou contra. Ele refletiu de certa forma o contexto rural e as relações étnicas e identitárias da Linha Ligação e em certa medida da comunidade escolar atendida pelo estabelecimento. Diante do relativo isolamento em que a região Norte de Prudentópolis ainda se encontra no século XXI, a língua falada localmente, (ainda que com visível diminuição conforme demonstrado em capítulo posterior), consegue de certa forma ser visualizada como tendo maior utilidade pela comunidade.

¹⁰⁰ As informações referentes ao censo de 2010 que não constam na Tese de Guérios podem ser consultadas em: IBGE: *Paraná – Prudentópolis – Censo Demográfico 2010: Sinopse*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=412060&idtema=1&search=paranalprudentopolis|censo-demografico-2010:-sinopse->. Acesso em: 09-07-2013.

¹⁰¹ Em Ligação há uma igreja ucraniana, um mercado e armazéns, farmácia, panificadora e restaurante, posto de combustível, loja de material de construção. Mas, são estabelecimentos que empregam basicamente mão de obra familiar e quando necessitam de empregados o número é pequeno. Mesmo no mercado o número de funcionários não é grande. Há também um hospital em Ligação, que embora receba essa nomenclatura não possui estrutura para a realização de cirurgias.

Ligação, assim como toda a região norte de Prudentópolis, é comunidade rural voltada para a agricultura de subsistência; ali os pais educam os filhos, muitas vezes, para perpetuarem o nome e os costumes da família. Os filhos herdam a profissão dos pais e nesse contexto a língua ucraniana possui uma aceitação e utilização muito mais prática.

CAPÍTULO 2

QUESTÕES CULTURAIS, IDENTITÁRIAS E DE PODER A PARTIR DO USO DA LÍNGUA UCRANIANA EM LIGAÇÃO – MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS – PR

2.1 – O USO DA LÍNGUA UCRANIANA EM LIGAÇÃO: PERMANÊNCIAS E ABANDONOS

Nossa intenção nesse capítulo é discutir como o uso da língua ucraniana pelos descendentes de ucranianos moradores de Linha Ligação entre os anos de 1950 e 2010¹⁰² possibilita perceber questões acerca da identidade ucraniana e como essa identidade passa por uma crise devido à gradativa diminuição do uso do idioma pelas gerações mais novas.

De acordo Valquíria Elita Renk, os imigrados ucranianos, em contraponto aos poloneses, outro grande grupo eslavo que imigrou para o Brasil, tinham mais apego à língua materna e mais dificuldade de se adaptar ao idioma português¹⁰³. A maior dificuldade se devia, segundo a autora, ao alfabeto usado por eles, pois, enquanto os poloneses usavam o alfabeto latino os ucranianos usavam o alfabeto cirílico.

Conforme relato de um padre iratiense (mas que bem cabe ao caso da colonização ucraniana em Prudentópolis), cedido em entrevista a Tadinei Daniel Jacumasso, alguns dos descendentes de ucranianos não concordavam que partes do culto fossem celebradas na língua portuguesa e em rito latino.¹⁰⁴ De nossa parte, pensamos que tal demonstração de fé e poder mostram a forte relação existente ali entre língua ucraniana e catolicismo de rito oriental. O idioma, nesse sentido, apresenta-se como nó-górdio essencial ao estabelecimento da identidade local, pois, sem a língua materna como elo identitário original, o referencial comunitário perde-se na mistura linguística com as etnias diferentes.

Nas conversas travadas com diversas pessoas da comunidade de Ligação, tanto conversas informais como aquelas gravadas, pode-se notar que a língua ucraniana aparece

¹⁰² Nosso recorte temporal se justifica de duas maneiras: a primeira se refere às fontes orais, pois com apenas três exceções, conforme tabela 5, todos os demais depoentes nasceram nesse período; em segundo lugar devido à documentação escolar acerca da disciplina de língua ucraniana também ser datada desse período, uma vez que a maior parte dos colégios de Prudentópolis foram fundados no final dos anos 1980 e início da década de 1990. No entanto, esse recorte serve como uma balizava flexível, pois ora podemos recuar e ora ultrapassar essas datas.

¹⁰³ RENK, Valquíria Elita. *Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná*. Curitiba: UFPR, 2009. (Tese de Doutorado).

¹⁰⁴ JACUMASSO, Tadinei Daniel. *Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR*. Cascavel, PR: UNIOESTE, 2009. (Dissertação de Mestrado). p. 103.

ainda como fator que define a identidade local, podendo-se afirmar ser este um dos mais importantes baluartes do que se tem como identidade ucraniana no município de Prudentópolis. Ali, os usos e não usos da língua mostram um cenário multifacetado e não uníssono.

Em Ligação conversei com algumas pessoas que concederam suas falas para serem usadas nessa pesquisa: Genoveva e Sofia trabalham no Colégio Imaculada Conceição; Isabel e Teodosio são professores aposentados¹⁰⁵; Jeroslava e Reginalda, mãe e filha respectivamente, possuem um restaurante e panificadora, além de quartos para alugar¹⁰⁶; Tatiane estuda no colégio e Maryellen é filha de pais que residem na comunidade e cursa o Ensino Superior em outro município; Joana é secretária no colégio e Maria Lurdes é professora. Todos moram em Ligação, à exceção de Maryellen que estuda fora. João Márcio Iulek, no período da realização da entrevista, era o diretor do estabelecimento, sua família é da região, mas ele reside na cidade¹⁰⁷ ficando parte da semana na comunidade na casa dos pais, no restante da semana o diretor auxiliar responde pela escola na sua ausência; Anna Cristina é professora de língua espanhola e língua ucraniana, mora em Linha Esperança próximo à cidade, mas já trabalhou em mais de uma oportunidade no Colégio Imaculada Conceição; José Amilcar, na ocasião da entrevista, era diretor do Colégio Estadual Antônio Witchemichen de Linha Jesuíno Marcondes.

TABELA 5: FONTES ORAIS E SEUS DOMÍNIOS DA LÍNGUA UCRANIANA

NOME	NASCIMENTO	DOMÍNIO DA LÍNGUA
Anna Cristina Ternouki Zubek	13-08-1988	Fala, entende, lê e escreve
Genoveva Smah Vogivoda	15-10-1947	Fala, entende, lê, escreve pouco.
Isabel Sydorko Bahry	19-11-1938	Fala, entende, lê e escreve.
Jeroslava Senkiv Bahri.	04-01-1954	Fala, entende, escreve pouco, lê pouco.
Joana Vozivoda Ditekun	19-08-1973	Fala, entende, lê e escreve.

¹⁰⁵ Isabel era professora do Ensino Fundamental Anos Iniciais, conhecido popularmente como primário; Teodosio também era professor primário, mas atuou durante alguns anos no Ensino Fundamental Anos Finais.

¹⁰⁶ Os quartos são ocupados na maioria das vezes por professores que se deslocam de Prudentópolis para trabalharem no colégio; devido a distância e a precariedade das estradas é viável permanecer na comunidade durante os dias que cada professor possui aulas, retornando para Prudentópolis após isso. Em 2011 trabalhei no Colégio Imaculada Conceição, embora não ficasse hospedado nos quartos de Jeroslava. Eu ficava de segunda-feira à quinta-feira em Ligação, quando enfim retornava para Prudentópolis. Na segunda-feira eu saía de Prudentópolis por volta das 05h30min, pois eram 60 km de estradas na maior parte sem pavimentação, e a aula começava às 7h10min.

¹⁰⁷ Em Prudentópolis morar na cidade significa morar na parte urbana do município. Nas capitais como Curitiba ou São Paulo ir para o interior significa ir para cidades menores, em Prudentópolis ir para o interior significa se dirigir à zona rural, bem como ir para a cidade quer dizer deslocar-se até a parte urbana do município.

João Márcio Iulek	16-03-1978	Fala, entende bem. Lê pouco e escreve pouco
Maria Lurdes Vojevoda	23-05-1961	Fala, entende, lê e escreve.
Maryellen Bahri	02-07-1992	Fala, entende pouco, não lê e não escreve.
Reginalda Bahri dos Santos	25-07-1983	Fala e entende, não escreve e não lê.
Sofia Podogurski Hellmann	11-09-1952	Fala e entende, lê pouco e não escreve.
Tatiane Guiloski	08-09-1996	Fala, entende pouco, lê bem, escreve pouco.
Teodosio Tlumaski	15-06-1946	Fala, entende, lê e escreve
José Amilcar Pastuch	31-07-1975	Escreve e lê, possui alguma dificuldade na fala e na compreensão nos diálogos.

O que se verificou em Ligação nas conversas com os entrevistados foi uma paulatina diminuição do uso da língua ucraniana com o passar das gerações. Segundo Teodosio Tlumaski (66)¹⁰⁸, na época em que era garoto (por volta da década de 1950) era raro o uso do português nas conversas em casa e na comunidade: “Ali em casa a mãe, o pai, o meu irmão e minha irmã já eram mais velhos e falavam só em ucraniano, até na escola. Nós íamos para a aula e aprendíamos o português: leitura, escrita, tudo, mas falávamos o ucraniano”¹⁰⁹.

Relato semelhante é o de Genoveva Smah Vogivoda (65) quando questionada se aprendeu a falar primeiro o ucraniano ou o português: “Primeiro em ucraniano. Português nós não sabia dizer nem 'bom dia'. Se nós encontrávamos uma pessoa, eles falavam não conversam... assustavam ainda, daí nós tinha tanto medo tanto... daí aprendia na escola, com as amigas”¹¹⁰.

A professora aposentada, Isabel Sydorko Bahry (74), comenta que em 1957, quando iniciou suas atividades como docente em Ligação, as crianças precisavam de uma aula bilíngue para conseguir acompanhar as atividades: “Quase só ucraniano, ainda tinha que dar aula e traduzir para eles... sabe! Meio explicar em ucraniano para eles entenderem. Eles conversavam mais só em ucraino”¹¹¹.

A fala de Joana Vozivoda Ditekun (39), mesmo mais jovem que dona Isabel, ressalta a necessidade de professoras bilíngues para ensinar as crianças nas escolas:

Os professores tinham que ensinar o português... Na minha idade, ainda

¹⁰⁸ Idade completa na data da entrevista.

¹⁰⁹ Teodosio Tlumaski. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

¹¹⁰ Genoveva Smah Vogivoda. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

¹¹¹ Isabel Sydorko Bahry. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de janeiro de 2013.

quando eu entrei na escola, eram poucos os alunos que falavam a língua portuguesa. Então era a maioria ucraniana. Então a professora, ela ensinava falando em ucraniano o português. Porque a maioria era ucraniana né, ela na verdade tinha que ter o domínio da língua como acontece agora com os indígenas, eles têm que ser professores que dominam a língua indígena pra às vezes falar com as crianças, assim era naquela época, eles tinham que ter domínio da língua ucraniana para poder se comunicar com as crianças que não sabiam falar com o português.¹¹²

Relato surpreendente, para nós, nos foi dado por Maria Lurdes Vojevoda (51). Quando foi questionada se havia ensinado a língua ucraniana à filha, quando criança: “Ensinei. Até porque ela conviveu mais com minha mãe que só conversava em ucraniano, não sabia falar português. Então ela foi de pequenininha aprendendo ucraniano”¹¹³. Imediatamente após essa resposta questionei se a mãe havia nascido no Brasil e a resposta foi positiva. A mãe de Maria Lurdes nasceu, cresceu e faleceu em Ligação sem nunca aprender o português. O fato da mãe da entrevistada não ter aprendido o português, talvez deva-se ao fato de existirem muitos imigrantes ucranianos em Ligação e em Prudentópolis de modo geral, e que devido a isso ela conseguisse viver sem maiores percalços por não saber o português, pois possivelmente sempre houvesse alguém bilíngue próximo para auxiliá-la em suas visitas à área urbana.

Os relatos de Joana e Maria Lurdes nos remetem à dicotomia do espaço privado e do espaço público. No ambiente público, na escola, por exemplo, esperava-se que as crianças soubessem falar o português. No entanto, mesmo após a nacionalização das escolas étnicas, no espaço privado do lar os pais continuavam a ensinar seus filhos a língua de seus antepassados. De acordo com Philippe Ariès o termo público se referia aos jardins e praças onde as pessoas se encontravam, bem como nas situações e ambientes com a atuação do Estado¹¹⁴. Do lado oposto, na privacidade dos lares, longe dos olhos estranhos e da ingerência do Estado, as famílias descendentes de imigrantes continuaram suas práticas cotidianas, observando essa distinção entre a esfera pública e a privada.

Sofia Podogurski Hellmann (60), filha de pai descendente de ucranianos e mãe descendente de poloneses, aprendeu os dois idiomas. Primeiramente, por influência da mãe, aprendeu o polonês. Depois, porém, ao entrar na catequese aprendeu o ucraniano, pois em Herval Grande, comunidade ucraniana próxima a Ligação e local onde eram ministradas as aulas do catecismo cristão, este era sempre ensinado em ucraniano e nunca em polonês ou português:

¹¹² Joana Vozivoda Ditekun. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

¹¹³ Maria Lurdes Vojevoda. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de janeiro de 2013.

¹¹⁴ ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, Roger (Org). *História da vida privada 3: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia da Letras, 1991. p. 16.

Falava, falava, até inclusive ela ensinou a gente a rezar tudo em polonês, porque o papai trabalhava fora então ele disse pra ela assim: “é melhor você ensinar porque você sempre tá com eles e eu não posso, se eu começar a ensinar numa língua e você na outra eles não vão aprender nenhuma”, então a mamãe ensinou nós tudo em polonês. Quando a gente passou pra catequese a gente teve que mudá tudo pro ucraniano, porque não tinha catequese em polonês né, era ucraniano. Então dali da catequese a gente aprendeu, aprendeu tudo e até hoje não esqueceu mais, né? Mas a mamãe falava o ucraniano também, a mamãe falava as duas línguas¹¹⁵.

As entrevistas colhidas e citadas até o momento nos remetem às décadas de 1940, 1950 e 1960; nas décadas de 1970 e 1980 o uso da língua portuguesa aumentou bastante, mas ainda era o ucraniano o idioma mais falado, quando o uso da língua ucraniana era quase unanimidade e item praticamente obrigatório para o convívio social. No entanto, com o passar das gerações isso mudou bastante. Essa mudança pôde já ser percebida pelo professor primário Teodosio Tlumaski, hoje aposentado. Ele nos explicou que quando era aluno – por volta da década de 1950 -, as crianças falavam somente ucraniano. Mas, quando se tornou professor em Herval Fraqueza, comunidade a poucos quilômetros de Ligação, na década de 1970, o cenário já não era o mesmo. Quando iniciou sua atividade docente havia já uma maior utilização do português nas conversas cotidianas. Atualmente, segundo ele, as crianças já não sabem mais o idioma de seus antepassados: “(...) eu fui ali no vizinho: o pequeno [o filho], ele não entende, ele não sabe [falar ucraniano]”¹¹⁶.

Nas minhas pesquisas orais (entrevistas) com os moradores da comunidade de Ligação, uma pergunta feita a todos os entrevistados foi se eles haviam ensinado aos filhos a língua materna. Sofia Podogurski Hellmann, mãe e avó, declarou: “(...) eu ensinei todos eles falar, rezar em ucraniano. Até hoje eles falam (...) Só que os filhos deles já não falam o ucraniano. Porque acho que é falha dos pais mesmo de ensinar, porque acho que quanto mais línguas souber é melhor pra eles, né?”¹¹⁷.

Sofia declara estar desapontada com os pais das gerações mais novas, isso em função de eles não estarem ensinando aos seus filhos a língua dos avós, o que traria a morte do idioma, bem como de suas raízes culturais: “(...) olha, sinceramente, a gente até fica sentido com isso, né, porque os jovens eles não, não tão cultivando nossa língua ucraniana. Não sei o

¹¹⁵ Sofia Podogurki Hellmann. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de janeiro de 2013.

¹¹⁶ Teodosio Tlumaski. Op cit.

¹¹⁷ Sofia Podogurski Hellmann. Op cit.

porquê, se eles não se interessam (...). A gente percebe que aquilo já tá se perdendo e muito”¹¹⁸.

Outra entrevistada, Genoveva Smah Vogivoda, também declarou ter ensinado a seus filhos falar ucraniano, mas destino igual não teriam tido seus netos, pois eles não falam ucraniano. Enquanto ela foi ensinada primeiramente em ucraniano por seus pais e, em seguida, ensinou seus filhos em ambos os idiomas, ucraniano e português, os netos, desde cedo, aprenderam com seus pais a falar apenas em português. Genoveva declarou que os netos demonstram ter interesse em aprender a língua ucraniana, pois perguntam à avó sobre o idioma sempre que estão junto dela. No entanto, no contexto da entrevista, percebe-se que esse suposto interesse dos netos não parece ser suficiente para perpetuar a língua, uma vez que os pais não ensinaram a eles o idioma juntamente ao processo de aquisição da fala¹¹⁹.

O que se pode notar na fala dos entrevistados citados até agora é algo bastante similar: nas suas infâncias eles falavam quase exclusivamente o ucraniano; quando tiveram seus filhos (destes, apenas Teodosio não tem filhos), juntamente com a língua eslava, ensinaram eles a falar também o português; seus netos (Joana ainda não tem netos), por outro lado, praticamente não falam mais a língua ucraniana ou apenas sabem algumas poucas palavras soltas. Todos eles declaram de uma maneira ou de outra que o idioma está se perdendo.

Na contramão dos demais descendentes de ucranianos da comunidade, Maryellen Bahri (20), foi categórica ao ser questionada se irá ensinar o ucraniano a seus filhos, caso venha a tê-los: “Não. Não quero que eles aprendam. Eu acho que é uma coisa que não é muito usada e que não tem necessidade [de ser ensinada]”¹²⁰. Maryellen aprendeu a falar com a mãe, mas não aprofundou seu domínio da língua, ficando ele restrito à fala. No entanto, mesmo a fala não é dominada totalmente por ela. Pode-se detectar essa dificuldade quando ela se referiu às celebrações religiosas do rito bizantino católico, rezado na língua eslava. Nas celebrações, as orações e textos lidos durante a missa, ou mesmo palavras usadas pelo sacerdote, são muitas vezes pouco usuais no cotidiano, sendo dessa forma incompreensíveis para pessoas como Maryellen que dominam o idioma de forma parcial: “Eu decorei. Eu entendo pouca coisa que são palavras mais difíceis. Sabe? As mais fáceis eu entendo, mas o que é mais difícil eu não entendo”¹²¹.

A dificuldade de Maryellen em acompanhar as celebrações religiosas devido à língua não é restrita apenas à ela. Ao analisar questões culturais e linguísticas em Itapará,

¹¹⁸ Sofia Podogurski Hellmann. Op cit.

¹¹⁹ Genoveva Smah Vogivoda. Op Cit.

¹²⁰ Maryellen Bahri. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

¹²¹ Idem.

comunidade do interior de Irati/PR onde residem descendentes de ucranianos, Tadinei Daniel Jacumasso obteve de um sacerdote o relato no qual aparece salientada a circunstância de que os mais jovens não conseguem acompanhar toda a celebração missal se ela for totalmente rezada em ucraniano.¹²² Nossa entrevistada, como dissemos, decorou provavelmente as partes da celebração que são normalmente repetidas em todas as missas. A homilia, no entanto, feita pelo padre e que foge do repetitivo da celebração, traz dificuldades incompreensíveis para ela e os demais optantes da língua portuguesa. Cada sermão do sacerdote é diferente e por esse motivo tem-se a necessidade de ser feito em português.

Reginalda Bahri dos Santos (29), ao contrário de Maryellen, declarou querer ensinar ucraniano ao filho, mas é contra a disciplina de língua ucraniana na grade curricular do colégio: “Eu pretendo ensinar (...). Outra coisa é outra questão da escola, a escola é outra coisa. Eu acho que na escola não devia”¹²³. Reginalda acha importante ensinar a língua para o uso doméstico, mas minimiza a utilidade da língua num contexto fora de Ligação ou fora de Prudentópolis:

Eu acho que como na escola, eu não acho o ucraniano importante. Eu acho que devia ser outra língua, por mais que faça parte de preservar a cultura, língua essas coisas eu acho que devia (pausa) saiu fora do município a realidade é outra. Eu acho que devia seguir o que a realidade busca o que... tipo o inglês, onde vai o inglês, o espanhol é o que hoje em dia que predomina¹²⁴.

Reginalda foi incisiva em suas colocações. Para ela, o ucraniano teria apenas uma utilidade local: saindo dos limites da comunidade ou do município o idioma não teria a mesma utilidade que as línguas tradicionalmente ensinadas, sobretudo o inglês. Além disso, ela casou-se com um não descendente de ucranianos, fator que pode ter sido de grande influência em suas percepções acerca do idioma: “Eu pretendo ensinar, agora já meu marido acha que não precisa”¹²⁵.

Reginalda nos apresenta um dado interessante, seu marido não é descendente de ucranianos o que poderia ser motivo para ele ser contrário ao ensino do idioma ucraniano ao filho. No entanto, de acordo com a fala da entrevistada, ela mesma não atribui ao idioma a mesma importância que Sofia ou Genoveva, por exemplo. Ou seja, não é o casamento com pessoa de outra etnia em si que fará com que ela deixe de ensinar o filho.

Odinei Fabiano Ramos defende em sua tese que os ucranianos tinham mais resistência

¹²² JACUMASSO, Tadinei Daniel. Op cit p. 103..

¹²³ Reginalda Bahri dos Santos. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Idem.

a casar com pessoas de outras etnias. De acordo com dados obtidos junto à paróquia São Josafat, de Prudentópolis, o autor destaca que eram raros os períodos que passavam dos 20% os casamentos interétnicos realizados na referida paróquia ¹²⁶. Porém, esse dado apresentado pelo autor nos remete a um “lugar comum” em Prudentópolis. No município existem duas paróquias católicas, uma “ucraniana” e uma “brasileira”, paróquia São Josafat e São João Batista, respectivamente. Elas ocupam o mesmo espaço geográfico e na zona rural do município é comum existirem duas capelas na mesma comunidade, uma “ucraniana” e outra “brasileira”. Portanto, o dado apresentado por Ramos é algo esperado, pois as pessoas irão realizar seus matrimônios na capela da Igreja a qual pertence.

Na conversa realizada com Joana, quando questionada se seus filhos estão usando no cotidiano o idioma, tal qual era no período em que ela era criança, a resposta foi negativa. O fato da comunidade de Ligação ter recebido pessoas vindas de fora como novos moradores, sobretudo de descendência não ucraniana, foi apontado por ela como um dos motivos para esse desapego à língua ucraniana no local:

Não, porque na verdade aqui na comunidade ele misturou muito, vamos dizer assim. Veio muitas pessoas de fora então, não ficou, digamos, uma família só ucraniana. Então entrou, nós tínhamos uma leva de pessoas que vieram de Pitanga então... o pessoal só fala português. Daí foi casando ucraniano com brasileira e tal e em casa eles não falam mais porque.. e... se falam as crianças falam uma palavra, uma frase, o nome das coisas, mas é pouca coisa, mas o domínio da fala eles não tem.¹²⁷

O relato da entrevistada vai ao encontro com o que apontou Jacumasso, pois segundo ele a ausência prolongada de casamentos interétnicos por períodos prolongados facilita a preservação de aspectos culturais¹²⁸. Portanto, no bojo dessas considerações do referido autor pode-se concluir que os aspectos identitários analisados nesse capítulo também são alterados com a miscigenação.

No entanto, o casamento entre pessoas descendentes de ucranianos com pessoas de outras origens, como defendido por Ramos, parece não ser, a princípio e ao cabo, a razão do abandono da língua. Conforme mostrado acima, Sofia tinha o pai ucraniano e a mãe polonesa e mesmo assim ela aprendeu os dois idiomas, sem o privilégio de um ou de outro. ¹²⁹

¹²⁶ RAMOS, Odinei Fabiano. *Experiências da colonização eslava no Centro-Sul do Paraná (Prudentópolis 1895-1995)*. Franca, SP: UNESP, 2012. (Tese de Doutorado). p. 128.

¹²⁷ Joana Vozivoda Ditzkun. Op Cit.

¹²⁸ JACUMASSO, Tadinei Daniel. Op Cir. p. 88.

¹²⁹ Sofia Podogurski Hellmann. Op Cit.

Descendente de poloneses e ucranianos ela se casou com um descendente de alemães¹³⁰, mas isso não a impediu de ensinar os filhos falarem o ucraniano. Todavia, ela não manteve como tradição o ensino do polonês aos próprios filhos conforme os seus genitores fizeram¹³¹.

Outro exemplo similar é o de Genoveva. Neste caso, o pai era descendente de poloneses e a mãe era descendente de ucranianos. Segundo ela: “O pai era polaco e a mãe era ucraniana. Só que o pai depois falava mais bem e rezava e ensinava nós a rezar do que a mãe. Em ucraniano”¹³². No entanto, longe de minimizar a importância do casamento entre pessoas de etnias diferentes para a diminuição do uso da língua ucraniana em Ligação e em Prudentópolis de modo geral, parece-nos que a questão da identidade étnica ucraniana e suas crises vão além, muito além, da simples mistura étnica.

Tatiane Guiloski¹³³ (16), descendente de pais ucranianos, aprendeu a falar a língua dos antepassados. Porém, ela mesma reconhece que tem dificuldades com a língua ucraniana, pois fala-a pouco, e sua compreensão na conversação é bastante deficiente, pois não consegue acompanhar o diálogo palavra por palavra. Isso fica claro em sua fala: “Entendo (pausa) dependendo (pausa) por algumas palavras a gente entende o contexto”¹³⁴. Ou seja, a compreensão que Tatiane tem da parte oral lhe permite compreender conversas cotidianas. Mas, ao que parece, conversas com palavras menos corriqueiras ou sem o entrelaçamento de palavras em português no diálogo dificultam sobremaneira sua capacidade de interagir e compreender o assunto.

Quando questionada por mim, se futuramente vier a ter seus próprios filhos, os ensinará a língua paterna, Tatiane declarou que pretende ensiná-los sim, pois acredita ser importante dar-lhes tal oportunidade. Mas, o que aqui nos parece mais interessante está no fato de que tal oportunidade não viria necessariamente das conversas cotidianas em casa, mas sim do aprendizado especializado, formal, ou seja, através de um “curso” de língua ucraniana, porém ensinado “extra lar”: “Sim eu pretendo. Se caso eu venha a ter filhos eu quero sim... pelo menos dar a oportunidade de eles terem um pouco da língua ucraniana, talvez fazer um curso”¹³⁵.

¹³⁰ O marido, embora descendente de alemães, já não falava em alemão. Esse fato fez com que o ucraniano ensinado por ela não tivesse a concorrência da língua germânica.

¹³¹ O caso de Sofia não pode ser encarado como uma regra, uma vez que não temos dados suficientes para defender tal hipótese. No entanto, o caso dela nos traz um dado interessante que uma pesquisa maior poderia ajudar a esclarecer: nos casamentos interétnicos onde um dos cônjuges é descendente de ucranianos e o outro não, qual o idioma prevaleceu no processo de aprendizagem dos filhos no momento da aquisição da fala?

¹³² Genoveva Smah Vogivoda. Op Cit.

¹³³ Tatiane Guiloski. Entrevista Concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de janeiro de 2013.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ Idem.

Pode-se presumir desta tentativa de preservação da língua ucraniana no seio da família através de um curso ensinado por especialistas (de modo exterior à casa), que talvez isso se deva ao fato de ela própria não ter condições de ensiná-los, pois não domina o idioma nas suas diferentes competências (fala, escrita, leitura). Por isso um curso formal aparece como alternativa viável. Antes de ensinar, ela própria teria que aprendê-la de modo mais profundo.

Interessante ainda que Tatiane declarou que seu maior domínio da língua é a leitura. Segundo ela, sua capacidade de ler é boa. Assim, ela aparece na contramão da maioria das pessoas que perpetuaram o idioma na sua oralidade sem a parte gramatical (leitura e escrita).

Parece-nos que a diferença etária em si não reflete a tendência à diminuição do uso da língua, mas ela não deixa de ser ao mesmo tempo sintomática, pois mesmo que Maryellen (20), Reginalda (29) e Tatiane (16) queiram ensinar seus filhos a falar ucraniano e mantê-los em acordo com os costumes há muito estabelecidos, não se pode deixar de considerar que, para elas, em seu novo contexto histórico-cultural, as dificuldades para executar tal empreendimento são enormes.

A primeira dificuldade ora encontrada reside no fato de elas não mais dominarem o idioma nos seus diferentes aspectos, como dominavam “naturalmente” seus antepassados, vindos diretamente da Ucrânia ou sendo seus primeiros descendentes. Agora, as novas condições para fala, compreensão, escrita e leitura do idioma são bem outras, pois os jovens convivem cotidianamente, seja em casa, na escola, igreja ou nas ruas da cidade, com pessoas que falam outros idiomas, como o polonês e, especialmente, o português, idioma nativo e uso “natural” em todo o território brasileiro. Reginalda, por exemplo, não escreve e nem lê em ucraniano, apenas fala e compreende; já Maryellen tem dificuldades até com a fala e compreensão, conforme destacado anteriormente. Tatiane, por sua vez, apresenta uma peculiaridade por saber melhor ler do que falar. Mesmo assim, tem dificuldades maiores ainda por não saber pronunciar e compreender o som das palavras que lê.

2.2 – QUESTÕES TEÓRICAS ACERCA DO CONCEITO DE IDENTIDADE E IDENTIDADE ÉTNICA

Na contemporaneidade, a questão das identidades está presente nas discussões de diferentes áreas: na história, na sociologia, na antropologia, na psicologia, entre outras. Esse período recebe diferentes denominações como modernidade tardia ou pós-modernidade, e a questão da fragmentação das várias formas de sociabilidade aparece muitas vezes como o elemento caracterizador destas novas identidades no mundo ao mesmo tempo globalizado e redefinidor das culturas em níveis locais.

Stuart Hall¹³⁶ chama a atenção para a explosão discursiva em torno do conceito de identidade. O sociólogo estadunidense destaca que, de maneira geral, diferentes disciplinas atacam a ideia de uma *identidade* integral, original e unificada. O discurso feminista e cultural, por exemplo, influenciados pela psicanálise chamaram a atenção para os processos inconscientes da formação da identidade. Ou seja, o sentimento de pertencimento à um grupo étnico ou à uma identidade, que pode ser étnica ou não, vai além de critérios objetivos ou aparentes.

Hall fala da confusão entre identidade e identificação e da pouca clareza quando se fala do conceito de identificação: na linguagem comum ela se constrói na base do reconhecimento de alguma origem comum com características de outras pessoas. Em contrapartida o enfoque discursivo a vê como uma construção, um processo nunca acabado. A identificação é uma articulação. Nesse sentido as identidades se constroem nos jogos de poder, não resultado de uma totalidade natural, mas sim de um processo de naturalização.¹³⁷

A identidade é usada por Hall¹³⁸ para determinar o momento de encontro de dois pontos: de um lado os discursos e práticas e de outro os processos que produzem subjetividades. Desse encontro resulta, segundo ele, em um debate não resolvido de Althusser e dos psicanalistas: assim como a ideologia não define de uma vez e para sempre a identidade da pessoa, os processos psíquicos do complexo de Édipo não moldam a identidade de forma total, pois as experiências da criança não são vivenciadas todas de uma só vez. A identidade da criança só tem sentido em relação ao “outro”.

¹³⁶ HALL, Stuart. 2003. Op cit. p. 13-14.

¹³⁷ Idem. p. 19.

¹³⁸ Idem. p. 20.

Assim, Hall¹³⁹ utiliza o conceito de agência para pensar essa identificação: a agência seria o ponto de vista que o sujeito tem de si e do mundo que o cerca. Nesse quesito podemos estabelecer um diálogo, ainda que arbitrário, com a noção de auto-identidade de Anthony Giddens¹⁴⁰: assim como a agência pode ser entendida como um ponto de vista sobre algo ou sobre si mesmo, a auto-identidade pode ser pensada a partir dessa perspectiva. A auto-identidade de Giddens traz um aspecto a mais, pois a identidade é criada e deve ser sustentada para se manter. Nessa discussão Giddens chama a atenção para a diferença entre auto-identidade e estilo de vida. O estilo de vida pode ser algo externo, um vestuário, por exemplo, mas que não representa a forma como a pessoa se reconhece. O bancário que em virtude da profissão usa terno todos os dias, mas que pode ter uma aversão à indumentária formal, aversão resultante muitas vezes justamente da obrigatoriedade do seu uso. A forma de se vestir não é sua auto-identidade, ela se tornou um estilo de vida em virtude das exigências da profissão.

As questões identitárias surgem, segundo Zygmunt Bauman, quando algo incomoda o indivíduo:

Pensamos na identidade quando não estamos seguros do lugar ao qual pertencemos; ou seja, quando não estamos seguros de como nos situar na evidente variedade de estilos e padrões de comportamento e haver pessoas ao nosso redor que aceitem essa situação como correta e apropriada, a fim de que ambas as partes saibam como atuar na presença da outra.¹⁴¹

Essa incerteza pode estar ligada à separação de espaço e tempo tratada por Giddens¹⁴², pois antes do período moderno¹⁴³ as atividades do indivíduo eram bastante delimitadas e marcadas por um tempo e um espaço. A refeição de um chefe de família teria um lugar específico da casa para as refeições (cozinha ou sala de jantar) e um horário também fixo. Agora isso não é mais regra e nesse contexto podem surgir as incertezas e as “crises” de identidade. Nesse mesmo exemplo surgem os mecanismos de desencaixe apontados por Giddens: as pessoas não têm mais um local definido para se alimentar, isso pode ser feito em qualquer lugar, longe da esfera privada e delimitada da casa.

¹³⁹ HALL, Stuart. 2003. Op Cit.

¹⁴⁰ GIDDENS, Anthony. Op cit.

¹⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. Op cit. p. 41. Texto original: Pensamos en la identidad cuando no estamos seguros del lugar al que pertenecemos; es decir, cuando no estamos seguros de cómo situarnos en la evidente variedad de estilos y pautas de comportamiento y haber que la gente que nos rodea acepte esa situación como correcta y apropiada, a fin de que ambas partes sepan cómo actuar en presencia de la otra. Tradução livre do autor.

¹⁴² GIDDENS, Anthony. Op Cit.

¹⁴³ Estou usando o termo “período moderno” para me referir ao período pós século XIX, sem entrar aqui nas discussões sobre modernidade tardia ou pós-modernidade.

Na modernidade, segundo Bauman, a identidade passa a ser interiorizada; não há a necessidade imperativa de caminhar para um lugar físico para que o sujeito se auto-identifique, como no caso dos peregrinos ¹⁴⁴. O estilo de vida, apontado por Giddens, pode demonstrar isso, pois a identidade contemporânea não necessariamente se define por um vestuário ou pela frequência a um determinado lugar. A pessoa se veste e frequenta lugares que não definem sua identidade; ela possui um estilo de vida, mas sua auto-identificação é interior.

No entanto, não podemos perder de vista o combate acerca da ideia de que haveria uma identidade unificada e que se tornou fragmentada na modernidade: “A ideia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a estória do sujeito moderno” ¹⁴⁵.

Para Lawrence Grossberg as questões identitárias estão envolvidas nas relações de poder da sociedade moderna:

Se a identidade é de certo modo constituída pela modernidade e às vezes é constitutiva desta, os discursos identitários atuais omitem questionar sua própria localização dentro das formações do poder moderno e sua implicação com eles ¹⁴⁶.

Para Hall, existem quatro descentramentos do sujeito, um deles está relacionado à questão do poder trabalhada por Michel Foucault:

O que é particularmente interessante, do ponto de vista da história do sujeito moderno, é que, embora o poder disciplinar de Foucault seja o produto das novas instituições coletivas e de grade escala da modernidade tardia, suas técnicas envolvem uma aplicação do poder e do saber que “individualiza” ainda mais o sujeito e envolve mais intensamente seu corpo... ¹⁴⁷

Portanto, as questões identitárias estão imersas também nos jogos de poder e em muitos casos não se leva em conta esse aspecto no momento da análise das questões identitárias. A modernidade não é uma identidade, as relações de poder nesse contexto é que produzem as identidades. A questão pode ser colocada da seguinte forma:

¹⁴⁴ BAUMAN, Zygmunt. Op Cit. p. 45.

¹⁴⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005 Op cit. p. 24.

¹⁴⁶ GROSSBERG, Lawrence. Op cit. p. 151. Texto original: Si la identidad es en cierto modo constituída por la modernidad y a la vez es constitutiva de esta, los discursos identitarios actuales omitem cuestionar su propia ubicación dentro de las formaciones del poder moderno y su implicación con ellas. Tradução livre do autor.

¹⁴⁷ HALL, Stuart. 2005. Op Cit. p. 42-43.

Mas existe, por suposto um modo alternativo de compreender a relação do moderno com a identidade, segundo o qual o primeiro transforma todas as relações identitárias em relações de diferença. Assim, o moderno não constitui a identidade a partir da diferença, mas a diferença a partir da identidade. O moderno nunca se constitui como uma identidade (diferente de outras) sim como uma diferença (sempre diferente de si mesmo, através do tempo e do espaço).¹⁴⁸

A modernidade, no entender de Grossberg, não é uma identidade; ela pode produzi-las, mas não a constitui em si. Mais uma vez podemos fazer um paralelo com o conceito de estilo de vida de Giddens ¹⁴⁹: o indivíduo vive o estilo moderno sem que este necessariamente traduza a sua identidade ou a reflita como se fosse um espelho. A identidade está interiorizada, diria Bauman ¹⁵⁰.

No entanto, para Grossberg a subjetividade da diferença - pois ela é em grande medida a baliza que permite definir a identidade – é epistemológica e por isso produzida em determinado contexto:

Em outras palavras, ainda que todos os indivíduos existam dentro dos estratos da subjetividade, também estão situados em determinadas posições, cada uma das quais permite e restringe as possibilidades da experiência de representar essas experiências e de legitimar essas representações.¹⁵¹

Como ressaltado no início do texto, a identidade é muitas vezes pensada a partir da ideia que antes havia uma identidade unificada e única e que agora elas são fragmentadas e múltiplas. Porém, a reivindicação de uma identidade singular e unificada muitas vezes está ligada à questão do poder. Em termos foucaultianos, podemos pensar essa questão identitária a partir dos conceitos de proveniência – *Herkunft* – e de emergência – *Entstehung* – pois as relações humanas mudam ao logo do tempo e não guardam uma bela origem – *Ursprung* – como se fosse algo que atravessa os tempos de forma inalterada¹⁵².

¹⁴⁸ GROSSBERG, Lawrence. Op Cit. p. 158. Texto original: Pero existe, por supuesto, un modo alternativo de comprender la relación de lo moderno y la identidad, según el cual el primero transforma todas las relaciones identitarias en relaciones de diferencia. Así, lo moderno no constituye la identidad a partir de la diferencia, sino la diferencia a partir de la identidad. Lo moderno nunca se constituye como una identidad (diferente de otras) sino como una diferencia (siempre diferente de sí mismo, a través del tiempo y el espacio). Tradução livre do autor.

¹⁴⁹ GIDDENS, Anthony. Op Cit.

¹⁵⁰ BAUMAN, Zygmunt. Op Cit.

¹⁵¹ GROSSBERG, Lawrence. Op Cit. p. 167. Texto original: En otras palabras, aunque todos os individuos existen dentro de los estratos de la subjetividad, también están situados en determinadas posiciones, cada una de las cuales permite y restringe las posibilidades de la experiencia, de representar esas experiencias y de legitimar esas representaciones. Tradução livre do autor.

¹⁵² FOUCAULT, Michel. 1979. Op Cit

A origem enquanto *Ursprung* não deixa espaço para a mudança, para o inusitado, por esse motivo deve ser criticada. A *Ursprung* pode ser invocada na hora de um grupo afirmar sua identidade: nesse momento ela pode aparecer como algo que sempre tivesse bem definida, e busca-se então na origem longínqua o embasamento para a defesa de determinada identidade. O grupo procura reafirmar sua origem como tendo sido a partir de uma unidade homogênea e tal origem seria o gérmen de sua cultura bela. Essa tática da origem metafísica apareceria como uma tática para enfrentar e ao mesmo tempo justificar a fragmentação posterior, como veremos no próximo capítulo.

2.3 - QUESTÕES IDENTITÁRIAS ACERCA DO USO DA LÍNGUA UCRANIANA EM LINHA LIGAÇÃO

As questões teóricas apontadas no item anterior nos ajudam a pensar um pouco a questão da identidade ucraniana em Ligação, Prudentópolis-PR, a partir do uso da língua ucraniana e da adoção da disciplina de língua ucraniana no colégio estadual localizado na comunidade.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Estadual Imaculada Conceição, localizado na localidade de Ligação, há menção à questão da identidade ligada a uma suposta origem enquanto *Ursprung*:

O Colégio desde sua implantação ano 1991 optou pelo ensino da Língua Ucraniana na Matriz Curricular do Ensino Fundamental, porque o mesmo situa-se numa região onde há muitos descendentes de ucranianos os quais ainda dominam principalmente a língua oral e um pouco menos a língua escrita e a leitura. O objetivo da escola é colaborar na preservação da língua, dos costumes e tradições do povo, pois quando um povo perde a sua cultura perde também sua identidade¹⁵³.

No trecho citado a impressão é que o objetivo, os aspectos a serem preservados, diz respeito a algo que atravessou o Atlântico vindo da Ucrânia para o Brasil, mantendo suas características originais. O papel da escola, no que diz respeito à disciplina de língua estrangeira moderna, seria o de preservar, a partir da língua, a cultura, os costumes e as tradições e com isso estaria colaborando na manutenção da identidade. Nesse ponto surge a questão elencada por Bauman da identidade surgir nos momentos de incerteza¹⁵⁴.

A questão identitária colocada no documento escolar diz respeito aos descendentes dos imigrantes ucranianos e a necessidade dessa defesa se justifica, e aí reside a incerteza identitária ou pelo menos a sua indefinição, pelo fato de que as gerações mais novas não falam mais o ucraniano. Fato ressaltado por moradores de Ligação: “Agora eles sabem bem menos que antigamente. Antigamente se praticava mais a língua ucraniana. Hoje em dia já se fala bem menos em casa do que antes. Acho que sabem menos”¹⁵⁵.

¹⁵³ Colégio Estadual Imaculada Conceição E.F.M. *Projeto Político Pedagógico*. 2011. p. 89. Disponível em: <http://www.pdtimaculada.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=13> Acesso em 28/04/2012.

¹⁵⁴ BAUMAN, Zygmunt. Op Cit.

¹⁵⁵ Maria Lurdes Vojevoda. Op Cit. A entrevistada é professora primária na Escola Municipal de Ligação que funciona no mesmo prédio que o Colégio Estadual Imaculada Conceição; ela também é professora da rede estadual e já deu aula da disciplina de língua ucraniana.

Em entrevista realizada com o diretor do Colégio Estadual Imaculada Conceição, o professor João Márcio Iulek, ele ressaltou a dificuldade de se conversar com as pessoas mais idosas, acostumadas a falar o ucraniano cotidianamente e em contrapartida o uso bem menos acentuado da língua pelos jovens:

[com] as pessoas mais velhas você tem até uma certa dificuldade de dialogar com elas porque é tão costumeiro eles utilizarem o ucraniano no dia a dia que quando vão utilizar o português acaba, acaba tendo um pouco de dificuldade. Mas aí as novas gerações já não têm tanto, não fazem tanto uso da língua ucraniana.¹⁵⁶

Num contexto em que todos falassem a língua ucraniana, que não houvesse ameaça da hegemonia, não haveria a necessidade desse cuidado por parte dos favoráveis à disciplina de língua ucraniana. A defesa e a urgência do trabalho de preservação surgem num contexto de incerteza quanto aos rumos que está tomando a “identidade ucraniana”. E nesse contexto de perda dos parâmetros que antes norteavam as condutas individuais, seja em razão dos mecanismos de desencaixe ou pela separação de espaço e tempo ressaltados por Giddens¹⁵⁷, resultado das transformações da modernidade, é que as justificativas buscadas numa origem enquanto *Ursprung* podem surgir.

A relação entre a língua e a identidade, ou o fato de não se falar o ucraniano e, portanto, não possuir determinada identidade, pode-se evidenciar no diálogo com Sofia:

Lourenço: Os filhos da senhora, a senhora ensinou o ucraniano? Eles falam, eles usam, como que é o uso deles?

Sofia: Olha, eu ensinei todos eles falar, rezar em ucraniano. Até hoje eles falam, eles não esqueceram e acredito que nunca mais vão esquecer né. Só que os filhos deles já não falam o ucraniano né. Porque acho que é falha dos pais mesmo de ensinar, porque acho que quanto mais línguas souber é melhor pra eles, né?

Lourenço: Então no caso os netos da senhora dá pra dizer que... ?

Sofia: Que não são mais ucranianos (risos).¹⁵⁸

A reticência na questão citada acima foi em razão da pergunta ter sido cortada pela resposta de Sofia. No contexto da conversa a intenção era enfatizar se os netos já teriam perdido totalmente o domínio do idioma ou se ao menos entendiam, mas nossa informante enfatizou que eles não são mais ucranianos por não falarem a língua eslava. O “ser ucraniano”

¹⁵⁶ João Márcio Iulek. *Entrevista* concedida a Lourenço Resende da Costa em 28 de abril de 2012.

¹⁵⁷ GIDDENS, Anthony. *Op Cit.*

¹⁵⁸ Sofia Podogurski Hellmann. *Op Cit.*

para ela está intimamente ligado ao fato do indivíduo falar ou não o idioma.

Fato análogo, ainda que sob outra perspectiva, é o já citado caso tratado por Jacumasso em que um senhor em Itapará, município de Irati/PR, achava errado rezar partes da missa em português ¹⁵⁹. Igreja ucraniana, padre do rito ucraniano, pessoas descendentes de ucranianos = língua ucraniana. Usar o português era incorreto para esse senhor em questão. Por que falar em português numa celebração ucraniana? Ucraniano tem que falar ucraniano, em síntese era esse o possível pensamento do referido senhor.

Portanto, a questão étnica nesse caso se dá pelo contato e “confronto” com o “outro”. Não haveria necessidade de se falar português se não houvesse o outro e se ele não existisse não haveria parâmetros para definir o “nós” e o “eles”.

A importância da identidade ligada à língua pode ser encontrada no estudo de Lídia Zawadzki. No rol de questões da autora a seus entrevistados, uma das perguntas era em qual língua o descendente de ucraniano se dirigia a seu pároco ¹⁶⁰. No estudo a autora ressalta que em Tijuco Preto, comunidade rural de Prudentópolis, falar o idioma era condição essencial para o descendente de imigrantes. Falar com o pároco no idioma eslavo era uma forma inequívoca da pessoa dizer quem ela era, sem que precisasse dizer se era descendente de ucranianos. O idioma identificaria à qual etnia a pessoa pertencia e nesse caso não só o pertencimento étnico, mas também a identidade, pois bastava apenas a pessoa cumprimentar o sacerdote em língua eslava para que ele compreendesse. A necessidade de conversar na língua ucraniana ia além da simples condição de entendimento para o diálogo, ela era condição identitária que o indivíduo fazia questão de assinalar.

Uma característica da modernidade, ressaltada por Hall ¹⁶¹, é a valorização, por parte de alguns grupos, de questões e comunidades tidas como tradicionais ou de minorias étnicas dentro de uma perspectiva da defesa da diversidade cultural. No caso de Prudentópolis, e mais especificamente na comunidade de Ligação, onde está localizado o colégio Imaculada Conceição, os ucranianos não são uma minoria étnica. De acordo com os gráficos 1 e 2 na sequência do capítulo podemos perceber que nas comunidades atendidas pelo colégio Imaculada Conceição e em Ligação os ucranianos são o grupo étnico majoritário. Todavia, de acordo com a tabela 2 do primeiro capítulo vemos que em termos nacionais os ucranianos não são maioria.

Portanto, dentro de um contexto nacional, a busca por uma reafirmação identitária está

¹⁵⁹ JACUMASSO, Tadinei Daniel. Op Cit. p. 103.

¹⁶⁰ ZAWADZKI, Lídia. *O dialeto ucraniano na colônia Tijuco Preto*. Irati/PR: UNICENTRO, 1998. (Monografia de Especialização).

¹⁶¹ HALL, Stuart. 2005. Op Cit.

em consonância com essas necessidades. Ou seja, os descendentes de ucranianos de Ligação e adjacências, ainda que de forma inconsciente, estão nesse contexto de confronto entre global e local. O PPP do colégio ressalta o seguinte:

A língua estrangeira moderna pode ser propiciadora da construção das identidades dos sujeitos alunos ao oportunizar o desenvolvimento da consciência sobre o papel exercido pelas línguas estrangeiras na sociedade brasileira e no panorama internacional, favorecendo ligações entre a comunidade local e planetária.¹⁶²

O trecho citado acima ao confrontá-lo com o trecho do PPP citado anteriormente, nos traz alguns apontamentos. Lembrando que os dois excertos figuram na mesma página do documento. Se não são contraditórios ao menos demonstram uma incerteza identitária e que, portanto deve ser enfrentada pelo colégio. No PPP, no início da página 89, aparece o trecho acima afirmando que a língua estrangeira moderna, nesse caso a língua ucraniana, é fundamental para se construir a identidade do aluno, mas logo na sequência o documento ressalta que a língua será usada para preservar aspectos culturais e da tradição e consequentemente com isso impedirá que o povo perda sua identidade.

O documento, ainda que de forma inconsciente, toca no problema da construção e da manutenção da identidade. Para Bauman, um problema moderno da identidade não é construí-la, mas sim como preservá-la. Na modernidade as coisas e pessoas perderam sua solidez¹⁶³. O jogo da vida dos sujeitos pós-modernos não deve ser realizado com perspectivas de longo prazo: “Fazer que a partida seja curta significa estar em guarda contra os compromissos de longo prazo”¹⁶⁴.

Dentro dessas preocupações identitárias, podemos ressaltar a fala do professor João Márcio a respeito da escolha da disciplina de língua ucraniana no colégio Estadual Imaculada Conceição. Embora o professor não utilize a palavra identidade na sua fala, um trecho chama a atenção para a questão que analisamos aqui:

Mas na verdade foi uma opção por uma questão regional mesmo de tentar de alguma maneira segurar essa questão cultural, de manter alguma coisa, mas aproveitar alguma coisa que existe porque, como eu disse, não é só as pessoas que não tem a descendência que não aprenderam em casa,

¹⁶² PPP Imacula. p. 89.

¹⁶³ BAUMAN, Zygmunt. Op Cit. p. 49.

¹⁶⁴ BAUMAN, Zygmunt. Op Cit p. 50. Texto original: Hacer que la partida sea corta significa estar en guardia contra los compromisos de largo plazo. Tradução livre do autor.

aprenderam um pouco na comunidade então de certa maneira nesse momento da vida deles que estão no Ensino Fundamental e Médio, eles vão ter como utilizar esse ucraniano no dia a dia. Vai ser muito mais útil o ucraniano do que seria o inglês de fato.¹⁶⁵

Muitas pessoas aprendem palavras em ucraniano e as utilizavam no cotidiano, mas isso não significa que sua auto-identificação seja ucraniana. Nem todas as pessoas são descendentes de ucranianos, mas muitos adotam costumes e estilo de vida que os confunde com os ucranianos.

O contexto no qual está inserida a fala do professor João Márcio é o contexto em que existem estratégias, governamentais e não governamentais, fruto da tão disseminada ideia de globalização, que visam a homogeneização. A língua ucraniana no bojo das questões identitárias pode ser uma tática da comunidade frente a uma estratégia externa que visa fragmentar a identidade do grupo. No entanto, não se deve perder de vista as relações de poder que permeiam essas estratégias e táticas, pois a comunidade ucraniana de Ligação pode estar usando a língua como uma tática frente a proibição governamental referente a divisão da carga horária destinada à língua estrangeira moderna no Ensino Fundamental Anos Finais¹⁶⁶. Por outro lado, esse mesmo fato pode ser usado pelos descendentes de ucranianos como uma estratégia diante de outros grupos étnicos¹⁶⁷.

A comunidade de Ligação localiza-se na região Norte do município de Prudentópolis a cerca de 60 quilômetros da área urbana. Localizada a alguns quilômetros à frente de Ligação, portanto ainda mais distante da sede do município, situa-se Jaciaba, a maior comunidade polonesa de Prudentópolis¹⁶⁸. Com relação aos poloneses, os ucranianos travam contendas trazidas do Velho Mundo. Essa proximidade entre dois grupos eslavos, mas que possuem divergências antigas aumentam a complexidade do jogo das identidades, das relações de poder e das estratégias e táticas à maneira certoniana. Ramos afirma que o nome “Ligação”, dado à comunidade, se deve a um preconceito étnico, pois segundo ele, os descendentes de

¹⁶⁵ João Márcio Iulek. Op Cit.

¹⁶⁶ COSTA, Lourenço Resende da. *A língua ucraniana no currículo escolar de algumas escolas de Prudentópolis-PR (1990-2010)*. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RJ: Ofício do Historiador: Ensino & Pesquisa. Rio de Janeiro, 2012. Até 2006 era comum as escolas estaduais de Prudentópolis dividirem a carga horária destinada à língua estrangeira moderna nos anos finais do Ensino Fundamental. Nas quintas e sextas séries era ensinado o ucraniano e nas sétimas e oitavas séries, o inglês. A partir de 2006 essa divisão foi proibida e as escolas tiveram que optar por apenas uma. Em Prudentópolis o Colégio Estadual Imaculada Conceição foi o único que optou em manter na sua grade curricular a disciplina de língua ucraniana.

¹⁶⁷ CERTEAU, Michel. Op Cit.

¹⁶⁸ RAMOS, Odinei Fabiano. *Ucranianos, poloneses e “brasileiros”*: fronteiras étnicas e identitárias em Prudentópolis-PR. São Leopoldo-RS: UNISINOS, 2006. (Dissertação de Mestrado).

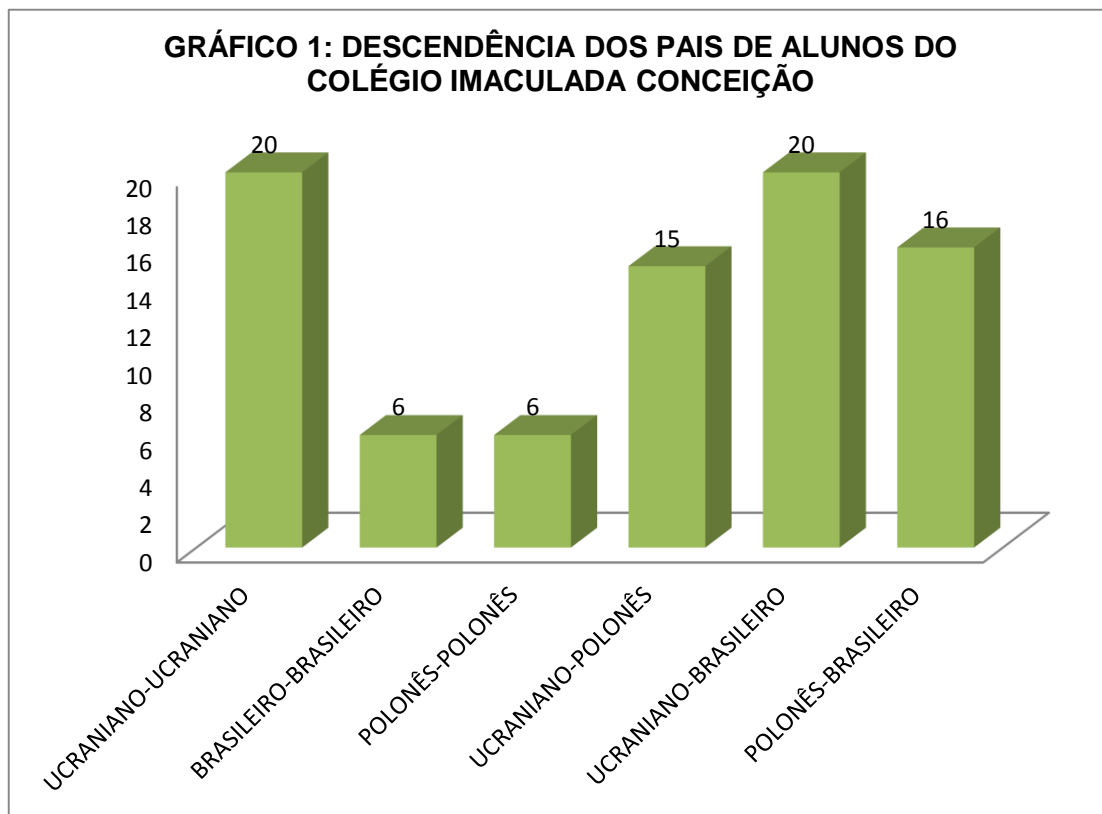
ucranianos dizem que a comunidade é um elo que liga os poloneses com a civilização¹⁶⁹. No entanto, nas conversas realizadas com os moradores essa questão não foi mencionada e quando questionados como era a relação com os poloneses eles afirmaram que sempre foi boa. Além disso, segundo Andrezza, historicamente os ucranianos foram na maioria das vezes submissos à nobreza polonesa¹⁷⁰ e de acordo com Guérios a mentalidade submissa dos ucranianos permaneceu ainda por longo prazo¹⁷¹.

No Colégio Estadual Imaculada Conceição foi realizado um levantamento com 83 alunos do Ensino Médio a partir de um formulário. Entre as questões colocadas, uma versava sobre a origem dos pais. No gráfico a seguir aparece o resultado das informações obtidas. As informações na base do gráfico devem ser entendidas da seguinte forma: “ucraniano-ucraniano” significa que ambos os cônjuges, segundo seus filhos, são de origem ucraniana; ou “ucraniano-polonês” significa que o casal de pais é formado por essas duas etnias não importando nesse caso qual dos dois pertence a uma ou a outra.

¹⁶⁹ RAMOS, Odinei Fabiano. 2006. Op cit. pp. 92-93.

¹⁷⁰ ANDREAZZA, Maria Luiza. 1996. Op Cit. p. 16.

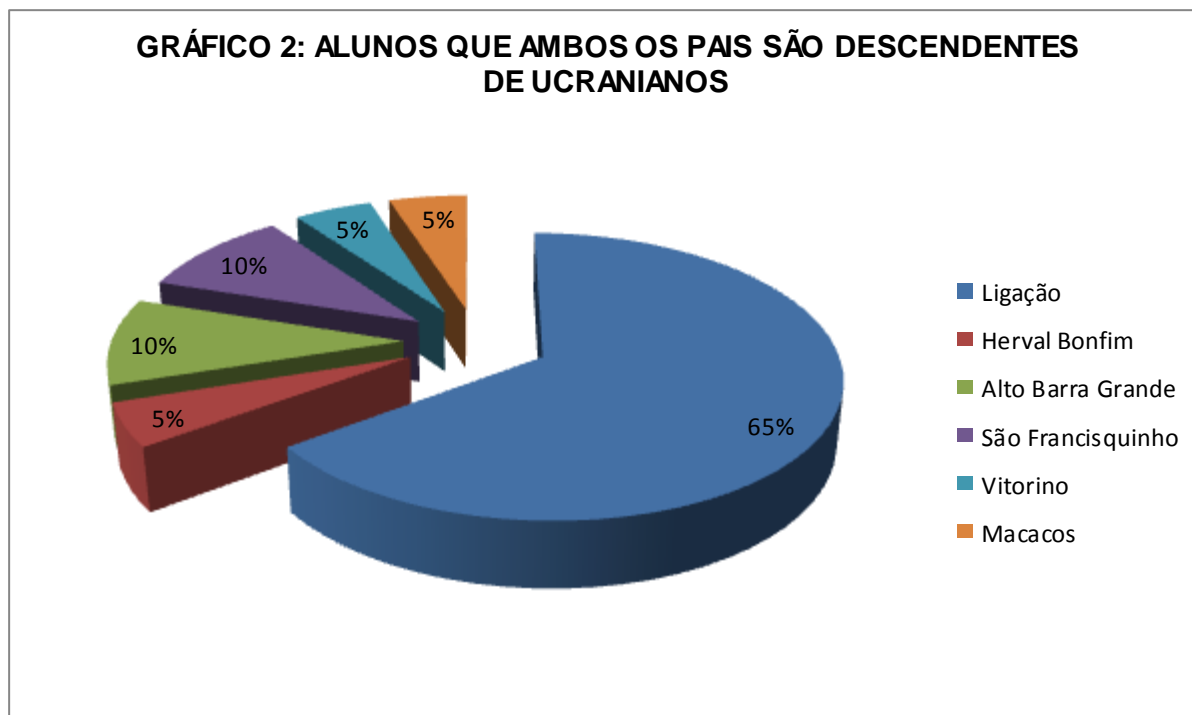
¹⁷¹ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op Cit. p. 138.



FONTE: Elaborado pelo autor

Os números representam o total de alunos e não a porcentagem, ou seja, de 83 alunos arrolados 20 declararam serem oriundos de lares onde ambos os pais tem origem ucraniana. Se analisarmos todas as colunas em que aparece “ucraniano”, cerca de 66,26% dos alunos que preencheram as questões possuem alguma ascendência ucraniana. Vale destacar que muitos alunos são oriundos de comunidades vizinhas onde os descendentes de ucranianos não são a maioria.

Dos 20 alunos que responderam que os pais possuem apenas descendência ucraniana sem mistura étnica 13 moram em Ligação, 2 em Alto Barra Grande, 2 em São Francisquinho, 1 em Herval Bonfim, 1 em Vitorino e 1 em Macacos, conforme gráfico 2.



FONTE: Elaborado pelo autor.

Dos 20 alunos que declaram ter descendência apenas ucraniana 6 falam e escrevem muito pouco, 1 fala e escreve bem, 2 entendem, mas não falam e nem escrevem, 2 não falam, não escrevem e entendem muito pouco, 8 apenas falam e 1 entende e escreve mas não fala.

Os dados desse gráfico parecem contradizer as afirmações do início do capítulo. No entanto, vale destacar que o domínio da fala desses alunos é bem inferior a de seus pais e avós, conforme os depoimentos no início do capítulo. Quando eles dizem que falam e entendem é muitas vezes baseados em algumas palavras que eles sabem e que os permitem entender o contexto da conversa, algo similar ao que Tatiane Guiloski¹⁷² declarou. Ela também enfatizou que consegue interagir em um diálogo a partir do contexto da conversa e de palavras-chave e não na compreensão palavra por palavra.

A professora Anna Cristina Ternouski Zubek¹⁷³, diz o seguinte a respeito da recepção da comunidade escolar acerca da disciplina de língua ucraniana:

A recepção assim... é... acredito que esteja voltando a importância, o pessoal está se conscientizando mais agora da importância de saber outros idiomas e talvez devido a grande divulgação de Prudentópolis digamos que a nível

¹⁷² Tatiane Guiloski. Op Cit.

¹⁷³ A professora é formada em língua espanhola, mas devido a sua origem ucraniana e o domínio da língua, tanto da fala como da leitura e escrita, ministra aulas da disciplina de língua ucraniana. Ela já atuou no Colégio Estadual Imaculada Conceição e em 2012 atuou nos colégios estaduais Alberto de Carvalho e Prefeito Antônio Witchemichen.

nacional, como terra de ucranianos né, onde a maior parte da população é de origem ucraniana, sendo que nossos antepassados, bisavós, tataravós que chegaram aqui deixaram uma forte tradição.¹⁷⁴

A fala da professora Anna Cristina exemplifica que a língua ucraniana nas escolas pode ser uma tática importante na hora dos descendentes enfrentarem as “crises de identidade” da modernidade. Seja do lado das estratégias, seja a partir das táticas, os descendentes de ucranianos vão reinventando seu cotidiano e com ele fazendo surgir identidades novas.

Segundo Hall uma questão de partida no palco dessas negociações é o fato do sujeito até então pensado como unificado e facilmente reconhecível passar por deslocamentos que acabam gerando novas identidades¹⁷⁵. O conceito de hibridismo pode ajudar a pensar a proliferação de identidades novas e simultaneamente múltiplas. Mas não se deve esquecer que a hibridização não se restringe à mescla, uma mistura pura e simples, ela é, segundo Homi Bhabha, uma negociação¹⁷⁶. A identidade “ucraniana” em Prudentópolis é fruto de interações negociadas, algumas consequências da hibridização, da mescla, fogem ao controle dos atores sociais, mas isso não significa que elas são fruto do acaso ou que são inevitáveis de um ponto de vista determinista.

A distinção étnica, segundo Fredrik Barth é muitas vezes pensada a partir do isolamento geográfico e social. Mas a necessidade da distinção nasce frente ao outro, surge no momento da incerteza e no ponto da hibridização, no momento da negociação. Portanto, a ideia do isolamento é equivocada, pois afirma Barth: “As distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação e aceitação social; pelo contrário, geralmente são o fundamento mesmo sobre o qual estão construídos os sistemas sociais que as contem”¹⁷⁷

Segundo Valquíria Elita Renk:

A etnicidade implica a seleção de traços culturais de que os atores sociais se apoderam para transformá-los em critérios de identificação do grupo étnico. Portanto, a emergência da etnicidade ocorre nos contatos com outros grupos e não nas situações de isolamento, como pode ser percebido nas relações entre eslavos e brasileiros.¹⁷⁸

¹⁷⁴ Anna Cristina Ternouski Zubek. *Entrevista* concedida a Lourenço Resende da Costa em 07 de maio de 2012.

¹⁷⁵ HALL, Stuart. 2005. Op Cit. p. 7.

¹⁷⁶ BHABHA, Homi K. Op Cit.

¹⁷⁷ BARTH, Fredrik. Op cit. p. 10. Texto original: las distinciones étnicas no dependen de una ausencia de interacción y aceptación sociales; por el contrario, generalmente son el fundamento mismo sobre el cual están construidos los sistemas sociales que las contienen. Tradução livre do autor.

¹⁷⁸ RENK, Valquíria Elita. Op Cit.p. 16.

O fato de um grupo compartilhar uma cultura não o define de forma inequívoca como um grupo étnico. O indivíduo pode compartilhar a língua, a alimentação, o vestuário, mas isso não define de forma conclusiva seu pertencimento a um grupo delimitado, pois tudo pode se resumir a um estilo de vida, sua auto-identidade pode não estar em consonância com o grupo cultural majoritário. A identidade se tornou interior, por isso a forma de classificar um grupo como étnico, pelo fato dele compartilhar traços culturais, não esclarece os pertencimentos étnicos.

A auto-identificação, a auto-descrição e também a atribuição externa são fundamentais para estabelecer a diferença étnica, mas ela também não resolve todo o problema, pois há diferenças que são ressaltadas, outras que são simplesmente negligenciadas:

Ainda que as categorias étnicas pressupunham diferenças culturais, é preciso reconhecer que não podemos supor uma simples relação de igualdade entre as unidades étnicas e as semelhanças e diferenças culturais. Recursos que são tomados em conta não são em suma de diferenças “objetivas”. Mas somente aquelas que os atores mesmos consideram significativas.¹⁷⁹

Denys Cuche problematiza a necessidade de se diferenciar identidade de cultura. Segundo o autor: “A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas”¹⁸⁰. Essa vinculação consciente de que fala o autor é perceptível no caso de Ligação, isso é visível pelo fato dos descendentes de imigrantes frequentarem uma igreja de rito bizantino, se autodenominarem como ucranianos e não brasileiros, ou pelo fato de pessoas mais velhas usarem a língua ucraniana em público, mesmo sabendo falar o português.

Segundo Renk “a língua de origem do grupo, que é parte da herança cultural, era importante elemento de manifestação de pertencimento étnico”¹⁸¹. Tanto que uma das nossas fontes orais citadas anteriormente declarou que seus netos não são mais ucranianos por não falarem mais a língua eslava.

No que se refere à identidade Pierre Bourdieu destaca que “o mundo social é também

¹⁷⁹ BARTH, Fredrik. Op Cit. p. 15. Texto original: Aunque las categorías étnicas presuponen diferencias culturales, es preciso reconocer que no podemos suponer una simple relación de paridad entre las unidades étnicas y las similitudes y diferencias culturales. Los rasgos que son tomados en cuenta no son la suma de diferencias “objetivas”. Sino solamente aquellas que los actores mismos consideran significativas. Tradução livre do autor.

¹⁸⁰ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. P. 176.

¹⁸¹ Idem. p. 42.

representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto”¹⁸². Segundo Bourdieu conceitos como *cultura* e *identidade* não existem em si mesmo. Eles precisam receber significação para fazerem sentido. Uma característica só será considerada cultural se houver o reconhecimento do grupo, mas muitas vezes o aspecto cultural passa despercebido e é naturalizado.

Em outras palavras, segundo Clifford Geertz, “a cultura é pública porque o significado o é”¹⁸³. No entanto, corremos o risco de confundir culturas que para um observador externo parecem semelhantes. Exemplo disso são os descendentes de poloneses e ucranianos que imigraram para Prudentópolis. Embora esses dois grupos eslavos que vieram para o Brasil sejam cristãos na sua maioria, as diferenças são significativas. Os ucranianos além da língua utilizada realizam suas celebrações a partir do rito oriental bizantino, enquanto os poloneses fazem suas cerimônias a partir do rito latino. O modelo arquitetônico das igrejas construídas por esses dois grupos assinala uma diferença importante entre eles. De acordo com Guérios, no momento de se construir uma igreja nas colônias onde havia esses dois grupos eslavos, as disputas já se iniciavam na planta. Os poloneses reivindicavam que a construção tivesse as torres no estilo gótico, enquanto os ucranianos defendiam a execução do prédio com cúpulas bizantinas¹⁸⁴.

No que diz respeito ao conceito de cultura, conceito fluido e de difícil limitação, uso o argumento de Burke:

Embora processos de hibridização possam ser encontrados na esfera econômica, social e política, para não mencionar a miscigenação... [defino] o termo “cultura” em um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações¹⁸⁵.

A intenção não é separar dois conceitos tão próximos e tão fluidos como cultura e identidade, mas sim de apregoar que existem fatores culturais entre os imigrantes que são praticados por todos de forma naturalizada sem que haja a noção de que isso faz parte do repertório cultural. Por outro lado, pode haver atitudes tomadas com o intuito de se vincular a um grupo social e de reafirmar uma identidade étnica.

No caso dos descendentes de ucranianos de Ligação, zona rural de Prudentópolis, conforme a fala do professor João Márcio, temos exemplos de como o compartilhamento de

¹⁸² BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 118.

¹⁸³ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1989. p. 9.

¹⁸⁴ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op cit. p. 173.

¹⁸⁵ BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2006. p. 16-17.

aspectos culturais pode mascarar a identidade étnica. A vivência num ambiente com traços culturais naturaliza a diferença: “(...) não é só as pessoas que não tem a descendência que não aprenderam em casa, aprenderam um pouco na comunidade, então de certa maneira nesse momento da vida deles eles vão ter como utilizar esse ucraniano no dia a dia”¹⁸⁶. Mas, isso não significa que a diferença foi eliminada.

Essa naturalização da diferença pode estar ligada à questão do poder, conforme ressaltado anteriormente, mas também pode estar relacionada às vantagens de se pertencer a uma etnia ou de não pertencer. No caso da comunidade de Ligação esse pertencimento ou a adoção de costumes dos descendentes de ucranianos passa por esse jogo de interesses, passa pela negociação, ainda que inconsciente, das vantagens e desvantagens de ser reconhecido como ucraniano ou ao menos reconhecido como alguém que consegue transitar pela comunidade sem ser considerado um *outsider*. Frequentar a missa rezada em língua ucraniana, aprender palavras usadas no cotidiano é de suma importância para o convívio na comunidade. Nesse ponto é que a questão identitária pode ser confundida em meio a aspectos culturais compartilhados pela comunidade.¹⁸⁷

Em Prudentópolis a questão da identidade ucraniana passa por essa questão das vantagens e desvantagens de se pertencer à etnia ucraniana. De acordo com o professor João Márcio, as gerações mais novas já não falam a língua tão frequentemente e segundo a professora Anna Cristina, o ucraniano é cada vez menos frequente em conversas em lugares públicos: “O ucraniano está sendo mais falado em casa, onde há pais, há avós... assim... grande parte da juventude utiliza o ucraniano para falar com pessoas mais velhas, pra falar com o pai e a mãe em casa”¹⁸⁸.

A professora Anna Cristina, comentando sobre a disciplina de língua ucraniana nas escolas estaduais de Prudentópolis, ressalta que em alguns casos poderia haver até vergonha dos jovens em falar o ucraniano e questionamentos a respeito da viabilidade/utilidade da disciplina: “(...) a ideologia de que o ucraniano não é importante 'de que porque que eu vou falar isso?', por ter vergonha da própria cultura”¹⁸⁹.

Sofia Podogurski Hellmann também atribui à vergonha o fato dos jovens usarem cada vez menos o idioma:

(...) você pode perceber que você escuta mais o ucraniano com as pessoas

¹⁸⁶ João Márcio Iulek. Op Cit.

¹⁸⁷ BARTH, Fredrik. Op Cit.

¹⁸⁸ Anna Cristina Ternouski Zubek. Op Cit.

¹⁸⁹ Idem.

mais, assim de mais idade. Os jovens não. De vez em quando algum diz lá uma palavra. Eu não sei... eu acho que, não sei se eles tem vergonha ou acredito eu que eles ficam com medo de não errar, porque eles não aprenderam.¹⁹⁰

Nesse ponto vale destacar a fala já citada de Reginalda, quando questionada sobre o uso da língua e da disciplina de língua ucraniana. Ela é contra, pois não vê vantagem na disciplina: “Eu acho que como na escola, eu não acho o ucraniano importante. Eu acho que devia ser outra língua (...) saiu fora do município a realidade é outra. (...) tipo o inglês, onde vai o inglês, o espanhol, é o que hoje em dia que predomina”¹⁹¹. Reginalda não é contra o uso da língua no cotidiano, pois pretende ensinar o filho, mas o que ela vislumbra é a utilidade, no sentido mercadológico, da língua para quem deixa Ligação.

A preocupação de Reginalda com línguas estrangeiras, especialmente o inglês e o espanhol, que seriam mais *úteis* que o ucraniano fora do contexto local, provavelmente está ligada ao êxodo rural que atinge os municípios agrícolas. Prudentópolis, conforme Tabela 4 no primeiro capítulo, sofreu uma diminuição de sua população rural nos últimos anos. Na década de 1980 quase 80% dos prudentopolitanos moravam na zona rural. Em 2010 pouco mais da metade (53,9%) ainda residia nas áreas rurais, portanto, a busca por trabalho nos centros urbanos torna-se aos poucos uma realidade cada vez mais próxima dos jovens. Por esse motivo, na nossa interpretação, nossa informante está mais inclinada a defender o uso do ucraniano em casa, na esfera privada, mas que ele não seja privilegiado na escola, esfera pública¹⁹².

Não esqueçamos nesse ponto a já destacada divergência entre as gerações mais velhas com as mais novas, mas é interessante que no mesmo ponto em que percebemos que Reginalda vislumbra uma desvantagem na disciplina, Sofia enxerga uma vantagem.

(...) não que eu queira ser daquelas ucranianas rígidas, mas acredito eu que devia ser cultivado, por causa que as pessoas não só nascem, crescem e morrem aqui igual os antigos. Agora as pessoas são desenvolvidas, né? Elas vão pra frente e todo lugar que você vai eu acredito que exista pessoas ucranianas. Então na minha opinião eles deveriam dar valor pra essa língua, né, porque assim como inglês como outras línguas tem valor a nossa também acho que tem, né, e quantas línguas mais puder falar, né, a gente sempre

¹⁹⁰ Sofia Podogurski Hellmann. Op Cit.

¹⁹¹ Reginalda Bahri dos Santos. Op Cit.

¹⁹² Em conversas com pessoas da comunidade e particularmente com duas de nossas informantes, Genoveva e Joana, a questão do trabalho assalariado longe de Ligação aparece como uma realidade. De acordo com Genoveva as brincadeiras de *raiulkas*, em torno das igrejas após a Páscoa não são mais realizadas, pois muitos jovens da comunidade foram trabalhar fora e não há quem saiba entoar os cantos.

escutou que é melhor. Então acredito eu que eles deveriam se interessar e não deixar se perder, né? ¹⁹³

Além disso, os descendentes de ucranianos em Prudentópolis, segundo a professora Anna Cristina, estariam recuperando ou tentando reintroduzir a questão étnica, embora ela não utilize essa expressão, visando os ganhos que isso poderia acarretar para a cidade. Vantagens principalmente em termos econômicos ligados ao turismo, isso devido à divulgação da cidade pela mídia nacional. A reafirmação da importância da disciplina de língua ucraniana estaria ligada nas palavras da professora: “(...) talvez devido a grande divulgação de Prudentópolis digamos que à nível nacional, como terra de ucranianos...” ¹⁹⁴.

Na sequência da entrevista a professora reafirma as vantagens da disciplina de língua ucraniana no município, ainda mais quando se leva em consideração a presença da mídia na cidade e ficam explícitos os possíveis ganhos financeiros a partir dessa divulgação:

E isso está sendo passado de geração em geração, então eu acredito que como a mídia está se voltando bastante para isso né, a parte turística de Prudentópolis está sendo desenvolvida também a partir desse grande percentual de ucranianos, dos costumes das tradições, o ucraniano tá retomando seu valor (...). Pra quem vive em Prudentópolis onde a maioria do pessoal é de origem ucraniana eu acredito que vai ser bem importante. ¹⁹⁵

Para a professora, a importância da disciplina está alicerçada na questão cultural e histórica do município. Em outro trecho da entrevista ela ressalta possíveis dividendos para a comunidade de descendentes advindos da retomada da língua: “Assim, a parte cultural, a parte histórica principalmente influencia bastante, né, nessa importância da disciplina com certeza e principalmente pelo fato de as pessoas estarem se voltando mais para Prudentópolis como uma cidade turística” ¹⁹⁶.

Nesse contexto podemos ver a disciplina de língua ucraniana nas escolas de Prudentópolis ligada à várias questões: questões culturais, históricas, de poder, questões identitárias, entre outras. Essas últimas estão mais implícitas, pois nas entrevistas as pessoas não utilizaram o termo identidade. O professor João Márcio usou a palavra etnia para enfatizar que na região de Ligação não existem apenas descendentes de ucranianos, já no PPP

¹⁹³ Sofia Podogurski Hellmann.

¹⁹⁴ Anna Cristina Ternouski Zubek. Op Cit.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Anna Cristina Ternouski Zubek. Op Cit.

do colégio Imaculada Conceição a palavra identidade aparece mais marcada, conforme enfatizado anteriormente. No mais a questão identitária fica subentendida, mas suas implicações ficam claras.

O contato com o mundo para além dos limites da comunidade de Ligação, a busca pela preservação da cultura e da identidade a partir da língua tanto falada quanto escrita, pode ser efetuada de diferentes formas e vistas de formas distintas, conforme já explicitado ao longo do texto. Os depoimentos são frutos de visões de mundo distintas e o retrato que se terá a partir desse expediente diz muito a respeito do lugar social que atua o depoente, de suas representações de mundo. Roseli Boschilia define o conceito de representação como sendo “a imagem ou as imagens de uma realidade empírica, cuja existência material pode ser traduzida em estratégias e práticas sociais”¹⁹⁷.

Segundo Peter Burke: “A tentação a que o historiador cultural não deve sucumbir é a de tratar os textos e as imagens de um certo período como espelhos, reflexos não problemáticos de seu tempo”¹⁹⁸. Os depoimentos dos informantes e os documentos escritos, arrolados nesse capítulo, nos permitem perceber as vicissitudes acerca da questão da identidade ucraniana em Ligação e nos permitem ver as disparidades acerca das mesmas questões feitas a pessoas diferentes.

A pesquisa sobre a identidade, e não apenas ela, está envolta entre oposições ou aparentes oposições: público X privado, esquecimento X lembrança, passado X presente, vantagens X desvantagens, entre outras. A relação do descendente de imigrante com “sua história” é repleta dessas “contradições”, onde lembrar e esquecer é imperativo e onde o passado às vezes é mais presente que o agora. Dessa relação tênue, segundo François Dosse, podemos concluir que a relação entre passado e presente não se reduz a sucessividade temporal¹⁹⁹.

A identidade é evocada quando é viável e escondida quando não é²⁰⁰; ela muitas vezes está interiorizada²⁰¹ e muitas vezes é mais um estilo de vida do que uma auto-identificação²⁰². Enfim, embora saibamos que a ideia de que antes haviam identidades unificadas e que agora se tornaram fragmentadas é algo muito simplificado²⁰³. Podemos perceber que no contexto atual existem diversos fatores que complicam ainda mais na hora de se tentar uma

¹⁹⁷ BOSCHILIA, Roseli. *Entre fitas, bolachas e caixas de fósforo: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)*. Curitiba: Artes & Textos, 2010. p. 21.

¹⁹⁸ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 32-33.

¹⁹⁹ DOSSE, François. *História e ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. Capítulo III.

²⁰⁰ BARTH, Fredrik. Op Cit.

²⁰¹ BAUMAN, Zygmunt. Op Cit.

²⁰² GIDDENS, Anthony. Op Cit.

²⁰³ HALL, Stuart. 2005. Op Cit.

definição, uma síntese do que seria a identidade ou quais seriam os limites da identidade étnica.

No caso específico que trata esse texto, a identidade ucraniana em Prudentópolis, com ênfase na comunidade de Ligação, zona rural do município, percebemos que identidade é muitas vezes confundida com a cultura. Ao mesmo tempo, no contexto da chamada globalização, há uma busca de se valorizar a cultura ucraniana frente a uma pretensa homogeneização, onde as vantagens de se reivindicar uma identidade ucraniana estariam presentemente em pauta. A discussão que ora se finda não tem como objetivo fazer nenhuma conclusão derradeira sobre o tema da identidade cultural ucraniana na localidade em questão, mas apenas apontar a complexidade teórica e empírica que envolve o debate em torno das identidades.

2.4 – TEMPO CRONOLÓGICO X TEMPO SOCIAL EM LIGAÇÃO

Ao longo do presente capítulo algumas encruzilhadas foram surgindo. Uma delas diz respeito ao tempo em que a comunidade de Ligação e seus moradores vivem. Se fôssemos usar o tempo do calendário, estaríamos no período denominado de contemporâneo. Se usarmos as concepções teóricas de Giddens, discutidas nos itens anteriores do capítulo, estaríamos no período moderno ou pós-moderno.

No entanto, percebemos uma disparidade entre o calendário e a forma com que as pessoas ainda vivem muitas vezes na zona rural, tanto de Prudentópolis como de outros municípios brasileiros. De acordo com Andrezza: “Nem cronológico, nem linear, nem único: hoje se reconhece que o tempo vivido envolve uma multiplicidade de temporalidades desdobradas em cadências dissonantes”²⁰⁴.

Conforme salienta Dosse, a cronologia, assim como o espaço, é essencial. É preciso superar a ideia de um tempo linear, homogêneo, típico da longa duração calcada na geografia, oposto a um espaço heterogêneo e particularizado. Ou seja, tanto o tempo como o espaço e as atribuições que são dadas a eles, são múltiplos²⁰⁵.

Os moradores de Ligação ainda pautam suas vidas de forma diferente daquela marcada exclusivamente pelo relógio. As atividades ainda são influenciadas pelas estações do ano, pelas épocas de plantio e colheita e o período entre safras²⁰⁶. Na localidade a agricultora é centrada principalmente na produção de feijão preto e milho amarelo. Por uma questão climática, a região Norte de Prudentópolis sofre menos com as geadas quando levamos em conta o restante do município portanto o plantio, e conseqüentemente as colheitas, são anteriores ao restante de Prudentópolis. Em Ligação e comunidades próximas, o plantio é iniciado em fins de julho e ao longo do mês de agosto no período que compreenderia a estação do inverno ainda, anterior à primavera que começaria na segunda quinzena do mês de setembro²⁰⁷.

Em Ligação, portanto, nem moderno nem pós-moderno. O tempo não é sequer regido

²⁰⁴ ANDREAZZA, Maria Luiza. 1996. Op cit. p. 1.

²⁰⁵ DOSSE, François. Op Cit. p. 147.

²⁰⁶ O período de entre safras é o período em que as colheitas já foram realizadas e ainda não chegou a época do plantio para a próxima colheita.

²⁰⁷ Na região Norte de Prudentópolis, mas não apenas lá, devido ao relevo acidentado é muito praticada a coivara, que consiste na derrubada da vegetação para que esta depois de seca seja queimada. A cinza funciona como uma espécie de adubo natural. Em razão do declive dos terrenos é feito uma rotação de cultura, onde as áreas cultivadas numa safra ficam repousando para que a vegetação cresça novamente para ser novamente derrubada num período de tempo que varia conforme a necessidade do agricultor. A mecanização nesses terrenos não é viável, pois pode propiciar a erosão e o esgotamento da área. Mas, também existem áreas mecanizadas, como há a prática da coivara em outras áreas do município.

pelo apito das fábricas ou pela correria da vida urbana típica dos grandes centros onde o tempo cronometrado do relógio dita o ritmo. Embora não tenhamos dados empíricos quantitativos suficientes para estabelecer uma comparação de como as diferentes gerações pensam e agem com relação às tradições e o uso da língua ucraniana e pensamos que isso necessite de uma pesquisa mais ampla que não pode ser realizada agora, temos alguns indícios e algumas hipóteses.

Como ressaltado, não temos dados quantitativos suficientes, mas detectamos ao menos três tendências com nossos informantes em relação ao uso da língua ucraniana e da disciplina do mesmo idioma. De certa maneira as três formas refletem tempos sociais distintos no modo de ver a diminuição do uso da língua. Não falamos em três grupos ou três gerações porque não temos esse conjunto, mas acreditamos que uma pesquisa com maiores subsídios poderá ajudar a estabelecer melhor a temporalidade social dos habitantes de Ligação.

A primeira tendência é aquela relacionada a pessoas que nasceram e cresceram em um período onde falar o português era raridade, pessoas acima de 60 anos. A língua materna era o ucraniano e o aprendizado da língua portuguesa se dava muitas vezes na escola. As pessoas dessa tendência encaram o gradativo abandono do uso da língua com certa nostalgia e se ressentem disso.

A segunda tendência, grosso modo, se refere a um período em que o consórcio entre a língua ucraniana e portuguesa era comum, em termos etários se situa entre as pessoas da primeira e da terceira tendência. Embora a língua eslava ainda tivesse certa predominância, a língua nacional não era estranha. As pessoas dessa tendência veem com certa naturalidade, como parte do processo histórico, a diminuição do uso da língua ucraniana. Por outro lado, acham importante a preservação, mas entendem que isso está cada vez mais difícil.

A terceira tendência é mais presente nas pessoas com menos de 30 anos, ou até com menos idade. São pessoas que não aprenderam o ucraniano antes do português, essas já no processo de aquisição da fala aprenderam o português, ou aprenderam muito parcialmente o ucraniano, diferente da segunda tendência onde o ucraniano era dominado.

Sofia é uma representante do primeiro exemplo. Ela reconhece que as pessoas não mais nascem e morrem em Ligação, mas ela se mostra insatisfeita com o fato da juventude estar deixando “se perder” a língua. Ela tem ciência, ainda que de forma inconsciente, que vive na fronteira entre dois tempos, um tempo da tradição onde a língua ucraniana deveria ser cultivada e outro da modernidade, onde a tradição por si só não consegue justificar a sua própria permanência.

Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol analisaram uma situação em que atores

sociais viviam em um mesmo tempo cronológico, mas que viviam tempos sociais distintos; o caso analisado por eles pode nos dar algumas pistas acerca dos tempos sociais vividos²⁰⁸. Ao se analisar reminiscências sociais, passado e presente se chocam:

Aqui se abre o registro do antigamente, palavra que assume função mítica ao insistir no desaparecimento de um passado que não volta mais, carregado porém de referências simbólicas. Nessa maneira de falar a esse respeito, o passado se torna a medida do tempo presente, sempre culpado de um esquecimento ou de uma morte.²⁰⁹

Certeau, Giard e Mayol analisaram dois comerciantes, Robert e Germaine. O primeiro conseguiu se adaptar às mudanças e seu estabelecimento comercial conseguiu se adaptar à modernização sem perder algumas características tradicionais: a familiaridade com que o comerciante trata seus clientes, saber o nome deles, dar a liberdade para que determinadas pessoas possam bater na porta dos fundos para obter alguma mercadoria, mesmo que o estabelecimento esteja de portas fechadas e a hora já seja avançada: “sua loja comercial conseguiu se manter modernizando-se, sem nada perder de uma prática comercial pertencente ao antigo sistema de sociabilidade, fortemente individualizada”²¹⁰.

Jeroslava uma de nossas informantes pode ser comparada a Robert: seu estabelecimento comercial também possui essa característica, ir à panificadora e restaurante de Jeroslava fora de hora e bater na residência após o fechamento do estabelecimento é possível. Mas, o estabelecimento tenta manter no restaurante um sistema de *self service* no *buffet* e no acesso as bebidas das geladeiras²¹¹. Mas ainda prevalece o atendimento individualizado e as anotações dos fiados em um caderno atrás do balcão, ou seja, a modernidade bate à porta e apenas aos poucos velhos hábitos vão deixando de ser praticados, mas no caso de Jeroslava a tradição não pode ser totalmente abandonada devido à sua localização e seu público.

O outro caso analisado por Certeau, Giard e Mayol é da comerciante Germaine, ela não modernizou seu estabelecimento, por esse motivo muitos de seus clientes deixaram de frequentar sua casa comercial. Germaine é um exemplo de não adaptação à modernidade e à insistência na manutenção da tradição frente às inovações.

²⁰⁸ CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

²⁰⁹ Idem. p. 117.

²¹⁰ Idem. p. 118.

²¹¹ O restaurante com o *buffet* no sistema *self service* e a panificadora funcionam o mesmo espaço físico.

O exemplo dos dois comerciantes, Robert e Germaine, mostram de certa forma a contradição entre as distintas temporalidades sociais. O tempo cronológico, do calendário não necessariamente reflete o tempo social. A nostalgia sentida nos relatos de Sofia (60), Teodosio (66), Genoveva (65), Isabel (74), por exemplo, quando comparamos com os relatos de Reginalda (29), Maryellen (20) e Tatiane (16) mostra essa disparidade.

Como ressaltado no início desse item, estamos evitando usar o termo grupo ou geração para as diferentes tendências que pudemos detectar nos relatos de nossos informantes. Apenas com uma pesquisa mais detalhada e com um número maior de informantes poderemos formar grupos etários para determinarmos o tempo social que vivem os defensores e os contrários - ou aqueles que apenas não se interessam pela questão - à preservação da língua e a disciplina de língua ucraniana. Mas, pelos indícios já apontados essa questão poderá ser respondida de forma mais satisfatória apenas com a ampliação da pesquisa.

CAPÍTULO 3

A DISCIPLINA DE LÍNGUA UCRANIANA COMO FORMA DE MANIFESTAÇÃO DE PODER EM PRUDENTÓPOLIS-PR

3.1. AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E AS DISCIPLINAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS CURRÍCULOS ESCOLARES BRASILEIROS

Embora essa dissertação não tenha como foco principal o estudo sobre a presença das línguas estrangeiras nos currículos escolares brasileiros e paranaenses, nem também um estudo sobre o que chamaríamos de História da Educação nacional, mesmo assim, algumas considerações em torno destes temas parecem-nos relevantes para tratarmos, posteriormente, a questão do *poder* a partir da disciplina de língua ucraniana no Colégio Estadual Imaculada Conceição E.F.M. em Ligação, município de Prudentópolis.

As línguas estrangeiras no currículo escolar brasileiro são bastante antigas: desde o período colonial elas figuram na “escola brasileira”. Durante mais de 200 anos foram os padres da Companhia de Jesus que regeram as escolas, seus conteúdos e métodos. No século XVIII, no entanto, eles foram expulsos pelo marquês de Pombal. No que diz respeito às aulas de língua, os padres jesuítas trabalhavam, sobretudo, o latim e o grego²¹².

A língua portuguesa não era priorizada, pois segundo Sérgio Augusto Freire de Souza, havia uma incerteza a respeito de qual seria a língua materna:

Poucos são os elementos históricos de registro da relação da língua portuguesa com as línguas estrangeiras no período do colonial. Até porque falar em *estrangeiro* pressupõe uma identidade a partir da qual se dá o estranhamento, identidade essa ainda difusa. No entanto, a análise do comportamento das ideias linguísticas que sustentavam a relação empírica dos habitantes da época é fundamental nesse nosso trajeto que busca periodizar discursivamente a língua estrangeira no Brasil²¹³.

Ainda segundo esse autor, a língua portuguesa foi imposta politicamente por Pombal e, com a vinda da família real para o Brasil, a língua portuguesa ratificou sua posição de língua

²¹² SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. *As línguas estrangeiras no contexto da história da educação brasileira: a construção de identidades*. Disponível em: <http://www.sergiofreire.com.br/HIL.pdf>. Acesso em 09-07-2011. p. 4.

²¹³ Idem. p. 11.

de Estado²¹⁴. A tabela abaixo exemplifica um pouco a presença das línguas estrangeiras nos currículos escolares durante o Império:

TABELA 6: LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS CURRÍCULOS ESCOLARES DURANTE O IMPÉRIO

Ano	Latim	Grego	Francês	Inglês	Alemão	Italiano	Total em Horas
1855	18	9	9	8	6	3 (F)	50
1857	18	6	9	10	4	3 (F)	47
1862	18	6	9	10	4	6 (F)	47
1870	14	6	12	10	-	-	42
1876	12	6	8	6	6 (F)	-	32
1878	12	6	8	6	4	-	36
1881	12	6	8	6	4	3 (F)	36

Fonte: SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. *As línguas estrangeiras no contexto da história da educação brasileira: a construção de identidades*. Disponível em: <http://www.sergiofreire.com.br/HIL.pdf>. Acesso em 09-07-2011.

Importante destacar que o acesso a essa “escola secundária” era privilégio de poucos, pois a maior parte da população brasileira, formada por brancos pobres, negros libertos, mestiços e escravos, sequer sabia escrever o próprio nome. Segundo Hélio de Seixas Guimarães, em 1876 um censo realizado no Império revelou um cenário crítico, mais de 80% da população era analfabeta²¹⁵. Diante desse dado a tabela 6 demonstra o descompasso entre o currículo escolar e o real acesso da população à formação escolar, pois num país em que a esmagadora maioria da população não sabia escrever sequer o próprio nome, havia uma escola de currículo poliglota.

Em 1837 foi fundado o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, o primeiro estabelecimento de ensino secundário no Brasil. O currículo desse colégio serviu de modelo para as escolas brasileiras até os primeiros anos da República. A tabela acima, recheada de enorme quantidade de línguas estrangeiras sem dúvida era um modelo a ser copiado pelas outras escolas a partir do que estava estabelecido neste colégio originário: “O currículo do Colégio se inspirava nos moldes franceses e, em seu programa, constavam sete anos de

²¹⁴ Idem. p. 18.

²¹⁵ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2004. p. 103.

francês, cinco de inglês e três de alemão, cadeira esta criada no ano de 1840”²¹⁶.

No Brasil, em seu contexto do período colonial e imperial, conforme visto acima, as línguas estrangeiras ocupavam um lugar de destaque nos currículos escolares. Analisando detidamente este modelo de ensino de línguas estrangeiras existente no Brasil no século XIX com o aplicado hoje em dia em nosso Ensino Médio percebemos uma distância muito grande no que se refere ao valor/importância que se dava ao ensino de línguas naquele período e agora, pois antes os alunos tinham em seu currículo escolar aulas de todas (ou quase) as línguas estrangeiras, desde as línguas clássicas grega e latina, bem como francês, inglês e alemão.

Esse fato para a época nos parece no mínimo curioso, pois, como explica Roberto Schwarz, um país fundamentado em uma cultura agrícola cafeeira de mão de obra predominantemente escravista, possuía ao mesmo tempo, uma elite supostamente esclarecida e preocupada em colocar o país nos “trilhos da modernidade”²¹⁷. E o caminho para tal modernização do país, tornando-o uma nação “cultura”, seria a partir do domínio de línguas clássicas como o grego e o latim, juntamente com as línguas francesa e inglesa.

O idioma francês, por exemplo, era bastante valorizado por representar a ideia de civilização na modernidade, pois a França era o país do Iluminismo e da Revolução. Já o ensino do idioma inglês era incentivado por causa das fortes relações econômicas representadas pelo império vencedor da corrida colonial e, obviamente, pela influência política-econômica e também cultural que a Inglaterra representava à época.

Com o fim do Império e a Proclamação da República ocorreram no Brasil profundas mudanças políticas e sociais, como a abolição da escravatura e a instituição do regime presidencial, por exemplo. No plano do ensino, no entanto, inicialmente pelo menos, as coisas não mudaram muito em relação ao status anterior, pois a nova realidade não atendia a todas as crianças em idade escolar:

Em grande parte do território brasileiro foram criadas as colônias de imigrantes. No sul do país, particularmente no Paraná, as colônias maiores foram as de imigrantes italianos, alemães, ucranianos, russos, poloneses e japoneses. Numa tentativa de preservar suas culturas, muitos colonos se organizaram para construir e manter escolas para os seus filhos, uma vez que a escolarização já fazia parte da vida dessas populações em seus países de

²¹⁶ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *Diretrizes curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna*. 2008. p. 39.

²¹⁷ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977. Para essa discussão do descompasso entre os discursos e a realidade brasileira ver principalmente o primeiro capítulo.

origem e o Estado brasileiro não ofertava atendimento escolar a todas as crianças²¹⁸.

A partir das primeiras décadas do século XX as novas necessidades da jovem república impuseram mudanças de perspectivas em relação ao ensino de línguas estrangeiras: aos poucos se abandonou o ensino das línguas clássicas e mesmo das línguas modernas focadas no ensino do classicismo Iluminista, centrando em questões mais práticas, ou seja, priorizou-se a fala cotidiana, a mera comunicação entre os homens de negócios, por exemplo, e não mais a formação culta do indivíduo (no sentido da palavra alemã *Bildung*), tal qual era ensinada à elite cafeeira e da corte imperiais.

Em 1931 a reforma Francisco Campos estabeleceu pela primeira vez um método oficial de ensino da língua estrangeira e pela primeira vez se voltava a atenção para essa disciplina a partir de um ponto de vista prático. Isso pode ser percebido pelo Método Direto introduzido pela referida reforma:

Esse método surgiu na Europa, no final do século XIX e início do século XX, em contraposição ao Tradicional, de modo a atender aos novos anseios sociais impulsionados pela necessidade do ensino das habilidades orais, visando à comunicação na língua alvo. No método anterior, essas habilidades não eram contempladas, pois se privilegiava somente a escrita, visto que a língua não era ensinada como instrumento de comunicação.²¹⁹

A expulsão dos jesuítas, o fracasso das reformas pombalinas, a elitização da escola no Império e a precária infraestrutura na República, principalmente nas colônias de imigração, fizeram com que no início do século XX a escola pública e gratuita, seja no seu nível mais básico, fosse algo distante de muitas regiões do interior do país. Essa ausência de escolas do governo fez com que os imigrantes, de acordo com sua etnia, construíssem escolas para seus filhos.

No entanto, essa questão ultrapassou os limites curriculares das escolas e se tornou uma questão de segurança nacional nos primeiros anos do século XX, pois as escolas erigidas pelos imigrantes não possuíam um currículo padrão aprovado e, para o que nos interessa aqui, não possuía disciplinas de línguas estrangeiras nos moldes oficiais. O que ocorria era que todo o ensino era em língua estrangeira, dependendo do grupo étnico, e as matérias ministradas eram disciplinas que se voltavam para o país de origem dos imigrantes. Em uma colônia polonesa, por exemplo, era ensinado História e Geografia da Polônia. Isso, entre diversos

²¹⁸ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Op Cit. p. 39.

²¹⁹ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Op Cit. pp. 40-41.

fatores, se devia ao fato dos professores dessas escolas virem muitas vezes da Europa para trabalharem nas escolas étnicas ou devido ao fato de pessoas da comunidade ²²⁰, com algum conhecimento, serem escolhidas para essa função na falta de um professor de ofício. Dessa forma era ensinado o que esse professor sabia e o que ele sabia era sobre o país de origem e sobre a língua materna.

As escolas étnicas tinham sua existência fora da esfera do Estado e não se constituíam em uma organização monolítica. Elas tinham uma organização própria que não era moldada pelas escolas públicas e nem pelas escolas dos países de origem. Apesar da quantidade, essas escolas não constituíam uma rede homogênea de saberes transmitidos ou de sistematizações das práticas pedagógicas.²²¹

As disciplinas de língua estrangeira foram mantidas pelo governo, sobretudo o francês e o inglês, no entanto, era preciso que as populações das regiões de imigração aprendessem o português, era essa a preocupação do governo. No Paraná na década de 1920 as escolas receberam determinação para que as aulas fossem ministradas em língua portuguesa²²². Em 1938, em pleno Estado Novo o governo Federal determinou que todas as escolas que não realizassem suas aulas em língua portuguesa fossem fechadas²²³. Nos anos de 1938 e 1939 o cerco se fechou em torno das escolas étnicas²²⁴.

No Brasil, após alguns anos de pouca ou nenhuma restrição, os idiomas estrangeiros foram proibidos. O governo de Getúlio Vargas a partir do Decreto-Lei nº 1545, de 24 de agosto de 1939 intensificou o projeto nacionalista do Estado Novo. O decreto, em seu artigo oitavo, previa que deveria ser evitada a aglomeração de imigrantes da mesma origem num mesmo Estado ou numa mesma região²²⁵. O artigo décimo sexto ia mais longe, proibia o uso de língua estrangeira em público e em cerimônias religiosas ²²⁶.

Na década de 1920 algumas leis que tinham como objetivo fazer o imigrante assimilar mais rápido sua nova situação, já que a terra natal tinha ficado para trás, não foram executadas

²²⁰ A esse respeito ver: RENK, Valquíria Elita. Op Cit. p. 50. Ver também: HOMENCZUK, Mikalina. *O dialeto português falado na colônia de Jesuíno Marcondes*. Irati-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização). p. 13. (Nesse último caso, tratado por Homenczuk, o professor era uma pessoa da comunidade, mas recebia seu salário do governo do Estado. Portanto, se tratava de uma escola subvencionada, escola que não pertencia ao Estado mas que recebia ajuda governamental para pagar o salário do professor, como nesse caso, por exemplo).

²²¹ RENK, Valquíria Elita. Op Cit. p. 18.

²²² Idem. p. 74.

²²³ Idem. p. 148.

²²⁴ Idem. p. 154.

²²⁵ SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. Op Cit.

²²⁶ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op cit. p. 218.

plenamente. As leis do Estado Novo, ao contrário, foram mais severas: “A vida cotidiana dos moradores de Prudentópolis sofreu então várias interferências. A desobediência civil passou a ser a regra na cidade”²²⁷.

Essa fiscalização mais intensa é verificada nos jornais. Em Prudentópolis o jornal *O Prácia*, no início da década de 1940 foi obrigado a trazer na primeira página de suas edições a frase “O BRASIL É BOM”. No jornal número XXVII de 12 de janeiro de 1940, em matéria escrita em português na primeira página, há elogios ao governo Vargas. Vale destacar que *O Prácia* não era editado em português e após várias ações como essa, de ser obrigado a trazer matérias em português, o periódico foi proibido de circular. Praticamente na maior parte da primeira metade da década e 1940 e início da segunda, o jornal não circulou.

Deve-se ficar claro que o governo brasileiro não baniu as disciplinas de língua estrangeira, o que o governo queria era “nacionalizar” as massas de imigrantes que não falavam o idioma oficial do Brasil. Na conjuntura do Estado Novo as línguas estrangeiras mantiveram seu prestígio nos currículos escolares. A mudança principal ocorreu com a substituição do alemão pelo espanhol devido ao fato do Brasil ter se alinhado ao lado dos EUA, contra a Alemanha, no conflito mundial iniciado em 1939. O espanhol também foi incentivado no lugar do japonês e do italiano, idiomas dos outros dois países que junto com a Alemanha formam o Eixo²²⁸.

No entanto, o governo brasileiro, sobretudo o governo varguista, exigiu e realizou a nacionalização das escolas étnicas sem, muitas vezes, apresentar uma alternativa viável para elas. Podemos ver nessa ação do governo Vargas uma forma de poder, a reivindicação da verdade, ou seja, para que seus atos fossem fundamentados como sendo legítimo e verdadeiramente em razão do bem da pátria, o governo se apoiou naquilo que Foucault chamou de “vontade de verdade” a partir de um suporte institucional²²⁹. O estabelecimento da “verdade”, do que era realmente bom para o Brasil, foi realizado a partir de exclusões e interdições de discursos:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa²³⁰.

²²⁷ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op cit. p. 218.

²²⁸ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Op Cit. p. 42.

²²⁹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 17.

²³⁰ Idem. p. 9. Grifos no original.

Na década de 1960, mais precisamente em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) sob o número 4.024, retirou a obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras, essa lei criou os Conselhos Estaduais de Educação e a estes cabia incluir ou não a língua estrangeira nos currículos ²³¹. Em 1971 o governo militar com a lei número 5692/71 desobrigou que essas disciplinas fossem ofertadas, ainda que sem a obrigatoriedade de frequência para avanço nas séries ²³². Em 1976 a disciplina de língua estrangeira voltou a ser obrigatória no Segundo Grau, ficando ela na condição facultativa no Primeiro Grau ²³³.

Em 1982 no Colégio Estadual do Paraná foi criado o Centro de Línguas Estrangeiras com o objetivo de oferecer aulas de idioma em contra turno. Em 1986 a Secretaria de Estado da Educação do Paraná criou o Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM) ²³⁴.

Em 1996 a LDB 9394/96 estabeleceu a obrigatoriedade de pelo uma disciplina de língua estrangeira moderna no Ensino Fundamental e uma no Ensino Médio, ficando à critério da comunidade escolar escolher qual língua estrangeira fará parte do currículo escolar de cada estabelecimento ²³⁵. É a partir dessa legislação que o Colégio Estadual Imaculada Conceição E.F.M pôde escolher a disciplina de língua ucraniana para compor seu currículo nos anos finais do Ensino Fundamental (do sexto ao nono ano, antiga quinta à oitava série) ²³⁶.

O breve histórico feito acima a respeito da língua estrangeira no Brasil e principalmente das disciplinas de língua estrangeira, não tem o objetivo de ser sistemático, nem é o objeto de estudo nesta dissertação, conforme já assinalado no início desse capítulo. Mas as informações elencadas são de suma importância para poder-se realizar as reflexões que se pretende fazer na sequência.

²³¹ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Op Cit p. 43.

²³² Idem. 45.

²³³ Idem. ibidem.

²³⁴ Idem. p. 46.

²³⁵ Idem. p. 48.

²³⁶ Em 2005 em razão de questões políticas do Mercosul os estabelecimentos passaram a ser obrigados a ofertar a disciplina de língua espanhola, ficando a matrícula optativa para o aluno. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Op cit. p. 49.

3.2. A LÍNGUA UCRANIANA EM ALGUNS COLÉGIOS DE PRUDENTÓPOLIS

Entre várias características tidas como culturais e identitárias dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, a língua é um dos traços mais marcantes no município. É comum o seu uso entre os descendentes dos imigrantes tanto em espaços públicos como em espaços privados, entre familiares e vizinhos. Vale destacar que esse uso corriqueiro da língua tem diminuído bastante nos últimos anos, pois as gerações mais novas, ao contrário do que ocorria, não tem mais aprendido o ucraniano antes do português. Essa diminuição do uso da língua ucraniana na geração mais nova é ressaltada pela professora Anna Cristina Ternouski Zubek: “(...) as crianças estão falando cada vez menos talvez... a ideologia de que o ucraniano não é importante ‘de que porque que eu vou falar isso’, por ter vergonha da própria cultura (...)”²³⁷.

A frequência das crianças nas escolas onde outros alunos não falam o idioma ajuda a diminuir nas gerações mais novas o uso da língua. Mesmo entre os mais velhos, o ucraniano usado no cotidiano é entrelaçado por palavras em português, pois muitas palavras os descendentes não sabem traduzir, pois são palavras inexistentes na Ucrânia e também porque eles estão fora do país e longe das inovações do vocabulário.

A defesa da importância do idioma e a luta pelo direito de usá-lo são antigas, remonta vários séculos. O poeta Tarás Chevtchenko, num período em que a Ucrânia era dominada pelo Império russo, foi proibido pelo czar de publicar seus textos na língua materna. Como Tarás tinha escritos que exortavam o povo ucraniano a manter sua alteridade frente ao domínio russo, a proibição do uso da língua diminuiria o perigo de uma revolta contra o czar.²³⁸ Mesmo sob o jugo estrangeiro, a língua era um sinal de resistência e uma garantia de diferenciação frente ao “outro”:

Mesmo na suposição que a língua ucraniana não existisse como tal, o exemplo de muitos países, os Estados Unidos da América do Norte, as Repúblicas da América do Sul, a Confederação Helvética, onde se falam várias línguas, demonstram exaustivamente que o fator “língua” não é essencial para diferenciar as nações entre si. Porém, mesmo sob êste aspecto, os Ucranianos estão em condições mais favoráveis, pois possuem e falam uma língua própria (sic).²³⁹

²³⁷ Anna Cristina Ternouski Zubek. Op Cit.

²³⁸ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op Cit. p. 193.

²³⁹ BURKO, Pe. Valdomiro. *A imigração ucraniana no Brasil*. 2. Ed. Curitiba: Universidade Internacional de Estudos Sociais “Pró Deo”, Roma, 1963. (Monografia de Especialização). p. 20.

A língua ucraniana, de acordo com Burko, foi por muito tempo considerada um dialeto polonês ou russo, mas estudos filológicos, segundo ele, mostraram a singularidade do idioma ucraniano. A Academia de Ciências de Petersburgo em 1905, segundo esse autor, emitiu parecer dizendo que se tratava de uma língua diversa das demais línguas eslavas²⁴⁰. A partir do exposto, podemos perceber a importância dada pelos ucranianos a essa questão da linguagem e conseqüentemente a importância dada pelos descendentes dos imigrantes.

A preservação da língua no município ao longo de pouco mais de um século de imigração ucraniana deve-se a vários fatores, mas dois aspectos foram fundamentais: a religião e a escola. Prudentópolis possui mais de dez colégios estaduais e o histórico de vários deles está entrelaçado com a história da imigração e com a ação dos religiosos ucranianos, padres, freiras e catequistas. Podemos destacar os colégios estaduais Bispo Dom José Martenetz, Prefeito Antônio Witchemichen, Padre José Orestes Preima, Padre Cristóforo Miskiv e Imaculada Conceição – este último nosso foco central de análise.

Segundo Zawadzki, Tijuco Preto, comunidade pertencente ao Distrito de Patos Velhos, município de Prudentópolis, recebeu seus primeiros imigrantes ucranianos em 1909 e segundo a autora por cerca de dez anos após a chegada dos primeiros imigrantes não houve escolas, cabendo aos pais ensinar aos filhos o que sabiam²⁴¹. Apenas em 1920 passou a funcionar na comunidade sua primeira escola. As freiras²⁴² na década de 1940 assumiram a direção da escola e ensinavam a língua ucraniana ocultamente após o horário das aulas devido à proibição do governo do Estado Novo²⁴³. A escola, juntamente com a religião, foi responsável por possibilitar a preservação do idioma. No momento da criação da Escola Estadual Bispo Dom José Martenetz, (a escola foi autorizada a funcionar em 1989 e reconhecida em 1994)²⁴⁴, a disciplina permaneceu na grade curricular até 2006.

Até aquele ano a maioria dos colégios estaduais de Prudentópolis dividiam a carga horária destinada a uma língua estrangeira entre as disciplinas de inglês e ucraniano. As turmas de 5º e 6º séries tinham a disciplina de língua ucraniana e as turmas de 7º e 8º séries

²⁴⁰ BURKO, Valdomiro. Op Cit. p. 21.

²⁴¹ ZAWADZKI, Lídia. Op cit. p. 15.

²⁴² Segundo Lídia Zawadzki, as Irmãs Servas da Imaculada Virgem Maria, da qual ela faz parte, chegaram à comunidade de Tijuco Preto em 1943 e assumiram a escola imediatamente. ZAWADZKI, Lídia. Op cit. p. 28.

²⁴³ Segundo a autora, as Irmãs, forma com que as freiras se autodenominam e são denominadas pela população de Prudentópolis em geral, continuam ministrando aulas de ucraniano aos sábados fora de seu expediente de trabalho.

²⁴⁴ ESCOLA ESTADUAL BISPO DOM JOSÉ MARTENETZ E. F. *Regimento Escolar*. Preâmbulo. 2008. Disponível em: <http://www.pdtomjose.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=13>. Acesso em 17-09-2012.

assistiam aulas de inglês. No referido ano as escolas foram obrigadas a fazerem uma opção por apenas uma das disciplinas e o Colégio de Tijuco Preto optou pelo inglês e deixou a língua ucraniana como disciplina optativa de contra-turno na modalidade de CELEM.

O Centro de Ensino de Língua Estrangeira Moderna (CELEM) é um curso, de quatro horas semanais, oferecido no contra-turno. O colégio oferece nessa modalidade normalmente o curso de língua que não faz parte da sua grade.

Na comunidade de Linha Esperança localiza-se o Colégio Estadual Padre José Orestes Preima e nessa localidade, conforme indica Júlia Bernadete Hauresko, a preocupação com a educação era recorrente ²⁴⁵. Essa empreitada era encabeçada pelos padres; segundo a autora, em 1914 havia em Prudentópolis 22 escolas para imigrantes ucranianos: “Quando o assunto era a escola... [os padres] *Ordenavam* que a mesma fosse organizada e *obrigavam* as famílias a mandar seus filhos para a escola” ²⁴⁶.

Na comunidade de Jesuíno Marcondes, pertencente ao Distrito de Patos Velhos assim como a localidade de Tijuco Preto, localiza-se o Colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen. O número de descendentes de ucranianos nessa linha é expressivo. Natália Treuk ²⁴⁷ reforça o argumento da preocupação dos padres com a educação e com a língua ucraniana. Segundo ela, em 1920 havia cerca de 41 escolas fundadas pelos padres da Ordem de São Basílio Magno: “As escolas eram centros de alfabetização, teatro e cultura geral para as crianças, jovens e adultos” ²⁴⁸.

Os números apresentados por Hauresko – 22 escolas étnicas ucranianas em Prudentópolis em 1914 – e por Treuk – cerca de 41 escolas em 1941 – são números discutíveis, pois segundo Renk, em 1938 em todo o Paraná haviam cerca de 60 escolas ucranianas ²⁴⁹. No entanto, ela ressalta que, de acordo com o padre Zinco, em Prudentópolis na década de 1920 havia mais de 30 escolas étnicas ucranianas ²⁵⁰.

A falta de dados oficiais sobre o número exato dessas escolas justifica-se, uma vez que não estavam sob a responsabilidade do Estado. Os números reforçam o argumento de que as escolas e a igreja ucraniana em Prudentópolis estavam intimamente ligadas. As escolas eram

²⁴⁵ HAURESKO, Júlia Bernadete. *Estudo sócio-linguístico da comunidade ucraniana de Linha Esperança – Prudentópolis – Paraná*. Guarapuava, PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização). p. 8-10.

²⁴⁶ Idem. p. 10. Grifo nosso. Júlia Bernadete Hauresko é professora de história e catequista, ou seja, pertence à Ordem secular do Instituto Sagrado Coração de Jesus.

²⁴⁷ Natália Treuk, assim como Lídia Zawadzki, é irmã da congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada. Ela foi diretora do Colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen durante vários anos.

²⁴⁸ TREUK, Natália. *Língua ucraniana é ainda realidade em Jesuíno Marcondes*. Irati-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização). p. 8.

²⁴⁹ RENK, Valquíria Elita. Op cit. p. 20.

²⁵⁰ Idem. p. 131.

criadas e extintas conforme as necessidades dos descendentes de imigrantes. Elas, muitas vezes, eram erguidas sem o conhecimento das autoridades, pois não dependiam do poder público para se manter e nem recorriam a este atrás de verbas. Dessa forma o Estado não conhecia de fato a realidade em todo Paraná.

Segundo Mikalina Homenczuk, os ucranianos que se instalaram em Jesuíno Marcondes o fizeram entre os anos de 1901 e 1907²⁵¹ e uma igreja e uma escola foram as primeiras preocupações dos imigrantes ao chegarem à referida localidade:

Na vila, foi construída uma igreja, uma escola... O primeiro professor da localidade foi o senhor Semeão Kukurudza, considerado o mais instruído dentre os imigrantes que aqui se encontravam, e era remunerado pelo Estado. De início ministrava as aulas em ucraniano e depois que dominou o português, passou a ensinar em português. Além de professor, era enfermeiro, catequista e dirigente de celebrações dominicais.²⁵²

No ano de 1999, Treuk realizou uma pesquisa no colégio em Jesuíno Marcondes para verificar a descendência e o uso da língua ucraniana em Marcondes. No colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen ela entrevistou 155 alunos. O resultado revelou que 85 alunos tinham ascendência ucraniana e que desses, 43 falavam fluentemente o ucraniano. Ou seja, do total de alunos entrevistados, cerca de 54,83% tinham descendência ucraniana²⁵³. Nesse contexto, portanto, era até esperado que o uso da língua ucraniana fosse uma realidade na comunidade²⁵⁴.

Vale ressaltar um pequeno problema referente ao resultado obtido, pois a autora pretendia verificar o bilinguismo em Marcondes. No entanto, ela entrevistou quase 90% dos alunos, cerca de 88,57%, pois o total de alunos matriculados no estabelecimento no referido ano eram 175. Isso gera um problema, na medida em que grande parte dos alunos eram oriundos de comunidades vizinhas como Linha Dezembro, Linha Visconde de Guarapuava, Linha Visconde de Nácar, Ponte Nova, entre outras. Esse fato pode alterar as porcentagens apresentadas. Porém, isso não altera o contexto da escola, pois mostra que em Jesuíno Marcondes e arredores a porcentagem de descendentes de ucranianos era grande.

²⁵¹ HOMENCZUK, Mikalina. *O dialeto português falado na colônia de Jesuíno Marcondes*. Irati-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização). p. 12.

²⁵² Idem. p. 13.

²⁵³ A pesquisa revelou que dos 155 alunos entrevistados 85 são descendentes de ucranianos sendo que desses, 43 falam fluentemente, 26 alunos falam pouco e ainda 16 apenas entendem. TREUK, Natália. Op Cit. p. 18.

²⁵⁴ No entanto, essa porcentagem, mesmo que com as possíveis variações, não foi determinante para, em 2006, manter a disciplina de língua ucraniana como a língua estrangeira ofertada na grade curricular do Colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen.

Na comunidade de Jesuíno Marcondes, da mesma forma como ocorreu em Tijuco Preto com o Colégio Estadual Bispo Dom José Martenetz e em Linha Esperança com o Colégio Estadual Padre José Orestes Preima, a disciplina de língua ucraniana foi adotada na grade curricular do Colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen, que, fundado em 1988, incorporou à sua grade a disciplina em 1991 nas 5º e 6º séries²⁵⁵. A educação aliada à religião continuou nos anos 1990 à serviço da preservação da língua, como podemos assinalar pela oferta da disciplina, no início daquela década, nos colégios estaduais recém-fundados em Prudentópolis.

No final de 2012 fizemos um levantamento para sabermos se houve alguma alteração significativa no quadro apresentado por Treuk em Marcondes passados 13 anos. Usamos uma metodologia parecida com a da autora para que pudéssemos comparar os dados, ou seja, consultamos, a partir de um formulário, 61 alunos sem distinguir se eles moravam em Marcondes ou não. O critério era que eles frequentassem o colégio Prefeito Antônio Witchemichen.

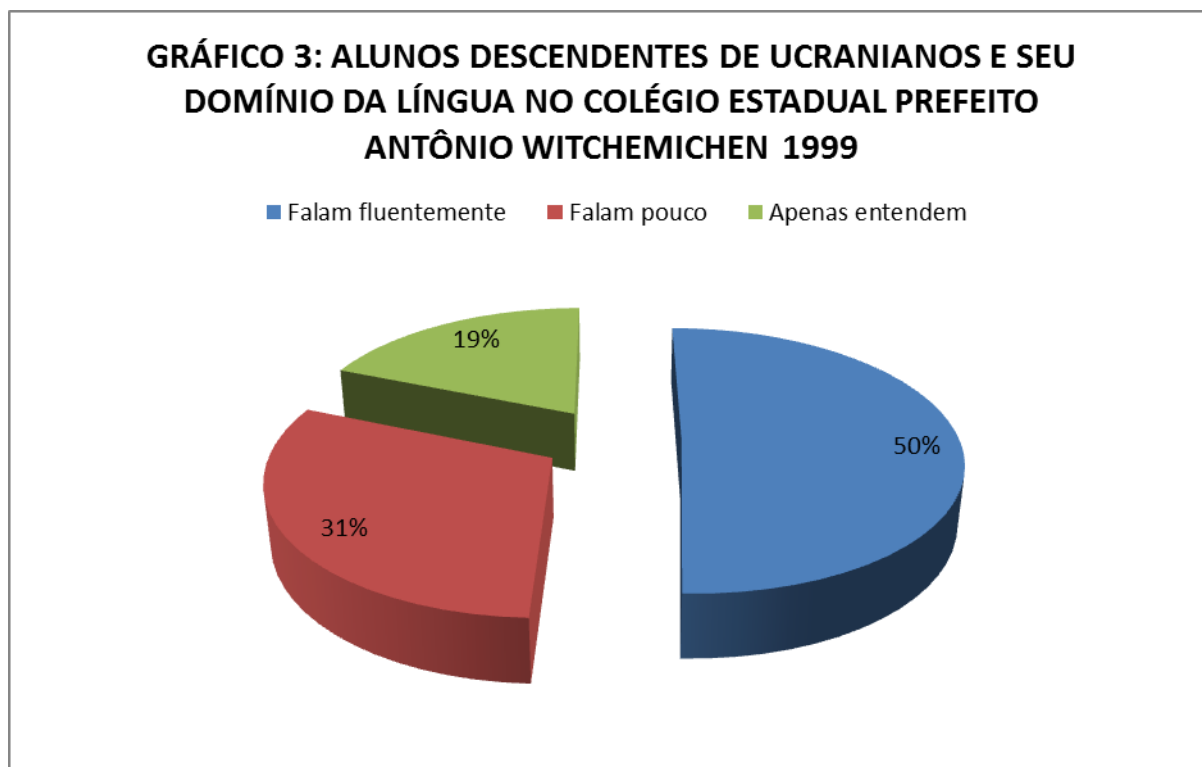
Os números revelaram que do total de entrevistados, 38 (62,29%) alunos declaram serem descendentes de ucranianos e 23 (37,70%) disseram não terem ascendência ucraniana. O número de descendentes de ucranianos é até superior aos apresentados por Treuk, 62,29% no nosso levantamento contra 54,83% no levantamento feito por ela. No levantamento não foi questionado se ambos os pais eram descendentes de ucranianos ou se apenas um dos genitores, conforme formulário disponível nos anexos.

Diferença significativa verificamos no domínio do idioma. Em 1999 Treuk entrevistou 155 alunos sendo que 85 possuíam ascendência ucraniana, nós, em 2012, entrevistamos 61 alunos sendo que 38 são descendentes de ucranianos. Os gráficos 3 e 4 ilustram a diferença do domínio da língua ucraniana pelos alunos do colégio Prefeito Antônio Witchemichen.

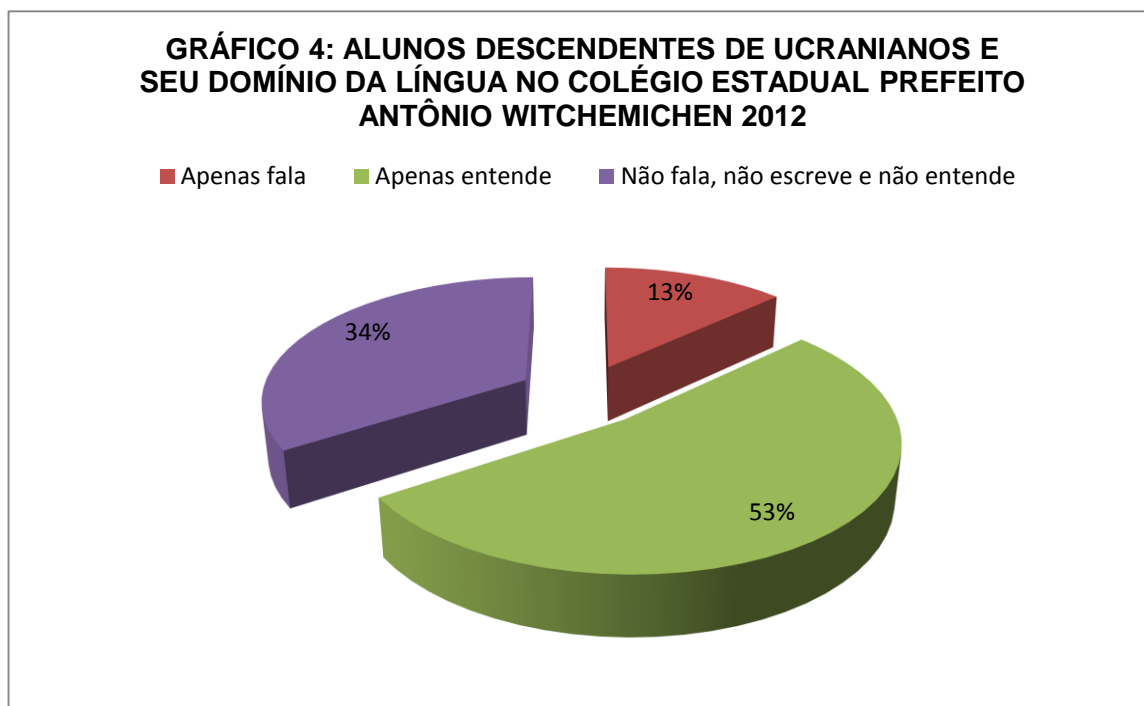
Embora Treuk pretendesse analisar o bilinguismo em Marcondes o resultado obtido por ela se refere ao uso do idioma ucraniano pelos alunos do Colégio Antônio Witchemichen e não de Marcondes em si. O gráfico 3 mostra que em 1999, dos alunos descendentes de ucranianos que frequentavam o estabelecimento, cerca de 50% falavam fluentemente. Em 2012 no nosso levantamento, conforme gráfico 4, detectamos que 34% não falam, não escrevem e nem ao menos entendem e que 53% apenas compreendem. Somados esses dois números, cerca de 87% dos alunos do Colégio Prefeito Antônio Witchemichen, que declaram serem descendentes de ucranianos, não dominam o idioma. Mesmo os que declararam

²⁵⁵ TREUK, Natália. Op Cit. p. 10.

entenderem, declararam que *apenas* o fazem de modo parcial, ao contrário do estudo de Treuk em que cerca de metade dominava fluentemente o idioma.



FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados obtidos em: TREUK, Natália. *Língua ucraniana é ainda realidade em Jesuíno Marcondes*. Irati-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização).



FONTE: Elaborado pelo autor.

Os gráficos 3 e 4 mostram que em pouco de mais de 10 anos é possível perceber uma mudança significativa no que diz respeito ao uso da língua ucraniana. Em 1999 os alunos, descendentes de ucranianos, conseguiam ainda dominar o idioma com maior sucesso tanto no quesito da fala como na escrita e na leitura. O que percebemos em 2012, quanto fizemos o levantamento, é uma diminuição significativa. O tempo social desses alunos em 2012 é diferente daqueles de 1999, embora dez anos pareça pouco tempo. Mas, a maior proximidade da área urbana de Prudentópolis, quanto comparada com Ligação²⁵⁶, o acesso à internet e à telefonia móvel mudam sobremaneira o cenário²⁵⁷. No entanto, essa discussão não se encerra aqui exigindo nova pesquisa e novas fontes, o que não podemos fazer nesse momento.

²⁵⁶ Marcondes fica a cerca de 20km de Prudentópolis sendo que esse trajeto é quase totalmente feito por rodovia pavimentada.

²⁵⁷ Em 1999 eu estudava em Marcondes e na época, salvo falha da memória, ninguém sabia o que era e-mail ou como funcionava um celular.

3.3. ESCOLAS E IGREJA UCRANIANA

Conforme assinalado no item anterior, a ligação entre a preservação da língua a partir da escola e a conexão desta com a Igreja católica ucraniana é grande. Além disso, quatro autoras citadas no item anterior que trabalharam questões relacionadas ao bilinguismo em três comunidades do município onde há um colégio estadual, Treuk, Zawadzki, Homenczuk e Hauresko, tem esse duplo compromisso, pois ambas são professoras ligadas ao ensino do idioma e também ligadas à religião²⁵⁸.

A justificativa para o colégio de Tijuco Preto receber o nome de Colégio Estadual Bispo Dom José Martenetz Ensino E.F. consta no Regimento Escolar do estabelecimento – o colégio foi autorizado a funcionar em dezembro de 1989 e foi reconhecido em 1994 -, o texto demonstra a relação estreita entre a Igreja e a Educação:

A escola recebeu esse nome em homenagem ao primeiro Bispo dos Ucranianos no Brasil, Dom José Roman Martenetz, nasceu na colônia Kulparkow, Lviv, Ucrânia – ao dia 7 de fevereiro de 1903. Seus pais foram José Martenetz e Adélia Doskocz. Em 1912 imigrou com seus pais para Prudentópolis.²⁵⁹

O colégio de Linha Esperança também atesta a vinculação entre educação e religiosos ucranianos na denominação do estabelecimento – o colégio foi autorizado a funcionar em dezembro de 1989 e foi reconhecido em 1994-, o Projeto Político Pedagógico (PPP) rende homenagens ao sacerdote José Orestes Preima que trabalhou na comunidade entre 1949 e 1983, ano de seu falecimento:

Como sacerdote trabalhou em várias comunidades no Paraná e Santa Catarina, porém a maior parte de sua vida sacerdotal dedicou ao trabalho pastoral da Linha Esperança... Não mediu esforços para promover a educação das crianças e da juventude, liderou os trabalhos da construção da Casa São José, residência para as I.S.M.I. e da escola das Irmãs Servas da Imaculada Virgem Maria.²⁶⁰

Outro exemplo é a Escola Estadual Padre Cristóforo Myskiv – a escola foi autorizada

²⁵⁸ Natália Treuk, Lídia Zawadzki e Mikalina Homenczuk são irmãs e Júlia Bernadete Hauresko é catequista. As catequistas fazem parte do Instituto Sagrado Coração de Jesus, trata-se de um instituto secular em que as mulheres são leigas e podem ou não ser consagradas.

²⁵⁹ ESCOLA ESTADUAL BISPO DOM JOSÉ MARTENETZ E. F. *Regimento Escolar*. Preâmbulo. Op cit.

²⁶⁰ COLÉGIO ESTADUAL PADRE JOSÉ ORESTES PREIMA. E. F. M. *Projeto Político e Pedagógico*. 2011. p. 7. Disponível em: <http://www.pdtjoseorestes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=14>. Acesso em 17-09-2012. Além de sacerdote padre José Orestes Preima foi reitor do Seminário São José e vereador no município de Prudentópolis.

a funcionar em dezembro de 1989 e reconhecida em 1994-, ela recebeu esse nome em homenagem ao padre homônimo. O padre Cristóforo foi considerado o fundador da Associação Educativa Santa Olga. O objetivo da Associação Educativa, segundo o PPP da Escola Cristóforo Myskiv, é promover educação e a promoção da mulher da zona rural ²⁶¹.

O Colégio Estadual Imaculada Conceição E.F.M localizado em Ligação, Distrito de Jaciaba - o colégio foi autorizado a funcionar em janeiro de 1991 e reconhecido em 1995 – não traz no seu nome nenhuma menção a um religioso ucraniano específico como nos casos anteriores, mas seu histórico está ligado à imigração ucraniana e se soma à postura dos colégios prudentopolitanos de se vincularem à comunidade de descendentes desse grupo eslavo. Segundo o PPP do colégio a comunidade deu à escola o mesmo nome da Igreja Ucraniana existente na localidade devido à religiosidade do povo e devoção à Imaculada Conceição: “Em reunião realizada no ano de 1990 a comunidade decidiu por unanimidade nominar o Estabelecimento de Colégio Imaculada Conceição” ²⁶².

Teodosio Tlumaski relembra como foi a escolha do nome do colégio que, ao que parece, não teve tanta unanimidade conforme posto no PPP. Isso será tratado melhor em item posterior, o que importa nesse momento é assinalar a vinculação da escola com a comunidade ucraniana:

Eu lembro. Isso foi, foi feita a reunião, daí foi dado a liberdade para povo optar. Porque ali a nossa igreja é da Imaculada Conceição, a igreja. Depois a festa é dia 8 de dezembro. Alguns sugeriram que fosse o nome do colégio 8 de dezembro, mas depois resolveram já que é a padroeira da igreja, é também padroeira da comunidade, então fazer tudo igual. ²⁶³

Os padres como visto até aqui, eram grandes incentivadores da educação e da construção de escolas e conforme já apontado foram homenageados postumamente ao terem seus nomes dados a alguns colégios estaduais. Mas também pudemos notar a presença das religiosas ucranianas da Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada (I.S.M.I) e das catequistas do Instituto do Sagrado Coração de Jesus.

De acordo com Zawadzki, em Tijuco Preto as irmãs chegaram na primeira metade da década de 1940 e assumiram a direção da escola assim que se instalaram na comunidade ²⁶⁴.

²⁶¹ Escola Estadual Padre Cristóforo Myskiv E.F. *Projeto Político Pedagógico*. p. 8. Disponível em: <http://www.pdtcristoforo.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=22>. Acesso em 17-09-2012. De acordo com o documento escolar a escolha do nome do estabelecimento foi uma homenagem aos 40 anos da Associação Educativa Santa Olga

²⁶² Colégio Estadual Imaculada Conceição E. F. M. PPP. Op Cit. p. 3.

²⁶³ Teodosio Tlumaski. Op Cit.

²⁶⁴ ZAWADZKI, Lídia. Op Cit. p. 28.

Em Tijuco Preto o colégio foi autorizado a funcionar em dezembro de 1989 e teve como sua primeira diretora uma religiosa, na ocasião a própria Lídia Zawadzki foi quem assumiu a gestão da escola.

Situação análoga ocorreu em Jesuíno Marcondes. De acordo com Homenczuk, as I.S.M.I chegaram na localidade em abril de 1936 e em maio daquele ano já iniciaram suas atividades na área pedagógica ²⁶⁵. No caso de Marcondes, o estabelecimento foi autorizado a funcionar em novembro de 1987 e em 1988 também teve a cadeira da direção ocupada por uma freira, irmã Sofia Ternouski²⁶⁶.

Questão semelhante ocorreu em Linha Esperança pois de acordo com as informações do PPP do Colégio Pe. José Orestes Preima: as irmãs chegaram à comunidade em 1922 e a escola transferiu-se para o prédio das religiosas ²⁶⁷. Quando em dezembro de 1989 a Secretaria Estadual de Educação autorizou que no ano seguinte passasse a funcionar uma escola estadual na localidade, a primeira gestora foi uma servidora municipal: Filomena Procheira que era religiosa, sendo mais conhecida como irmã Zita.

O colégio de Marcondes fugiu à regra quanto a seu nome, pois o nome do estabelecimento não está ligado a um religioso ucraniano, padre ou freira, nem a um santo padroeiro de alguma igreja, mas ao ex-prefeito Antônio Witchemichen que, embora tenha nascido em Pitanga-Pr, era descendente de ucranianos e teria recebido um maciço apoio da comunidade “ucraniana” para sua eleição ao executivo municipal ²⁶⁸.

O caso do colégio Imaculada Conceição, localizado em Ligação, passou por um procedimento parecido aos colégios de Tijuco, Esperança e Marcondes, mas ao invés da construção de uma casa para as I.S.M.I, foi erigida uma residência para as catequistas do Sagrado Coração de Jesus. Fundado em 1991, o colégio teve à sua frente nas três primeiras gestões três catequistas ²⁶⁹. Assim como as irmãs, nos outros colégios e localidades, as catequistas em Ligação chegaram por volta da década de 1930 e além do trabalho pastoral elas estiveram diretamente ligadas à educação.

A importância das catequistas e freiras ucranianas na educação e na preservação da língua em Ligação é ressaltada por Isabel; junto com os ensinamentos religiosos uma das funções e intenções na catequese era familiarizar ainda mais o catequisando com a língua e o alfabeto cirílico, essencial para a leitura dos textos das celebrações: “(...) tinha catequese mais

²⁶⁵ HOMENCZUK, Mikalina. Op Cit. p. 13.

²⁶⁶ Idem. p. 15.

²⁶⁷ C.E.P.J.O.P. Projeto Político Pedagógico. p. 4.

²⁶⁸ GUIL, Chico. et al. *Prudentópolis 100 anos*. Prudentópolis: Editora Artheiros, 2006. p. 111.

²⁶⁹ C.E.I.C.E.F.M. *Projeto Político Pedagógico*. 2011. p. 3. No PPP do colégio não consta que as gestoras eram catequistas, mas a partir do nome das gestoras que também são professoras pode-se levantar essa informação.

junto com língua ucraniana, na catequese as catequistas davam língua ucraniana, daí aprenderam”²⁷⁰. Sofia também ressaltou a importância da catequese para o aprendizado da língua: “Quando a gente passou para catequese a gente teve que mudar tudo para ucraniano, porque não tinha catequese em polonês, né, era ucraniano”²⁷¹. Sofia é um exemplo do trabalho bem realizado pelas catequistas, ela falava polonês, conforme relatou, e aprendeu o ucraniano ao frequentar essas aulas.

Portanto, de acordo com o relato dessas duas entrevistadas, podemos perceber indícios, pistas, da importância e da influência que as catequistas do Instituto do Sagrado Coração de Jesus, fundado pelo padre Cristóforo Myskiv, as irmãs Servas da Imaculada Virgem Maria e os padres basilianos tiveram e têm sobre os rumos das escolas de Prudentópolis e, para o que nos interessa aqui, a escolha e manutenção da língua ucraniana no currículo do Colégio Estadual Imaculada Conceição.

Conforme apregoado por Andrezza, a influência do clero ucraniano na vida cotidiana das comunidades dessa nacionalidade é grande. A autora em sua tese resalta a atuação do pároco João Michalczuk na organização social da colônia Antonio Olyntho na primeira metade do século XX. Na colônia, de acordo com Andrezza: “As pessoas curvavam-se não apenas à vontade de Deus, mas à tenacidade daquele que, ali, era o representante do sagrado [o padre Michalczuk]”²⁷². Odiado por uns, amado por outros, o padre interferia na vida das pessoas e em certos aspectos, em certa medida devido à distância de seus superiores, extrapolava os limites de sua autoridade chegando à conceder indulgências²⁷³.

Guérios também ressaltou a influência do clero na vida de núcleos coloniais e a autoridade com que os sacerdotes chegavam às colônias no final do século XIX e início do XX: “A recepção apoteótica feita aos missionários em todos os locais a que chegavam e sua relutância em deixá-los partir mostra que os rutenos estabelecidos nas diferentes colônias paranaenses ansiavam por sua chegada”²⁷⁴. A influência que o clero ucraniano ainda exerce sobre as comunidades do interior de Prudentópolis é fruto dessa tradição.

Portanto, além das questões culturais e identitárias, a partir do uso ou não da língua ucraniana, conforme discutido no capítulo 2, a disciplina de língua ucraniana pode ser uma tática contra a crise de identidade, pode ser uma forma de transformar lugares em espaços.

²⁷⁰ Isabel Sydorko Barhy. Op Cit.

²⁷¹ Sofia Podogurki Hellmann. Op Cit.

²⁷² ANDREAZZA, Maria Luiza. Op Cit. 1996. p. 102.

²⁷³ Idem.. p. 100-101.

²⁷⁴ GUÉRIOS, Paulo Renato. Op Cit. p. 146.

Pode também ser uma estratégia diante de outros grupos étnicos ²⁷⁵. A disciplina pode ser também uma manifestação de poder e um exercício efetivo do poder. As estratégias e táticas em torno da língua e da disciplina do idioma ucraniano serão discutidos no próximo item.

²⁷⁵ Nesse ponto estou usando “tática”, “estratégia”, “espaço” e “lugar” no sentido cerotoniano.

3.4. ESTRATÉGIAS E TÁTICAS EM TORNO DA DISCIPLINA DE LÍNGUA UCRANIANA NO COLÉGIO ESTADUAL IMACULADA CONCEIÇÃO

As estratégias, a partir de leis e decretos tantos federais quanto estaduais, usadas pelo Estado brasileiro durante o período Vargas, sobretudo, mas também antes e depois do Estado Novo, não encontraram uma passividade, pois os descendentes de imigrantes constantemente reagiam às determinações dos governos, federal e estadual, de diferentes formas. Uma dessas formas foi o bilinguismo, que será tratado de forma mais acurada em outro momento do capítulo.

Na concepção de Michel de Certeau, a estratégia está do lado de pessoas ou instituições que detêm força para exigir e executar mudanças, quem dita as regras. Em outras palavras, a estratégia é o modo de agir do *próprio*²⁷⁶. No contexto da nacionalização das escolas e das proibições do uso das línguas estrangeiras, principalmente daqueles países que estavam alinhados à Alemanha nazista, o *próprio* estava representado pelos governos federal e estaduais que em conjunto tentavam *nacionalizar* a todo custo as populações das regiões onde a língua materna não era o português:

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico²⁷⁷.

As estratégias usadas pelo governo para impor o português para uma população que só falava a língua trazida do país de origem foram diversas. Muitas dessas estratégias foram colocadas em prática a partir de leis. No Paraná, segundo Renk, antes da subida de Getúlio Vargas ao governo, no Código de Ensino do Estado do Paraná de 1919, já havia tentativas de banir a prática de se ministrarem aulas exclusivamente em língua estrangeira²⁷⁸.

Outra estratégia usada pelo governo paranaense para atingir seu objetivo e combater a “desnacionalização da infância” era exigir provas de proficiência dos professores das escolas étnicas. O professor, para poder atuar, deveria provar que dominava o idioma nacional para

²⁷⁶ O “próprio” na concepção cerotoniana pode ser um indivíduo ou uma instituição com força para determinar e exigir ações, quem arquiteta e executa a estratégia.

²⁷⁷ CERTEAU, Michel. 1994. Op Cit. p. 46.

²⁷⁸ RENK, Valquíria Elita. Op Ci. p. 74.

poder ensinar aos alunos o português e ensinar as diferentes disciplinas em língua nacional ²⁷⁹.

Seguindo a estratégia de “nacionalizar a infância” em 4 de maio de 1938 o governo decretou o fechamento completo e definitivo das escolas étnicas por meio do Decreto Federal 406 ²⁸⁰. Nessas leis e decretos ficam claros os objetivos do “próprio” e suas estratégias para obter o que se queria.

No entanto, as estratégias não são aceitas de forma passiva pelos atores sociais, elas são burladas, resignificadas, são entendidas e praticadas de diferentes maneiras que muitas vezes não correspondem ao que o *próprio* quer e não raro os sujeitos fazem exatamente o oposto do que a estratégia previa. Para isso os sujeitos não necessariamente necessitavam descumprir normas ou leis, pois as forças eram demasiado desiguais: os sujeitos usavam diferentes táticas.

Uma estratégia muito usada pelo governo para verificar se seus esforços estavam surtindo efeito e suas determinações sendo acatadas era enviar inspetores. De acordo com Renk: “Entre as possibilidades de fiscalização estava o envio de um inspetor à escola, solicitando que os alunos cantassem o Hino Nacional, ou então participando dos exames finais” ²⁸¹.

À estratégia se opõe a tática, esta é usada pelo fraco, por aquele sujeito que não detém um poder institucionalizado e de comando, mas nem por isso passivo e obediente à tudo que lhe é imposto. Segundo Certeau tática é “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro”²⁸².

Uma tática muito usada pelas escolas étnicas foi o bilinguismo. Esse recurso foi usado pelas escolas étnicas no Paraná a partir dos anos 1920²⁸³. No entendimento de Renk, os descendentes de imigrantes eslavos, ucranianos e poloneses, não negavam a cidadania brasileira atestada em documentos oficiais, eles apenas mantinham sua fidelidade à origem étnica ²⁸⁴.

A tática aqui era para se adequar às exigências do governo e ao mesmo tempo facilitar o trabalho com as crianças que não falavam ou tinham dificuldades com o português. A mesma tática continuou sendo usada muito tempo depois em regiões onde predominava descendentes de imigrantes. Em Ligação, o bilinguismo continuou sendo usado muitos anos

²⁷⁹ RENK, Valquíria Elita. Op Cit. p. 107.

²⁸⁰ Idem. p. 154.

²⁸¹ Idem. 215.

²⁸² CERTEAU, Michel de. 1994. Op Cit. p. 46.

²⁸³ RENK, Valquíria Elita. Op Cit. p. 100.

²⁸⁴ Idem. p. 41.

após o fim do Estado Novo. A tática aqui não era mais contra o governo, mas sim em função da necessidade de se atingir o aluno, pois todo o material didático passou a ser em português.

Isabel começou lecionar em Ligação no ano de 1957, segundo ela havia a necessidade de explicar em ucraniano as lições em português dos materiais didáticos: “(...) tinha que dar aula e traduzir pra eles... sabe meio explicar em ucraniano pra eles entender. Eles conversavam mais só em ucraino”²⁸⁵. Isso mostra que a nacionalização compulsória não obteve de forma plena seus objetivos.

Outra entrevistada, Genoveva, conforme salientado em outro momento, não sabia dizer nem *bom dia* em português quando estava em idade escolar. Quando questionada se a professora falava ucraniano para poder conseguir ensinar, a resposta foi positiva: “Já ela dava em português e ucraniano. Daí que nós aprendemos escrever um pouquinho a mais na escola em ucraniano e em português então é na escola já”²⁸⁶.

Genoveva nasceu em 1947 e deve ter começado a frequentar a escola com 7 ou 8 anos, portanto em meados dos anos 1950, pouco antes de dona Isabel começar a lecionar em Ligação. Interessante que Genoveva declara ter aprendido a escrever um pouco em ucraniano na escola, sinal que junto com a tática do bilinguismo as escolas do interior continuavam ensinando em e sobre a língua estrangeira. A professora poderia estar interpretando a lei a partir do seu ponto de vista, se ela ensinasse o português e sobrasse tempo não teria problema ensinar o ucraniano, pois isso facilitaria seu trabalho, levando-se em conta que seus alunos pouco sabiam da língua vernácula.

Embora o Decreto 406 de 1938 fosse muito claro a respeito da língua a ser usada nas aulas, ele não falava nada do bilinguismo; nesse ponto verifica-se o que foi apontado acima sobre a reinterpretação das leis pelo sujeito que não detêm o poder. As artimanhas desses sujeitos permitem com que eles estejam dentro da norma, mas ao mesmo tempo estejam fora dela: “O bilinguismo não estava previsto em lei, portanto não poderia ser considerado ilegal”²⁸⁷.

O tempo das “perseguições” e proibições ao uso do idioma ucraniano, ou qualquer outra língua estrangeira, ficou para trás. Atualmente no Paraná, sem levar em conta os cursos de idioma das escolas especializadas da rede privada, os colégios públicos estaduais oferecem aulas de diversos idiomas, sejam eles nas grades curriculares das escolas, ou na modalidade do CELEM. Atualmente, alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês, mandarim,

²⁸⁵ Isabel Sydorko Barhy. Op Cit.

²⁸⁶ Genoveva Smah Vogivoda. Op Cit.

²⁸⁷ RENK, Valquíria Elita. Op Cit. p. 104.

polonês e ucraniano são os idiomas ofertados no Paraná.

A escola pode ser considerada *um próprio* à medida que possui funções determinadas pelo governo. Existe uma legislação que rege todo o sistema de ensino, mas esse conjunto de regras não impede que o coletivo escolar interprete de formas diferentes determinados pontos dessa legislação. A escola sendo “um próprio” é também local onde a *estratégia* é questionada e suas determinações reinterpretadas. O estabelecimento escolar pode ser encarado de diferentes formas pelo coletivo escolar, bem como pelos poderes constituídos que o mantêm: local de aprendizagem, de sociabilidade, de conflitos étnicos, de lazer. Ou seja, o estabelecimento escolar se torna um espaço.

As táticas permitem transformar os lugares em espaços na medida em que diferentes atores sociais podem atribuir significações díspares a um mesmo local. Segundo Certeau, os lugares se transformam em espaços à medida que são praticados:

Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.

A escola e o processo de ensino/aprendizagem tal qual entende o governo pode não ser compreendido e vivenciado pelo coletivo escolar, dessa forma a escola permanece um lugar. Ela vai se transformar em um espaço no momento em que a comunidade que gravita em seu entorno e as pessoas que a frequentam enxerguem além daquilo que está pré-estabelecido. O Colégio Imaculada Conceição não foi pensado, pela sua mantenedora, a Secretaria Estadual de Educação, para ser um local de perpetuação da língua ucraniana ou para reafirmação da identidade étnica ucraniana no município de Prudentópolis. Foi o coletivo escolar, pode-se dizer, quem agregou ao estabelecimento essa função. A partir daí o “lugar escola” transformou-se num espaço.

Segundo Costa:

As escolas estaduais de Prudentópolis são espaços simbólicos à medida que ganham significações diferentes pelo coletivo escolar e pela comunidade em geral. No caso de algumas escolas do município elas são espaços de preservação da cultura ucraniana. A adoção da disciplina de Língua Ucraniana em seus currículos ou em disciplinas eletivas são formas de se praticar o espaço²⁸⁸.

²⁸⁸ COSTA, Lourenço Resende da. Op cit. p. 4.

As escolas, para os descendentes de ucranianos, eram espaços de sociabilidade, pois além das práticas pedagógicas eram locais de disseminação da cultura e da etnia ²⁸⁹. No colégio de Ligação, no momento de se optar por um único idioma estrangeiro, para compor o currículo dos anos finais do Ensino Fundamental, uma das justificativas do diretor para a escolha da língua ucraniana estava ligada ao uso cotidiano de muitas pessoas da comunidade²⁹⁰. Essa justificativa aponta para o processo de transformação da escola num espaço de preservação da cultura e afirmação da etnicidade.

Diante dos diversos depoimentos colhidos e das frases *já está se perdendo* ou *os jovens quase não falam*, a disciplina pode ser entendida como uma tática das gerações mais velhas que percebem na escola um possível espaço de resistência frente à diminuição gradativa do uso do idioma. De acordo com Joana a disciplina de língua ucraniana é fundamental na preservação do idioma. Para ela o CELEM não é suficiente, a presença da disciplina na grade é de fundamental importância:

Eu penso assim que... tem que se manter o que é da região, o regional. Tá certo que eles disseram vai usar no vestibular, não vai usar pra outras coisas, mas se não for assim isso vai acabar se perdendo completamente, porque a escola ela ainda segura, ainda tem conhecimento da língua. Mas tem famílias que eles nunca nem vão chegar o que é língua ucraniana se não tiver na grade. O CELEM... poucos se interessam pelo CELEM e vai acabar se extinguindo esse CELEM.²⁹¹

Teodosio também percebe na disciplina uma tática frente à diminuição do uso da língua ucraniana, ele vislumbra um uso prático. Inserido na tradição religiosa dos descendentes de ucranianos que se instalaram no Brasil e é para o uso na igreja nas celebrações litúrgicas que Teodosio vê a importância da disciplina e do idioma:

Eu acho que ele é importante porque... você sabe?... duas línguas... tipo, vale mais, é bom saber, ainda mais que ali uma região que praticamente noventa por cento é ucraniano. Eu acho que deve ajudar. Ele [o aluno] pega o livro na... por exemplo na igreja, pega o livro e vai acompanhando.²⁹²

Uma das estratégias governamentais é padronizar o conteúdo oferecido de Norte a Sul do país, por esse motivo exigiu-se que fosse mantido a disciplina do mesmo idioma em todos

²⁸⁹ TREUK, Natália. Op Cit. p. 8.

²⁹⁰ João Márcio Iulek. Op Cit.

²⁹¹ Joana Vozivoda Ditkun. Op cit.

²⁹² Teodosio TLumaski. Op Cit. A porcentagem estimada por Teodosio, 90%, é questionável, pois os gráficos 1 e 2 no capítulo II mostraram uma porcentagem significativa de descendentes de ucranianos em Ligação e comunidades próximas, mas uma porcentagem bem menor que 90%.

as séries finais do Ensino Fundamental. O governo não determina qual a disciplina deve ser escolhida, afinal a LDB 9394/96 diz que a escolha da língua estrangeira ficará a cargo da comunidade escolar. A princípio, isso não parece uma estratégia do “próprio” que exige uma tática do fraco. No entanto, quando analisamos os processos seletivos, concursos, vestibulares, entre outros, percebemos que a lei garante autonomia na escolha da disciplina de língua estrangeira moderna, mas paga-se um preço por escolhas que não privilegiem as línguas mais usadas nesses processos de seleção – principalmente o inglês e o espanhol.

Aparentemente o governo concedeu à comunidade escolar do colégio Imaculada Conceição a opção de escolher o idioma ucraniano sem restrições, no entanto ao privilegiar outros idiomas nas provas de concursos seletivos, a opção por outros idiomas é algo até esperado. Nesse sentido, vale destacar que dentre os colégios que tinham a carga horária da disciplina de língua estrangeira moderna dos anos finais do E.F, dividida entre o ucraniano e o inglês, principalmente, apenas o colégio Imaculada manteve o ucraniano.

O diretor do Colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen, professor José Amilcar Pastuch, relatou que o coletivo escolar daquele colégio optou pelo inglês justamente pelo fato referido acima sobre o uso desse idioma em provas e concursos:

A escolha, na verdade a gente colocou pra comunidade e a comunidade achou por bem ficar o inglês porque toda vez que vai presta um concurso, vai fazer um vestibular, vai fazer, apesar que no vestibular ainda tem a escolha do espanhol ou do inglês então... por no nosso cotidiano, no dia a dia tá sendo mais utilizado o inglês do que o ucraniano porque o ucraniano é uma questão regional, então dentro dessa questão regional veio... optou-se por ficar com o que é, com o global que é o inglês e o regional praticar na parte... na parte de contra-turno que é com o CELEM, e aqueles que realmente querem se especializar ou querem realmente aprender um pouquinho além do que já sabem da língua ucraniana tem essa opção ²⁹³.

O depoimento citado acima exemplifica um pouco o que se argumentou a pouco. No entanto, mesmo com essa estratégia do governo o colégio de Ligação, ao contrário do colégio de Marcondes, manteve a disciplina de língua ucraniana em sua grade. Dessa forma, percebemos esse ato como uma tática do coletivo do colégio. O objetivo do governo é, entre outros, preparar candidatos aptos a prestarem concursos, mas o objetivo do colégio, além desse, é preservar a cultura e sua identidade. No depoimento do então diretor do Colégio Imaculada, fica claro essa questão quando questionado sobre uma possível desvantagem na hora dessas provas:

²⁹³ José Amilcar Pastuch. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 7 de maio de 2012.

No momento da escolha existiram algumas argumentações dizendo o seguinte: foi verificado sempre muitos casos de pessoas que fazem o inglês no Ensino Fundamental e no Médio e na hora de fazer o vestibular fazem a opção por fazer espanhol até porque o inglês é... tem uma... é muito diferente do que é português e o espanhol de certa maneira teria ali alguma coisa de próximo então às vezes as pessoas optam por isso. Mas na verdade foi uma opção por uma questão regional mesmo de tentar de alguma maneira segurar essa questão cultural de manter alguma coisa²⁹⁴.

Na sequência da argumentação, João Márcio defendeu a ideia de que mesmo as pessoas que não possuem ascendência ucraniana acabam aprendendo o idioma no convívio na comunidade. A utilização da língua seria percebida no dia a dia, de uma forma prática e não apenas em função de um possível vestibular nos casos do espanhol e do inglês. Mas a escola, diante das exigências tanto legais como sociais, não oferece apenas o ucraniano. No Ensino Fundamental, anos finais, a disciplina de língua estrangeira é o ucraniano. No Ensino Médio a língua espanhola é que compõe a grade e o inglês é oferecido na modalidade do CELEM. Dessa forma a escola, segundo João Márcio, acaba oferecendo as três opções: ucraniano, inglês e espanhol, cabendo à comunidade escolar buscar aquilo que lhe interessa mais.

A escola é encarada como um espaço, pois o objetivo é preservar algo regional, conforme as palavras do professor João Márcio, mas o colégio não vai na contramão, pois existe a opção da língua espanhola no Ensino Médio e o inglês no CELEM. Portanto, o coletivo escolar que ajudou na escolha da disciplina atribui à escola funções diferentes daquelas pre-estabelecidas pelo governo ou pelo dito mundo globalizado, fazendo do ambiente escolar um espaço praticado.

No entanto, os descendentes de ucranianos em Ligação não são apenas os que precisam usar das táticas; no contexto de Prudentópolis e da referida comunidade eles muitas vezes são quem determinam as estratégias. Nesse sentido, lembramo-nos das observações de Foucault sobre o poder: o sujeito ora exerce, ora sofre o poder. No momento em que ele age sob a estratégia, está-se sofrendo a ação do poder, portanto precisa usar das táticas; mas haverá momentos em que ele irá exercer o poder, nesse instante será quem determinará as estratégias, sempre numa relação conflitante e dialética.

Portanto, no próximo item ver-se-á como a língua ucraniana e a disciplina de língua ucraniana no Colégio Estadual Imaculada Conceição E.F.M aparecem como uma manifestação de poder dos descendentes de ucranianos de Ligação.

²⁹⁴ João Márcio Iulek. Op Cit.

3.5. RELAÇÕES DE PODER E BUSCA DAS ORIGENS: MANIFESTAÇÕES DE PODER A PARTIR DA LÍNGUA E DA DISCIPLINA DE LÍNGUA UCRANIANA

O fundador da minha família foi um Damião Cubas... Era tanoeiro de ofício... deixou grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós... porque Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro... ao passo que Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde de Cunha.

(MACHADO DE ASSIS, Memórias Póstumas de Brás Cubas, capítulo III).

A busca pelas ditas origens é algo constante na história, no entanto, segundo Foucault, essa busca deve ser combatida, pois quando determinamos um ponto exato de onde se originou algo, estamos eliminando ou minimizando sobremaneira as vicissitudes e o processo histórico que o constituiu²⁹⁵. No estabelecimento do ponto original de onde algo surge, ocorre o que a epígrafe acima, extraída da obra machadiana revela: conta-se o que se quer contar e esconde-se o que não é de bom alvitre mencionar. O começo inicia-se no ponto em que não há algo que macule o que se quer revelar.

Os jogos e exercícios de poder se valem muito dessa construção de origens estáticas e inquestionáveis. No que se refere aos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, o esforço na construção de uma origem antiga é bastante presente. O Museu do Milênio, dedicado à etnia eslava ucraniana, está dentro dessa concepção da busca de um ponto inicial de surgimento desse povo.

²⁹⁵ FOUCAULT, Michel. 1979. Op Cit.

IMAGEM 4: FACHADO DO MUSEU DO MILÊNIO – PRUDENTÓPOLIS-PR



FONTE: Fotografia do autor.

A intenção dos idealizadores do museu foi representar uma história milenar que se teria iniciado em 988 d.C. e completado um milênio em 1988. A explicação para o período milenar que o museu traz no seu título e a periodização em sua fachada tem uma explicação religiosa. Segundo Chico Guil, em livro comemorativo aos cem anos da emancipação política da cidade de Prudentópolis: “A designação do Milênio é uma homenagem ao milênio da conversão da Ucrânia ao cristianismo”²⁹⁶.

Importante destacar a possível origem do povo ucraniano salientada por Burko, ou seja, a origem desse povo estaria datada em cerca 3000 anos a.C, outros estudiosos, ainda segundo esse autor, datam esse momento originário por volta de 500 a.C²⁹⁷. Essa preocupação em datar o ponto original, ainda que implicitamente, pode ter a intenção de imbuir essa etnia eslava de uma ancestralidade milenar, porém, os idealizadores do museu foram mais longe. Eles não abandonaram a intenção de privilegiar um tempo milenar ao datar a história dos ucranianos em 988, eles acrescentaram à essa história uma data exata, uma *Ursprung*.²⁹⁸ E essa origem não está em um tempo incerto e pagão, num momento invulgar, ela está ligada ao momento da conversão da Ucrânia ao cristianismo.

Na história das origens, dos inícios sem manchas, conta-se a história a partir de coisas que se quer lembrar e de coisas que não se quer – ou que não se deve - lembrar. Em Prudentópolis a memória que se quer construir do povo ucraniano é uma história cristã. Não

²⁹⁶ GUIL, Chico. Op Cit. p. 138.

²⁹⁷ BURKO, Valdomiro. Op Cit. pp. 23-24.

²⁹⁸ Utilizaremos-nos aqui da diferenciação estabelecida por Foucault, extraído por ele das obras de Friedrich Nietzsche, onde ele diferencia “origem metafísica” (*Ursprung*) de “origem histórica” (*Herkunft/Entstehung*): “Encontram-se em Nietzsche dois empregos da palavra *Ursprung*. Um não é marcado: é encontrado em alternância com o termo *Entstehung, Herkunft, Abkunft, Geburt*. Para *Genealogia da Moral*, por exemplo, fala, a propósito do dever moral ou do sentimento da falta, de *Entstehung* ou de *Ursprung*. Em *A Gaia Ciência* se trata, a propósito da lógica e do conhecimento, de *Ursprung*, de *Entstehung*, ou de *Herkunft*” (FOUCAULT, M. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Microfísica do poder*. Op cit, p.16).

por acaso o príncipe Volodymir que “batizou” a Ucrânia é um santo da Igreja Católica. As questões a respeito das origens, as relações de poder, o lugar social dos atores históricos, são de suma importância para o entendimento das manifestações de poder a partir do idioma e da disciplina de língua ucraniana. Conforme exposta na nossa epígrafe, a pesquisa das origens revela e esconde. O lugar social de quem conta a história determina, em grande medida, o que dizer e sobre o que calar. Portanto, essa história contada, ou que se pretende contar, a partir do museu e seu acervo, se coloca ao lado da “verdade”, da origem, da coletividade.

Segundo Regina Abreu:

Como assinalou Pierre Nora, nas sociedades modernas, onde a acentuada fragmentação da vida coletiva e a crescente valorização do indivíduo gerou a desagregação dos laços de continuidade, surgiu, em contrapartida, a necessidade de criação de lugares para a preservação de memórias coletivas que antes eram geridas pelos próprios grupos sociais²⁹⁹.

Na imagem 3, a fachada traz inscrições em alfabeto cirílico que mostram já na entrada a preocupação do Museu do Milênio com a vinculação étnica. Portanto, a língua ucraniana aparece como um elemento ligado à ancestralidade e essa antiguidade pode ser usada como argumento nas lutas e questões do poder.

Burko, embora ressalte que o fator língua não é o que define as nações, destaca o fato da Confederação Helvética e das Repúblicas da América do Norte e Sul não possuírem uma língua única, e chama a atenção para a importância dos ucranianos possuírem uma língua única e própria: “Porém, mesmo sob este aspecto, os Ucranianos estão em condições mais favoráveis, pois possuem e falam uma língua *própria* (sic)”³⁰⁰. Para reforçar seu argumento, Burko ressalta o parecer da Academia de Ciências de Petersburgo atestando a distinção do idioma ucraniano frente ao russo³⁰¹.

No parecer da Academia de Ciências de Petersburgo, segundo o autor, a verdade acerca da originalidade e singularidade estaria atestada. Aqui, o atestado de verdade é ratificado por uma instituição que possui condições de impor seu discurso. Sendo uma verdade “institucionalizada”, portanto, torna-se não passível de questionamento. Essa falta de possibilidade para a dúvida ou simplesmente para um questionamento é o que, segundo Foucault, tem que ser revista: “É exatamente contra os efeitos de poder próprios de um

²⁹⁹ ABREU, Regina. *A fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 202.

³⁰⁰ BURKO, Valdomiro. Op Cit. p. 20. Grifo nosso.

³⁰¹ Idem. p. 21.

discurso considerado científico que a genealogia deve travar o combate”³⁰².

Segundo Burko:

No antigo reino ucraniano de Kyiv tiveram origem a assim chamada “Crônica de Nestor”, grandiosa epopéia do Príncipe Ihor, e outros monumentos da antiga literatura ucraniana, cuja língua é moldada sobre a língua eclesiástico-eslava. Esta revela, porém, já no século XI, grandes diferenças linguísticas que a distinguem da língua russa (sic)³⁰³.

Uma interpretação que se pode fazer do trecho de Burko citado acima, ainda que por ventura não fosse a intenção do autor, é de que a língua ucraniana possui uma origem - *Ursprung* - que teria atravessado o Atlântico e aportado em terras brasileiras mantendo a sua pureza. Não estamos querendo dizer que a história dos descendentes de ucranianos, da língua ucraniana ou da Ucrânia não tenha propriamente valor. O que estamos querendo chamar a atenção é para as formas de naturalização com as quais certas histórias, nacionais especialmente, aparecem, não deixando espaço para o acidente, o inusitado, para o conflito, questões comuns em toda relação humana e sobretudo para o derrisório.

O que queremos dizer é que, como explica Foucault, negar a origem não significa recusar as potencialidades de uma cultura, de um povo ou de uma língua, que é nossa questão. O problema é quando a origem adquire *status* de “verdade” e passa a não mais permitir questionamento e dúvida: “A verdade, espécie de erro que tem a seu favor o fato de não poder ser refutada, sem dúvida porque o longo cozimento da história a tornou inalterável³⁰⁴”.

As coisas postas a partir dessa perspectiva não permitem questionamentos, pois as engessam. O discurso almeja a “vontade de verdade” e com ela busca estabelecer uma posição de superioridade. Vale destacar que Burko é um sacerdote, descendente de ucranianos e que, portanto, sua “vontade de verdade” também possui ares institucionais, ela fala de uma verdade que pode fechar as portas e interditar os discursos contrários³⁰⁵.

Marc Bloch já alertava sobre o perigo do ídolo das origens. O autor destaca a preocupação de muitos etimologistas que achavam ser suficiente confrontar o significado atual das palavras com suas significações mais antigas: “Como se o problema importante não

³⁰² FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 14.

³⁰³ BURKO, Valdomiro. Op cit. p. 21.

³⁰⁴ FOUCAULT, Michel. 1979. Op Cit. p. 19.

³⁰⁵ FOUCAULT, Michel. 1996. Op Cit. pp. 16-17.18.

fosse o de saber como e porquê de uma significação se deslizou para outra”³⁰⁶. Segundo Bloch o significado das palavras mudam com o passar do tempo e podem significar coisas completamente diferentes. A palavra usada hoje para determinar algo, pode não ser adequada para se estudar a mesma coisa num tempo muito recuado. Portanto, alerta Bloch: “Em suma: nunca um fenômeno histórico se explica plenamente fora do estudo do seu momento”³⁰⁷.

A partir dos apontamentos de Bloch podemos traçar um paralelo, ainda que arbitrário, com Foucault a respeito do perigo de se venerar as origens. Podemos dizer que Bloch também está combatendo a origem enquanto *Ursprung*, pois para o co-fundador da revista *Annales* deve-se privilegiar o processo histórico e o momento e as motivações para que as coisas se transformem e passem a serem vistas de outra maneira. Podemos chamar esse momento, em que as coisas e significados mudam, de emergência - *Entstehung* - e no lugar da origem, a proveniência – *Herkunft*.

Se fizermos nossa análise a partir da origem, não perceberemos como a etnia ucraniana de grupo proibido de usar seu idioma passou para um grupo que em certa medida consegue comandar os rumos de algumas escolas do município. Portanto, a emergência de grupo étnico “perseguido” para grupo em evidência é muito mais esclarecedor:

A emergência se produz sempre em um determinado estado das forças. A análise da *Herkunft* (sic) [*Entstehung*] deve mostrar seu jogo, a maneira como elas lutam umas contra as outras, ou seu combate frente a circunstâncias adversas, ou ainda a tentativa que elas fazem – se dividindo – para escapar da degenerescência e recobrar o vigor a partir de seu próprio enfraquecimento³⁰⁸.

No entanto, quando vamos analisar o PPP do colégio Imaculada Conceição o que verificamos é uma preocupação com as origens: “O Colégio desde sua implantação ano 1991 optou pelo ensino da Língua Ucraniana”³⁰⁹, ou seja, a disciplina de língua ucraniana estaria na gênese do colégio, confundida até com ela. Além disso, o objetivo do estabelecimento, segundo o PPP, é “colaborar na preservação da língua, dos costumes e tradições do povo”³¹⁰. Aparece aqui a necessidade de se preservar algo que começou outrora.

A imposição de uma origem pura está ligada, a partir de uma perspectiva foucaultiana, à questão de um poder, pois no momento da emergência – *Entstehung* – no momento das decisões, quem detêm mais condições de se impor acaba estabelecendo o que se fazer e os

³⁰⁶ BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Portugal: Publicações Europa-América, 1997. p. 93.

³⁰⁷ Idem. p. 94.

³⁰⁸ FOUCAULT, Michel. 1979. Op Cit. p. 23.

³⁰⁹ C.E.I.C.E.F.M. *PPP*. Op Cit. p. 89.

³¹⁰ Idem. ibidem.

caminhos a seguir. No caso analisado aqui, no momento da fundação do colégio, na hora da escolha de onde o colégio seria construído, o nome do estabelecimento e a escolha das disciplinas da grade curricular, o grupo que emergiu com mais força foi o de descendentes de ucranianos.

Partindo do pressuposto foucaultiano de que a origem histórica é sempre uma disputa de forças, que são na maioria das vezes desiguais, pensamos que a pesquisa histórica acerca das relações em torno do idioma ucraniano e da disciplina do mesmo idioma, na comunidade de Ligação, não deve buscar apenas a harmonia e sim a disputa, pois os atores sociais não são passivos e buscam objetivos distintos.

O Colégio Estadual Imaculada Conceição E.F.M. foi autorizado a funcionar em 1991 pela Resolução Nº 248/91 em 21 de janeiro daquele ano. A autorização foi concedida após uma reunião da comunidade no ano anterior. Além de defender a importância de um colégio na região, na reunião decidiu-se sobre o nome do estabelecimento: “Em reunião realizada no ano de 1990 a comunidade decidiu por unanimidade nominar o Estabelecimento de Colégio Imaculada Conceição”³¹¹.

No entanto, de acordo com Teodosio³¹², a escolha do nome não foi uma unanimidade. Não houve recusa ao nome Imaculada Conceição, mas existiu ao menos uma outra alternativa pensada: 8 de dezembro, data da padroeira Imaculada Conceição.

De acordo com o relato de Teodosio não houve desentendimentos acerca da escolha do nome do colégio, mas o nome Imaculada Conceição não foi a primeira opção. No entanto, no PPP isso não é mencionado, o documento oficial exclui toda e qualquer divergência e apresenta o processo como se não tivesse havido nenhuma opinião diferente. Diante do trecho citado, de fato, não há uma discordância significativa acerca da escolha do nome do estabelecimento, porém as relações de poder se efetivam nos pequenos detalhes e por serem, a primeira vista, detalhes insignificantes nos passam a sensação de naturalidade e não percebemos as relações de força e poder escondidas.

A pequena divergência, entre o PPP e o trecho da entrevista de Teodosio Tlumaski, pode estar ligada à questão do discurso e seus efeitos de poder. Para Foucault uma forma de se controlar o discurso é “determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles”³¹³. No PPP o discurso está cercado de regras e está

³¹¹ C.E.I.C.E.F.M. PPP. Op Cit. p. 3.

³¹² Teodosio Tlumaski. Op Cit.

³¹³ FOUCAULT, Michel. 1996. Op Cit. p. 36.

institucionalizado, portanto, almeja uma “verdade”³¹⁴.

Segundo Foucault, o desafio em torno dos discursos deve empreender três frentes: “questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante”³¹⁵. Para empreender esse trabalho Foucault adota um conjunto crítico e um conjunto genealógico³¹⁶. O conjunto crítico vai tratar basicamente do princípio da “inversão”, pois onde costumamos ver a ordem e a vontade de verdade devemos ver a rarefação do discurso, ou seja, onde há aspectos positivos temos que perceber também aspectos negativos. Temos que inverter o discurso e perceber na vontade de verdade uma vontade de controle e a partir dela a exclusão e a interdição³¹⁷. O conjunto genealógico vai tratar dos princípios da “descontinuidade”, da “especificidade” e da “exterioridade” do discurso. O primeiro corresponde à ideia de que um discurso não é linear e suas verdades não são eternas; o princípio da especificidade é válido para não assumirmos significações prévias dos discursos; o princípio da exterioridade corresponde ao cuidado de nos atermos no discurso em si e não em algo supostamente escondido por trás dele³¹⁸.

O discurso que se faz da fundação da escola, a partir do PPP, é de uma gênese sem conflitos étnicos, de ideias ou de credos, pois foi unânime. O esforço da comunidade para que o estabelecimento fosse construído deve ter sido grande e esse mérito é indiscutível; o que estamos tentando apontar aqui é o processo de efetivação das “verdades” e as relações de poder que se manifestam a partir disso. Para Foucault: “A história ‘efetiva’ se distingue daquela dos historiadores pelo fato de que ela não se apoia em nenhuma constância: nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles”³¹⁹.

No que diz respeito à escolha da disciplina de língua ucraniana, novamente, são em fragmentos que percebemos as relações de poder. No PPP a língua ucraniana já aparece desde que o estabelecimento foi fundado.

O Colégio desde sua implantação ano 1991 optou pelo ensino da Língua Ucraniana na Matriz Curricular do Ensino Fundamental, porque o mesmo situa-se numa região onde há muitos descendentes de ucranianos os quais ainda dominam principalmente a língua oral e um pouco menos a língua escrita e a leitura.³²⁰

³¹⁴ FOUCAULT, Michel. 1996. Op Cit. p. 17.

³¹⁵ Idem. p. 51.

³¹⁶ Idem. p. 60.

³¹⁷ Idem. pp. 51-52.

³¹⁸ Idem. pp. 52-53.

³¹⁹ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. 1979. p. 27.

³²⁰ C.E.I.C.E.F.M. PPP. Op Cit. p. 89.

Segundo o trecho do documento citado acima, a escolha dessa disciplina aparece como algo natural. Em outro ponto do documento a questão novamente aparece de forma naturalizada: “Por uma questão histórica, segundo o contexto de localização do colégio, é de suma importância a aprendizagem de Língua Ucraniana”³²¹. O documento ressalta a presença de grande número de descendentes de ucranianos na região e, sobretudo, na comunidade de Ligação.

De acordo com levantamento feito com os alunos do colégio, do total de 83 estudantes do Ensino Médio consultados, cerca de 66,26%³²² possuem alguma ascendência ucraniana, desse total 26 moram em Ligação o que corresponde a 31,32% do total de entrevistados³²³.

Quando levamos em conta apenas os 26 alunos de Ligação, verificamos que 23 deles possuem alguma ascendência ucraniana, ou seja, 88,46% dos estudantes residentes na comunidade tem algum grau de descendência ucraniana, 13, entre os 26, possuem ascendência apenas ucraniana sem miscigenação étnica³²⁴. Diante desses números, vemos que os descendentes de ucranianos são a maioria na região e quando consideramos apenas os residentes em Ligação, a porcentagem aumenta significativamente chegando perto de 90%. Isso vai ao encontro do salientado pelo PPP.

No entanto, assim como os descendentes de ucranianos são numerosos, os poloneses também são presença significativa nas comunidades atendidas pelo Colégio Imaculada. A descendência polonesa aparece em 44,57%³²⁵ dos estudantes entrevistados.

Porém, no PPP do colégio a presença polonesa é minimizada, o documento ressalta a

³²¹ C.E.I.C.E.F.M. PPP. Op Cit. p. 89

³²² Essa porcentagem foi realizada a partir do gráfico 1, esse número não discrimina se o aluno é oriundo de um lar formado por pais apenas descendentes de ucranianos, mas leva em conta todas as vezes que aparece a ascendência, ainda que miscigenada. Por exemplo, existem lares onde o pai possui ascendência ucraniana e brasileira e a mãe ascendência polonesa, entre outras combinações. Esse aluno está inserido nos 66,26% que são descendentes de ucranianos.

³²³ Alunos do Ensino Médio de 22 comunidades atendidas pelo colégio participaram da consulta: Ligação 26 alunos, Jaciaba 9, Pimental 6, Linha Vitorino 6, Alto Barra Grande 4, Linha Macacos 4, Rio Belo 5, São Francisquinho 4, Herval Bonfim 2, Serra da Esperança 2, Bairro do Jordão 2 e Poço dos Anzóis 2 alunos. As comunidades de Água Quente, Lajeado Raso, Barra das Canoas, Senador Correia, Serra da Gralha, Herval Fraqueza, Herval Grande, São Francisco e Pimental 2º Secção apareceram com um aluno cada. Dois alunos não preencheram o espaço destinado à comunidade onde moravam.

³²⁴ De acordo com os dados levantados 20 alunos, do total de 83 que participaram da consulta, que possuem apenas ascendência étnica ucraniana, conforme o gráfico II, 13 moram em Ligação. Ou seja, dos 20 alunos descendentes de ucranianos sem miscigenação, 65% mora em Ligação.

³²⁵ Assim como no que se refere aos descendentes de ucranianos, essa porcentagem leva em conta a menção à origem polonesa. Assim como para chegar a um total de 66,26% de alunos descendentes de ucranianos não se discriminou se havia mistura com os poloneses, aqui para se chegar à porcentagem de 44,57% de descendentes de poloneses incluem-se os cruzamentos entre poloneses com os ucranianos e os “brasileiros”.

presença polonesa no Paraná, mas ele não destaca a presença polonesa na região Norte de Prudentópolis onde se localiza Ligação e as comunidades atendidas pelo Colégio Imaculada: “No sul do país, particularmente no Paraná, as colônias maiores foram as de imigrantes italianos, alemães, ucranianos, russos, poloneses e japoneses”³²⁶.

No documento, no entanto, não há referência à presença polonesa na comunidade de Jaciaba, o maior núcleo polonês do município³²⁷. A referida comunidade fica distante de Ligação cerca de 15 km³²⁸ no sentido Norte, ou seja ainda mais afastada da sede do município.

Algumas fontes orais ressaltaram a presença polonesa naquela linha, exemplo disso é Isabel Sydorko Bahry, professora aposentada que lecionou na escola de Jaciaba. Quando questionada se lá os alunos também eram descendentes de ucranianos ela foi categórica: “Não, lá só poloneses, só poloneses”³²⁹. Outra fonte oral, Joana Vozivoda Ditekun, também ressaltou a presença polonesa, quando perguntada sobre a configuração étnica da região:

Ligação é mais ucranianos ainda, ucranianos digamos que meio misturados. Porque tem muitas famílias, tem poloneses no meio, tem outras pessoas que já vieram de outras regiões que já são... sei lá como a gente vai dizer... *Jaciaba já é domínio polonês...* aqui é ucranianos... aqui, Herval e Alto Barra Grande acho que ainda tá meio igual, um pouco mesclado.³³⁰

Além de Jaciaba, outras comunidades da região Norte do município apresentam um número grande de poloneses. Quem destaca isso é Genoveva Smah Vogivoda: “(...) Vitorino, Lajeado, Jaciaba é mais polaco... polonês”³³¹. Portanto, o silêncio ou o pouco destaque do PPP para a presença polonesa na região soa estranho, ou melhor, soa como uma forma de exercício de poder a partir do estabelecimento de um discurso “verdadeiro”, institucionalizado.

Porém, devemos destacar que a intenção dos elaboradores do documento não é imputar uma inferioridade aos poloneses, mas sim defender a relevância dos descendentes de ucranianos para poder justificar a disciplina de língua ucraniana. Nesse sentido, percebemos que as relações de poder são em muitos momentos imperceptíveis, mas justamente por serem aparentemente naturais é que o poder se torna mais efetivo.

³²⁶ C.E.I.C.E.F.M. PPP. Op Cit. p. 89.

³²⁷ RAMOS, Odinei Fabiano. 2006. Op Cit. p. 92.

³²⁸ C.E.I.C.E.F.M. PPP. Op Cit. p. 5.

³²⁹ Isabel Sydorko Barhy. Op Cit.

³³⁰ Joana Vozivoda Ditekun. Op Cit. Grifo nosso.

³³¹ Genoveva Smah Vogivoda. Op Cit.

O processo de naturalização do exercício do poder pode ser detectado na fala de Sofia. Filha de pai descendente de ucranianos e mãe descendente de poloneses, ela falava fluentemente o polonês quando era criança na comunidade de Herval Grande. No entanto, quando entrou na catequese precisou aprender a língua ucraniana, pois não havia catequistas polonesas. Sofia comentou isso com muita naturalidade durante a entrevista: “Quando a gente passou pra catequese a gente teve que muda tudo para o ucraniano, porque não tinha catequese em polonês né, era ucraniano. Então dali da catequese a gente aprendeu”³³².

Para Sofia o fato era bastante simples, ela aprendeu o idioma ucraniano porque não havia catequese em língua polonesa. No entanto, a partir desse fato percebemos que aos poucos as lideranças religiosas ucranianas realizaram um trabalho essencial na preservação da língua, de maneira que isso não se fez de forma violenta, porém de suma importância para que o idioma ucraniano e o alfabeto cirílico não se perdessem. Os alunos da catequese não eram todos descendentes de ucranianos, mas se quisessem frequentar as aulas de preparação para o Sacramento da Eucaristia deveriam, quase que obrigatoriamente, aprender o ucraniano e frequentar as celebrações nos momentos em que o padre visitava as distantes comunidades da região Norte de Prudentópolis, tais como Herval Grande comunidade em que dona Sofia morava antes de se casar e mudar-se para Ligação³³³. De acordo com o PPP do colégio Imaculada Conceição, Herval Grande fica a cerca de 10 km de Ligação³³⁴.

Nesse embate de forças, lembrando que o poder não é apenas negativo e não precisa ser manifestado a partir de coação física, ele é mais eficaz quando aparenta ser algo natural, no momento da *Entstehung* o grupo ucraniano se mostrou com mais condições de impor sua língua. Em contra ponto à manutenção da língua ucraniana, os descendentes de poloneses não tiveram o mesmo êxito. Dos 6 alunos que declararam que os pais são descendentes apenas de poloneses, cinco não falam, não escrevem e entendem muito pouco e apenas um assinalou que entende o idioma, mas não fala e não escreve em polonês. Portanto, no momento da emergência de forças na luta pela preservação da língua materna os ucranianos foram mais eficazes.

A partir de 2006, quando a divisão da carga horário nos anos finais do Ensino Fundamental não poderia mais ser mantida³³⁵, houve uma votação para que fosse definida

³³² Sofia Podogurski Hellmann. Op Cit.

³³³ A comunidade de Herval Grande também é denominada de Herval Sede.

³³⁴ C.E.I.C.E.F.M. PPP. Op Cit. p. 5. A Linha Herval Sede fica a 10 km antes de chegar em Ligação, portanto mais próxima da sede do município. Ver tabela 1 na introdução.

³³⁵ Os anos finais do Ensino Fundamental correspondem ao período do sexto ao nono ano (antiga quinta à oitava séries). Colégios como o Imaculada Conceição, Prefeito Antonio Witchemichen, entre outros, que costumavam oferecer língua ucraniana nas quinta e sexta séries e língua inglesa nas sétima e oitava séries, foram obrigados a

qual a disciplina de língua estrangeira que ficaria na grade curricular do colégio: o ucraniano ou o inglês.

Segundo o professor e diretor João Márcio:

Foi uma reunião de pais, de professores e funcionários, de todo o coletivo escolar. E nessa reunião, essa reunião foi gerenciada pela equipe do Núcleo Regional de Educação de Irati e foi feita uma eleição praticamente. Uma eleição naquele momento com distribuição de cédula e marcação da opção que cada um dos presentes achava mais adequada e foi feita a contagem posterior e ficou definido a partir de então como a língua ucraniana presente na matriz curricular do Ensino Fundamental.³³⁶

Entre as justificativas apresentadas para a escolha dessa opção, segundo o diretor, estava a questão do uso da língua pelas pessoas da comunidade, inclusive por quem não era descendente de ucranianos: “(...) e mesmo as pessoas que não são ucranianos acabam aprendendo porque no diálogo no contato social as pessoas acabam aprendendo um pouco do ucraniano”³³⁷.

A fala do professor deixa transparecer naturalidade no fato de não descendentes de ucranianos aprenderem a língua ou conseguirem se comunicar (entender algumas palavras ao menos). No entanto, vale lembrar o caso de Sofia que, embora tivesse o pai descendente de ucranianos, aprendeu a falar polonês por influência da mãe polonesa. Mas, quando chegou o momento de ir para a catequese, ela praticamente foi obrigada a aprender o ucraniano, não havia opção de escolha. Em outras circunstâncias ela poderia perfeitamente optar em aprender o ucraniano, mas nessa situação era quase que pré-requisito, pois não havia catecismo ensinado em outra língua. Naquele momento o aprendizado pode não ter sido uma violência, mas também não foi uma escolha totalmente espontânea.

Quando analisamos esses pequenos detalhes, a partir do conceito foucaultiano do poder, percebemos que a aparente naturalidade foi na verdade fruto de um processo histórico que culminou na atual situação. Gilles Deleuze diz o seguinte, a respeito do conceito de poder de Michel Foucault:

O poder não é essencialmente repressivo (já que ele incita, suscita, produz); ele se exerce antes de se possuir (já que só se possui sob uma forma determinável – classe – e determinada – Estado); passa pelos dominados tanto quanto pelos dominantes (já que passa por todas as forças em relação)³³⁸.

oferecer apenas uma disciplina nos quatro anos.

³³⁶ João Márcio Iulek. Op Cit.

³³⁷ João Márcio Iulek. Op cit.

³³⁸ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 79.

Portanto, o poder dos descendentes de ucranianos não deve ser visto de forma pejorativa ou como algo negativo e/ou opressor, ele é algo exercido e que se sofre. Segundo José Augusto Guilhon Albuquerque:

(...) em vez de coisas, o poder é um conjunto de relações; em vez de derivar de uma superioridade, o poder produz a assimetria; em vez de se exercer de forma intermitente, ele se exerce permanentemente; em vez de agir de cima para baixo, submetendo, ele se irradia de baixo para cima, sustentando as instâncias de autoridade; em vez de esmagar e confiscar, ele incentiva e faz produzir.³³⁹

Nesse sentido é que o poder se efetiva em Ligação no momento da escolha da disciplina de língua ucraniana: ele era exercido. Exercício que já começa no momento da construção do colégio. O fato de a escola ter sido construída na comunidade facilitou, positivamente, a favor dos ucranianos. No momento da *Entstehung*, os descendentes de ucranianos puderam se sobressair, pois seu número era superior. Conforme a fala de diversos depoentes citados ao longo desse trabalho, Ligação era uma comunidade quase que exclusivamente de descendentes de ucranianos.

No período de discussão da fundação da escola, a presença de pessoas do clero e das catequistas pôde ser sentida, pois segundo Teodosio Tlumaski, no momento da escolha do nome do estabelecimento a reunião para esse fim foi coordenado pelas catequistas: “(...) tinha aquela catequista de Prudentópolis, a Madalena Lozovei tava e tinha mais não me lembro qual que era. Mas a... a Madalena quem coordena... que dirigia, coordenava a reunião”³⁴⁰.

Ou seja, numa comunidade de maioria ucraniana, com as decisões sendo acompanhadas ou mesmo coordenadas por pessoas ligadas à religião e às questões culturais dos ucranianos é quase natural o destaque dado à língua do grupo eslavo ucraniano. No item 3.3 desse capítulo, foi discutida a presença da igreja ucraniana, na figura dos padres – OSBM - das irmãs – (ISMI) – e das catequistas no histórico da educação escolar e depois na fundação de alguns dos colégios estaduais do município.

Em Tijuco Preto as religiosas assumiram a tarefa da alfabetização a partir de sua chegada àquela comunidade na década de 1940; em Linha Esperança igualmente foram as freiras que passaram a gerir o estabelecimento escolar já em 1922. Nesse ano a escola foi

³³⁹ ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. *Michel Foucault e a teoria do poder*. Tempo Social. Ver. Sociol. USP, 7 (1-2): 105-110, outubro de 1995. p. 109.

³⁴⁰ Teodosio Tlumaski. Op Cit.

transferida para a casa das religiosas. Em Jesuíno Marcondes na década de 1930 chegaram duas freiras que passaram a gerenciar as atividades pedagógicas. Em Ligação na década de 1930 é construída a casa das Catequistas. Em todos esses lugares no final da década de 1980 e início dos anos 90 foram autorizadas a funcionar escolas estaduais e em todos eles as religiosas continuaram na direção desses estabelecimentos escolares.

No caso de Ligação, a força do grupo ucraniano já é demonstrada na reunião de escolha do nome do estabelecimento, pois a reunião foi coordenada por uma catequista e após a definição do nome a primeira gestora foi também uma catequista. Fato lembrado por Teodosio, ele ressaltou que a catequista Helena Gardasz “foi indicada, não tinha votação”³⁴¹. Ou seja, no início dos anos 1990 as escolhas dos diretores não eram feitas a partir de eleições, além disso, num colégio recém-fundado não havia organização suficiente para realizar eleições nos moldes atuais.

O que percebemos é que as catequistas se perpetuaram na direção do estabelecimento. A gestão da professora e catequista Helena Gardasz se estendeu de 1991 a 1995. Entre os anos de 1996 e 1997 ocupou o cargo a também catequista, professora Maria Scherbate. Após a saída desta, quem assumiu a gestão do estabelecimento foi Cecília Tlumaski Prima, também catequista, que esteve à frente da direção entre os anos de 1998 e 2003. Até então não havia vice-diretor ou diretor auxiliar na escola; a partir de 2004 com o porte do colégio ampliado conquistou-se o direito de se ter uma direção auxiliar. Entre 2004 e 2005 a direção foi novamente ocupada pela professora Cecília Tlumaski Prima e pela professora Lídia Lurdes Bahri Ribeiro na função de vice-diretora. Pela primeira vez uma professora não catequista assumiu parte da direção do colégio, mas na primeira gestão com a função de direção auxiliar, o cargo principal ainda ficou com uma professora catequista. Apenas na gestão 2006/2008 e 2009/2011 a direção foi exercida sem a presença de uma catequista, seja na direção ou na direção auxiliar³⁴².

Não estamos querendo discutir o mérito ou capacidade dessas gestoras – não temos essa pretensão, não temos dados e seria demasiado fácil tecer críticas a elas sem conhecer a fundo a realidade da região em que está inserida a escola – o nosso intuito é demonstrar que a escolha da disciplina de língua ucraniana para compor a grade da escola é fruto desse contexto e não algo acidental.

O que podemos perceber nesses dados é que a escolha da disciplina é fruto das relações de poder, tal quais teorizadas por Foucault, ou seja, a disciplina de língua ucraniana

³⁴¹ Teodosio Tlumaski. Op Cit.

³⁴² C.E.I.C.E.F.M. PPP. Op cit. p. 3.

foi escolhida porque no momento da emergência de forças o grupo ucraniano contava com um suporte significativo. Além disso, as gestoras que se seguiram eram pessoas extremamente ligadas ao trabalho pastoral e à preservação da língua ucraniana, pois como catequistas seus esforços para manutenção do idioma são inquestionáveis, haja vista as aulas do catecismo serem ministradas em língua eslava e acompanhadas muitas vezes de aulas de leitura e escrita também.

Exemplos do papel das catequistas como pessoas interessadas e comprometidas com a manutenção da língua pôde ser observada nas falas das pessoas que contribuíram à essa pesquisa com suas entrevistas. Isabel Sydorko Bahry ressaltou o papel importante que as catequistas desempenharam para a auxiliar no ensino do idioma a seus filhos: “Foi ensinado, um pouco em casa, mas também tinha catequese junto com língua ucraniana. Na catequese as catequistas davam língua ucraniana, daí aprenderam”³⁴³.

Genoveva também resalta a importância da catequese para a preservação da língua:

Esse ano ele... foi muito bonito a língua ucraniana aqui, eles... como eles foram bonito final do ano assim, eles tão num grupinho grandinho assim... e na catequese também aqui, voltou bastante... eles tem... os pais tem reunião assim direto vem na catequese então tá muito mais... mais, se apegaram muito mais bem do que estava³⁴⁴.

Além de Genoveva e Isabel, temos o já citado caso de Sofia que aprendeu o ucraniano na catequese, ela que falava fluentemente o polonês. Dessa forma, fica claro a força que a comunidade ucraniana, a partir de lideranças ligadas à igreja, possuía para inserir a disciplina de língua ucraniana na então recém-fundada escola estadual.

Assim como o Colégio Estadual Imaculada Conceição, outros colégios do município costumavam dividir a carga horária da língua estrangeira moderna nos anos finais do Ensino Fundamental. Em novembro de 2005 a Secretaria de Estado da Educação e a Superintendência da Educação a partir da Instrução nº 04/2005 – SEED/SUED determinou que apenas uma disciplina de língua estrangeira obrigatória fosse oferecida nos anos finais do Ensino Fundamental. A Instrução no seu ponto 2.7 diz o seguinte:

Na Parte Diversificada da Matriz Curricular deverá constar apenas uma Língua Estrangeira, como componente curricular obrigatório, identificando-se o idioma definido pelo estabelecimento de ensino, observando-se a

³⁴³ Isabel Sydorko Bahry. Op Cit.

³⁴⁴ Genoveva Smah Vogivoda. Op Cit.

disponibilidade de professor habilitado e as características da comunidade atendida.³⁴⁵

No início de 2006 o coletivo escolar do colégio Imaculada Conceição se reuniu para definir qual a língua estrangeira a ser adotada na nova grade curricular. Mesmo com o aumento dos casamentos interétnicos e com a vinda de não descendentes de ucranianos para Ligação e comunidades adjacentes, o número de descendentes de ucranianos ainda corresponde a mais da metade da população de Ligação, conforme demonstrado no levantamento junto aos alunos do Ensino Médio do colégio Imaculada. Fato importante no momento da escolha.

João Márcio Iulek comentou sobre o processo de escolha:

(...) quando se tornou obrigatório fazer a escolha por uma única língua foi feita uma consulta à comunidade toda. Foram reunidos todos os pais, todo o coletivo escolar e foi realizado uma votação de todos pra que fosse feita a opção por uma única, naquele momento todas as demais escolas do município de Prudentópolis que trabalhavam com língua ucraniana também acabaram optando pelo inglês e o nosso colégio acabou ainda pela escolha da maioria optando por ficar somente com a língua ucraniana.³⁴⁶

Do momento da fundação do colégio em 1991 até o ano de 2006, quando se apresentou a possibilidade de se retirar a disciplina de língua ucraniana da grade curricular do colégio, as forças se alteraram um pouco. Mesmo os ucranianos mantendo-se como grupo majoritário, o embate acerca da permanência ou não da disciplina não foi tão unânime como poderia ter sido outrora. A escolha da língua ucraniana pela comunidade, num contexto onde todas as escolas do município que viviam o mesmo dilema que o colégio de Ligação, demonstra ainda a força do grupo ucraniano. Mais uma vez no momento da *Entstehung* o grupo ucraniano demonstrou ter mais força. No entanto, o próprio professor destaca que essa decisão passou longe de ser unânime: “Na verdade uma escolha não tão unânime assim, porque a escola não atende 100% de ucranianos”³⁴⁷.

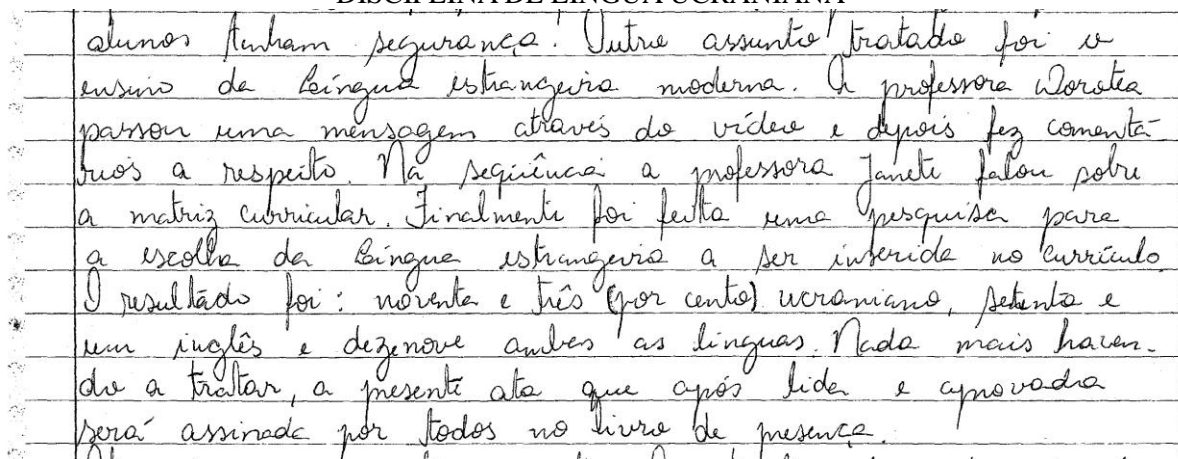
Não podemos dizer que houve desavenças no momento da escolha, mas o trecho abaixo retirado da Ata da reunião traz números que demonstram um embate a favor e contra a disciplina de língua ucraniana.

³⁴⁵ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Superintendência da Educação. *INSTRUÇÃO Nº 04/2005* – SEED/SUED. 2005. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucao042005.pdf>. Acesso em 10/03/2013.

³⁴⁶ João Márcio Iulek. Op Cit.

³⁴⁷ Idem.

IMAGEM 5: ATA DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO ACERCA DA ESCOLHA DA DISCIPLINA DE LÍNGUA UCRANIANA³⁴⁸



Fonte: Ata Nº 53 C.E.I.C.E.F.M.

Segundo a Ata 53 citada acima, 183 pessoas participaram da votação. O resultado se mostrou favorável à língua ucraniana que obteve 93 votos, 71 pessoas votaram na língua inglesa e ainda 19 presentes escolheram a opção em manter as duas disciplinas. Em porcentagem a vitória da língua ucraniana parece ainda mais apertada, 50,81% do total optou por essa disciplina contra 38,79% da língua inglesa e 10,38% por continuarem da forma como estava organizado o currículo.

A opção escolhida por 19 pessoas (10,38%) é estranha, pois a Instrução 04/2005 da Secretaria de Estado da Educação e Superintendência da Educação era clara, dever-se-ia escolher apenas uma disciplina de língua estrangeira: “Na Parte Diversificada da Matriz Curricular deverá constar apenas uma Língua Estrangeira”³⁴⁹.

A escolha foi feita com distribuição de cédulas que provavelmente foram confeccionadas pela equipe do NRE ou a partir de modelo fornecido por ele, ou ao menos com cédulas aprovadas pelo Núcleo de Educação de Irati. E nessas cédulas deveria haver a opção pelas duas disciplinas. Se subtrairmos do total de votos os 19 que optaram pelas duas disciplinas, já que esses votos são equivalentes a nulos ou brancos, pois mesmo que essa opção fosse a vitoriosa ela não poderia ser mantida, 164 pessoas se dividiram entre a língua eslava e a língua anglo-saxã. Feita a porcentagem verificamos que 56,70% optaram pela primeira e 43,29% pela segunda. Uma vitória bastante apertada levando-se em conta a

³⁴⁸ Livro de Atas do C.E.I.C.E.F.M. Ata Nº 53 de 22 de fevereiro de 2006.

³⁴⁹ Paraná. Secretaria de Estado da Educação e Superintendência da Educação. Op Cit.

histórica supremacia numérica ucraniana na região, mas uma vitória importante frente à derrota em todas as outras escolas.

Os números nos parágrafos precedentes mostram que a força ucraniana não é a mesma que outrora, no entanto, os descendentes desse grupo eslavo ainda conseguem se sobrepôr. Mesmo o inglês tendo sido escolhido em todos os outros colégios, a disciplina de língua ucraniana continuou sendo oferecida na modalidade do CELEM. O curso de CELEM de língua ucraniana tem duração de três anos totalizando 480h ³⁵⁰. Atualmente o CELEM é oferecido em cinco colégios estaduais de Prudentópolis: Colégio Estadual Alberto de Carvalho, Prefeito Antônio Witchemichen, Bispo Dom José Martenetz, Padre José Orestes Preima e Cristo Rei ³⁵¹.

Mesmo saindo da grade dos colégios de Prudentópolis, a oferta do curso do CELEM de língua ucraniana nesses estabelecimentos demonstra ainda a força do grupo. No ponto 3.3 desse capítulo foi discutido a presença ucraniana nos colégios Imaculada Conceição, Bispo Dom José Martenetz, Prefeito Antônio Witchemichen, Padre José Orestes Preima e Padre Cristóforo Myskiv.

Com exceção do colégio Imaculada Conceição, que manteve a disciplina em sua grade, pelo menos três dos colégios que passaram a oferecer o CELEM da referida disciplina – Antônio Witchemichen, Dom José Mertenetz e Padre José Orestes Preima – estão entre aqueles com um histórico com uma presença ucraniana significativa.

Portanto, as relações de força no momento da *Entstehung* foram alteradas, mas o grupo ucraniano ainda consegue ser o grupo étnico que detêm no município condições para preservar sua língua, reivindicar e ser atendido pelo governo do Estado do Paraná. Mais relevante ainda, para o nosso argumento, é quando verificamos onde o CELEM é ofertado. Excetuando Prudentópolis, com cinco estabelecimentos, o único município que oferece o curso de CELEM de língua ucraniana é Rio Azul, mas com apenas um estabelecimento fazendo essa oferta ³⁵².

Ou seja, a disciplina de língua ucraniana e o curso de CELEM do referido idioma é quase exclusividade do município de Prudentópolis. Por mais que haja uma diminuição do uso da língua e a disciplina tenha deixado de ser obrigatória em quase todos os estabelecimentos, a sua manutenção no Colégio Estadual Imaculada Conceição e a oferta,

³⁵⁰ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *Como funciona o CELEM?* Disponível em: <http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=346>. Acesso em 11/03/13.

³⁵¹ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *CELEM – onde cursar*. Disponível em: <http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=359#prudentopolis>. Acesso em 11/03/13

³⁵² Idem.

ainda que de forma facultativa, nos outros cinco estabelecimentos citados, é uma demonstração de força e uma manifestação de poder desse grupo étnico eslavo.

O que podemos concluir é que a escolha da disciplina de língua ucraniana no colégio de Ligação é natural do ponto de vista de que existem muitos descendentes de ucranianos na região, mas a naturalidade para aí, pois na verdade o que ocorre são exercícios de poder que são mais efetivos quando aparentam naturalidade. Em Prudentópolis os descendentes de ucranianos conseguiram se sobressair devido a seu número e com um apoio dos padres ucranianos, OSBM, das irmãs, ISMI, e das catequistas leigas e consagradas, eles tiveram aparato para preservar a língua e outros traços culturais. Isso tudo foi possível a partir daquilo que Foucault chamou de vontade de verdade, de interdições e exclusões de discursos, estabelecimentos de origens enquanto *Ursprung*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar ao longo do texto que a tentativa mais ou menos de estabelecer a obrigatoriedade do ensino da língua ucraniana nas escolas públicas de Prudentópolis está ligado à, por um lado, manutenção de uma riqueza étnica eslava a qual seus mais antigos falantes acreditam ser de suma importância para a revivescência cultural deste povo que ali escolheu seu local de estabelecimento em além-mar. Por outro lado, procuramos mostrar também que essa ideia de uma necessidade de manutenção cultural ucraniana através da língua materna, juntamente com outros elementos da cultura material e imaterial, fazem parte, ainda que para alguns de forma inconsciente, da imposição e manutenção de um poder deste grupo étnico imigrado há mais de cem anos e que conseguiu estabelecer-se com condições de dominar a cena política e cultural da cidade.

Como procuramos mostrar também, Michel Foucault teorizou e nos ensinou que a imposição de uma proposta beneficiadora de um grupo sobre outros está sempre ligado a relações de poder, embasadas numa suposta antiguidade justificadora de tal direito “natural” (origem nos sentido da *Ursprung*). Porém, como explica ainda Foucault, esse direito aparentemente divino alegado pelos grupos dominantes, tem uma história derrisória, pois suas origens estão maculadas pelas paixões humanas (origem enquanto *Herkunft/Entstehung*). Essas origens estão sempre ligadas a relações de imposição e/ou privilégios que o grupo muitas vezes conquista pela a violência direta e/ou por formas de estratégias e táticas de marginalização e submissão dos grupos mais fracos.

A imigração ucraniana para o Brasil ocorreu principalmente a partir do final do século XIX, e o estado do Paraná foi um dos principais destinos desses imigrantes. No Estado, a área geográfica de Prudentópolis, ainda pertencente ao município de Guarapuava na década de 1890, recebeu milhares de imigrantes eslavos, em sua maioria de nacionalidade ucraniana. Os imigrantes dessa nacionalidade chegaram ao Paraná no momento em que a colonização das áreas próximas aos centros urbanos não era prioridade do governo paranaense; as autoridades estaduais naquele momento voltavam a atenção para as áreas cobertas pelas florestas de araucárias que ainda eram um entrave à ocupação total do território.

De modo geral, a imigração ucraniana estava em consonância com a política imigratória desenvolvida pela província, depois estado do Paraná: ocupar o território e produzir alimentos. Instalados em Prudentópolis, esses imigrantes perpetuaram ao longo do século XX e XXI uma economia agrícola e mesmo com o êxodo rural a população rural do município ainda é superior à urbana conforme dados do IBGE tratados no capítulo 1.

Ao longo da pesquisa pudemos percebermos que a língua ucraniana amplamente usada pela população descendente de imigrantes ucranianos diminuiu significativamente nos últimos anos e as entrevistas realizadas apontaram para uma tendência de continuidade da diminuição do uso do idioma eslavo. As pessoas mais velhas, acima dos 60 anos, dominavam com facilidade o idioma e aprendiam muitas vezes a língua portuguesa na escola, pois na aquisição da fala o ucraniano era ensinado em primeiro lugar pelos pais. Em contrapartida, percebemos que há grupos intermediários, com idade menor que 60 anos e acima dos 30 anos, que também dominam o idioma, mas mesmo assim já aprenderam a língua portuguesa em situação de quase igualdade com o ucraniano. Finalmente, pessoas abaixo dos 20 anos, principalmente, que já não dominam com a mesma fluência a língua ucraniana. Filhos de pais que aprenderam os dois idiomas simultaneamente, a geração mais nova domina de forma bastante fragmentada o ucraniano. Portanto, já não possuem as condições ideais para transmitirem o legado da língua.

Na área rural de Prudentópolis em 1991 foi autorizado a funcionar o Colégio Estadual Imaculada Conceição na comunidade de Linha Ligação, a cerca de 60 km da área urbana. Uma das disciplinas da grade curricular dos colégios estaduais era a de língua ucraniana, assim como em vários outros colégios do município, sobretudo aqueles em áreas rurais. A partir da disciplina e no uso da língua levantamos a hipótese de que elas podiam ser manifestações de poder, cultura e identidade dos descendentes de imigrantes ucranianos.

No desenvolvimento da pesquisa percebemos que a disciplina de língua ucraniana nas escolas estaduais de Prudentópolis esteve presente nos colégios, em grande medida, onde o clero ucraniano esteve envolvido de alguma forma. A escola dessa forma tornou-se um espaço onde é possível a luta pela preservação da identidade e da cultura ucraniana. Ao longo das entrevistas, na consulta de fontes escritas e na pesquisa bibliográfica, a disciplina de língua ucraniana se mostrou uma forma de se praticar o espaço escolar e dar diferentes significados à escola. O estabelecimento escolar não se restringe em Prudentópolis àquelas funções prescritas pelo Estado; além das inúmeras significações que a escola pode ter para o coletivo escolar, em Ligação o Colégio Estadual Imaculada Conceição é um espaço onde é possível *praticar* a cultura e a identidade ucraniana.

A partir de 2006, conforme ressaltado ao longo dos capítulos, apenas o colégio Imaculada Conceição manteve a disciplina de língua ucraniana em sua grade curricular nos anos finais do Ensino Fundamental. Todos os demais colégios do município optaram por outras línguas, deixando o ucraniano como disciplina optativa. A disciplina do idioma eslavo no colégio estabelecido em Ligação, portanto, é um sintoma da diminuição do uso da língua

no município e a manutenção no referido colégio ganha uma importância maior nesse contexto.

A preservação da língua e a escolha da disciplina do idioma ucraniano podem ser atribuídas ao relativo isolamento de Ligação e das comunidades da região Norte de Prudentópolis, pois os cerca de 60 quilômetros de estradas de terra sem pavimentação dificultam ainda hoje o contato das pessoas daquela região com o restante do município e de outras realidades alhures.

A sobrevivência da língua ucraniana em Ligação - e a luta pela sua sobrevivência a partir da disciplina de língua ucraniana - se dá, portanto, em certa medida pela temporalidade em que vivem seus habitantes. A viagem de Ligação até Prudentópolis não é algo que possa se fazer à qualquer hora. Dinheiro e tempo são dispendidos nesse itinerário, o que faz com que as pessoas saiam pouco da comunidade. Da mesma forma são poucas as pessoas que vão até Ligação sem interesses específicos.

A língua pôde ser percebida como um elemento identificador e definidor da identidade ucraniana, pois o uso ou não da língua define de certa maneira o pertencimento ao grupo. A resistência de pessoas, conforme bibliografias citadas, ao uso da língua portuguesa em cerimônias religiosas ou mesmo em conversas cotidianas, demonstram o quanto a língua é tida como um fator primordial nas questões identitárias dos descendentes de ucranianos.

Portanto, para uma comunidade rural que vê no idioma um elemento de distinção étnica, a disciplina de língua ucraniana é uma importante estratégia na tentativa de barrar a gradativa diminuição do domínio de tal idioma. Na perspectiva certoniana ela é uma estratégia, pois o grupo ucraniano ainda é majoritário e consegue garantir, a partir de seu número, a sua manutenção enquanto os demais colégios estaduais de Prudentópolis fizeram o caminho inverso.

A partir de uma via foucaultiana, percebemos a escolha da disciplina de língua ucraniana no colégio Imaculada Conceição como uma manifestação de poder. Em Ligação os descendentes de ucranianos conseguiram preservar suas características culturais devido ao seu número. Mesmo ficando distante cerca de 15 km de Jaciaba, um núcleo polonês, os ucranianos conseguiram ditar, em certa medida, os rumos do estabelecimento escolar.

A construção da casa das catequistas em Ligação na década de 1930 e a presença de um padre ucraniano que realizava celebrações na região, enquanto religiosos do rito latino não o faziam, possibilitaram que os descendentes de ucranianos se organizassem de forma mais consistente. No momento da emergência de forças para que um colégio estadual fosse construído no norte de Prudentópolis a localidade escolhida foi Ligação.

A esse respeito já foi mencionado a reunião realizada em 1990 para a criação do colégio, reunião presidida pelas catequistas e com presença de um sacerdote ucraniano. A escola recém-criada além de passar a funcionar em salas junto ao pavilhão da igreja ucraniana de Ligação teve uma catequista, Helena Gardasz, como sua primeira diretora e à gestão dela outras catequistas assumiram o estabelecimento. Apenas em 2006 ocorreu da escola ter uma direção sem que uma catequista tivesse participação direta. Isso demonstra a organização e a consistência do trabalho que elas fizeram e fazem junto à comunidade. Dessa forma, no momento da emergência de forças o grupo ucraniano está mais bem organizado e por esse motivo podemos compreender a permanência da disciplina de língua ucraniana na grade do colégio.

Portanto, a disciplina de língua ucraniana na grade curricular do colégio Imaculada Conceição não é algo natural numa perspectiva foucaultiana. Mesmo em Ligação, onde há ainda hoje um número significativo de descendentes que falam o idioma eslavo, a escolha é sempre um embate de forças. Nesse embate a etnia ucraniana conseguiu sair vitoriosa. Mesmo nos estabelecimentos onde a disciplina foi transformada em curso optativo – na modalidade do CELEM – ainda assim há a necessidade de uma justificativa, é necessária haver uma demanda.

O que foi constatado é que as relações de poder que se escondem por trás da disciplina de língua ucraniana são efetivadas pela sua ação não coercitiva. Dessa forma, elas conseguem alcançar seus objetivos com um mínimo de rejeições. A naturalidade foi percebida no PPP do colégio e nas entrevistas com o diretor do estabelecimento em 2012, em algumas falas de pessoas da comunidade e de professoras que trabalharam com a disciplina de língua ucraniana. No contexto sociocultural de Ligação isso aparece como sendo algo natural, mas que na verdade é naturalizado por um poder estabelecido.

FONTES**ENTREVISTAS**

BAHRI, Maryellen. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

BAHRI, Jeroslava Senkiv. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

BARHY, Isabel Sydorko. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de janeiro de 2013.

DITKUN, Joana Vozivoda. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

GUILOSKI, Tatiane. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de janeiro de 2013.

HELLMANN, Sofia Podogurski. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de janeiro de 2013.

IULEK, João Márcio. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 28 de abril de 2012.

PASTUCH, José Amilcar. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 7 de maio de 2012.

SANTOS, Reginalda Bahri dos. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

TLUMASKI, Teodosio. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

VOGIVODA, Genoveva Smah. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de janeiro de 2013.

VOJEVODA, Maria Lurdes. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de janeiro de 2013.

ZUBEK, Anna Cristina Ternouski. Entrevista concedida a Lourenço Resende da Costa em 07 de maio de 2012.

FONTES ESCRITAS

GUIL, Chico. et al. *Prudentópolis 100 anos*. Prudentópolis: Editora Artheiros, 2006.

IBGE: *Paraná – Prudentópolis – Censo Demográfico 2010: Sinopse*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=412060&idtema=1&search=parana|prudentopolis|censo-demografico-2010:-sinopse->. Acesso em: 09-07-2013.

IBGE: *Paraná – Prudentópolis – Síntese de Informações*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=412060&idtema=16&search=parana|prudentopolis|sintese-das-informacoes>. Acesso em: 24-07-2013.

LIVRO DE ATAS DO COLÉGIO ESTADUAL IMACULADA CONCEIÇÃO. Ata Nº 53 de 22 de fevereiro de 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *Diretrizes curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna*. 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação. *INSTRUÇÃO Nº 04/2005 - SEED/SUED*. 2005. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucao042005.pdf>. Acesso em 10/03/2013.

Colégio Estadual Imaculada Conceição. *Projeto Político Pedagógico*. 2011. Disponível em: <http://www.pdtimaculada.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=13>. Acesso em 28/04/2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *Como funciona o CELEM?* Disponível em: <http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=346>. Acesso em 11/03/13.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *CELEM – onde cursar*. Disponível em: <http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=359#prudentopolis>. Acesso em 11/03/13.

Mapa do Paraná. Disponível em: <http://www.agroecologiaparana.com.br/mapa-do-parana>. Acesso em 24-07-2013.

Colégio Estadual Padre José Orestes Preima E.F.M. *Projeto Político Pedagógico*. 2011. Disponível em: <http://www.pdtjoseorestes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=14>. Acesso em 17-09-2012.

Escola Estadual Bispo Dom José Martenetz. E. F. *Regimento Escolar*. Preâmbulo. 2008. Disponível em: <http://www.pdtjoseorestes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=13>. Acesso em 17-09-2012.

Escola Estadual Padre Cristóforo Myskiv E. F. Projeto Político Pedagógico. 2012. Disponível em: <http://www.pdtristoforo.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=22>. Acesso em 19-09-2012.

PRUDENTÓPOLIS, Prefeitura Municipal de. *Histórico do Município*: Disponível em: <http://www.prudentopolis.pr.gov.br/cidade/historia>. Acesso em 04-07-2013.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. *Michel Foucault e a teoria do poder*. *Tempo Social. Ver. Sociol. USP*, 7 (1-2): 105-110, outubro de 1995.

ANDREZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. *Imigrantes no Brasil: Colonos e Povoadores*. Curitiba: Nova Didática, 2000.

ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. In: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Campinas, 11. 1994.

ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995*. Curitiba: UFPR, 1996. (Tese de Doutorado).

ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, Roger (Org). *História da vida privada 3: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia da Letras, 1991

BARTH, Fredrik. Introducción. In: BARTH, Fredrik (compilador). *Los grupos étnicos y sus fronteras*. Fondo de cultura económica: México, 1976.

BAUMAN, Zygmunt. De peregrino a turista, o una breve historia de la identidad. In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

BHABHA, Homi K. El entre-medio de la cultura. In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. In: *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História: Colonização e migração*. São Paulo, 1969.

BOSCHILIA, Roseli. *Entre fitas, bolachas e caixas de fósforo: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)*. Curitiba: Artes & Textos, 2010.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2006.

_____. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKO, Pe. Valdomiro N. *A imigração ucraniana no Brasil*. 2. ed. Curitiba: Universidade Internacional de Estudos Sociais “Pro Deo”, Roma, 1963. Monografia de Especialização.

CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de sombras: a política imperial*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Vértice/IUPERJ, 1988.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COSTA, Lourenço Resende da. *A língua ucraniana no currículo escolar de algumas escolas de Prudentópolis-PR (1990-2010)*. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RJ: Ofício do Historiador: Ensino & Pesquisa. Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2012.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. *Historia oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOSSE, François. *História e ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Editora Nacional/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade: os contornos da alta modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

GROSSBERG, Lawrence. Identidad y estudios culturales: ¿no hay nada más que eso?. In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

GUÉRIOS, Paulo Renato. *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. (Tese de Doutorado).

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

_____. Introducción: ¿quién necesita “identidad”? In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

HAURESKO, Júlia Bernadete. *Estudo sócio-linguístico da comunidade ucraniana de Linha Esperança – Prudentópolis – Paraná*. Guarapuava-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II. O Brasil Monárquico: 5º Volume. Do Império à República. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

HOMENCZUK, Mikalina. *O dialeto português falado na colônia de Jesuíno Marcondes*. Irati-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização).

IOTTI, Luiza Horn (Org). *Imigração e colonização: legislação de 1747 a 1915*. Porto Alegre/Caxias do Sul: Assembleia Legislativa do Estado do RS/EDUCS, 2001.

_____. *Imigração e colonização*. 2003. p. 2. Disponível em: http://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaicho/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v3n5/doc/07-Luiza_Iotti.pdf. Acesso em 14-03-13.

_____. *A política imigratória brasileira e sua legislação – 1922 – 1914*. X Encontro Estadual de História: O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o

nacional. Santa Maria – RS: UFSM, 2010. p. 2. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1273883716_ARQUIVO_OBRASILE_AIMIGRACAO.pdf Acesso em 14-03-13.

JACUMASSO, Tadinei Daniel. *Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR*. Cascavel, PR: UNIOESTE, 2009. (Dissertação de Mestrado).

KOSS, Lucimara. *Comércio & Sociedade: as múltiplas funções dos armazéns de Ivay/PR na primeira metade do século XX*. Curitiba: UFPR, 2013. (Dissertação de Mestrado).

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007.

NADALIN, Sérgio Odilon. *Paraná: Ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED, 2001.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O imigrante e a pequena propriedade*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. Imigração assalariada. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Organizador). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II: O Brasil monárquico. 3º Volume. Reações e Transações*. São Paulo: Difel/Difusão Editorial S.A, 1982.

RAMOS, Odinei Fabiano. *Ucranianos, poloneses e “brasileiros”:* fronteiras étnicas e identitárias em Prudentópolis/PR. São Leopoldo: Unisinos, 2006. (Dissertação de Mestrado).

_____. *Experiências da colonização eslava no Centro-Sul do Paraná (Prudentópolis 1895-1995)*. Franca, SP: UNESP, 2012. (Tese de Doutorado).

RENK, Valquíria Elita. *Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná*. Curitiba: UFPR, 2009. (Tese de Doutorado).

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *História da alimentação no Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

_____. *Vida material e econômica*. Curitiba: SEED, 2001.

SIMIONATO, Marta Maria. *O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no Sul do Brasil*. Florianópolis: UFSC, 2012. (Tese de Doutorado).

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. *As línguas estrangeiras no contexto da história da educação brasileira: a construção de identidades*. Disponível em: <http://www.sergiofreire.com.br/HIL.pdf>. Acesso em 09-07-2011.

TREUK, Natália. *Língua ucraniana é ainda realidade em Jesuíno Marcondes*. Irati-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização).

ZAWADZKI, Lídia. *O dialeto ucraniano na colônia Tijuco Preto*. Irati/PR: UNICENTRO, 1998. (Monografia de Especialização).

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 3ª edição. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1972.

ANEXOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE IRATI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO DE ENTREVISTA

Eu.....,nascido(a)
em....., portador (a) da cédula de identidade
Nº....., declaro que cedo de forma espontânea e gratuita esta
entrevista para fins de pesquisa acadêmica para Lourenço Resende da Costa, portador da
cédula de identidade Nº 91370808, aluno do Curso de Mestrado em História da Universidade
Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, e autorizo que meus relatos sejam parcial ou
totalmente utilizados em produção escrita. Afirmando também estar ciente de que a presente
entrevista será gravada em CD e que o mesmo ficará sob a posse do entrevistador por tempo
indeterminado.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Assinatura do entrevistador
Lourenço Resende da Costa

Prudentópolis _____ de _____ de 20_____.

COLETA DE DADOS ACERCA DA COMPOSIÇÃO ÉTNICA E USO DA LÍNGUA
UCRANIANA ENTRE OS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL IMACULADA
CONCEIÇÃO E SEUS GENITORES

Nome Completo: _____
Série: _____ Idade: _____
Localidade onde mora: _____

Descendência de seus pais:

Pai: <input type="checkbox"/> Ucraniana <input type="checkbox"/> Polonesa <input type="checkbox"/> Polonesa e ucraniana <input type="checkbox"/> Polonesa e brasileira <input type="checkbox"/> Ucraniana e brasileira <input type="checkbox"/> Brasileira <input type="checkbox"/> Outra	Mãe: <input type="checkbox"/> Ucraniana <input type="checkbox"/> Polonesa <input type="checkbox"/> Polonesa e ucraniana <input type="checkbox"/> Polonesa e brasileira <input type="checkbox"/> Ucraniana e brasileira <input type="checkbox"/> Brasileira <input type="checkbox"/> Outra
---	---

Caso você tenha respondido possuir descendência ucraniana ou polonesa, qual o seu domínio em relação à língua?

Língua ucraniana <input type="checkbox"/> fala e escreve () bem () pouco <input type="checkbox"/> apenas fala <input type="checkbox"/> entende mas não fala e nem escreve <input type="checkbox"/> não fala, não escreve e entende muito pouco	Língua polonesa <input type="checkbox"/> fala e escreve () bem () pouco <input type="checkbox"/> apenas fala <input type="checkbox"/> entende mas não fala e nem escreve <input type="checkbox"/> não fala, não escreve e entende muito pouco
---	--

Qual o domínio do idioma seu pai possui?

Língua ucraniana <input type="checkbox"/> fala e escreve <input type="checkbox"/> apenas fala <input type="checkbox"/> nem fala e nem escreve	Língua polonesa <input type="checkbox"/> fala e escreve <input type="checkbox"/> apenas fala <input type="checkbox"/> nem fala e nem escreve
---	--

- Qual o domínio do idioma sua mãe possui?

Língua ucraniana <input type="checkbox"/> fala e escreve <input type="checkbox"/> apenas fala <input type="checkbox"/> nem fala e nem escreve	Língua polonesa <input type="checkbox"/> fala e escreve <input type="checkbox"/> apenas fala <input type="checkbox"/> nem fala e nem escreve
---	--

Seus pais nasceram em Prudentópolis?

Seu pai: <input type="checkbox"/> Sim () Não	Sua mãe: <input type="checkbox"/> Sim () Não
---	---

COLETA DE DADOS ACERCA DA COMPOSIÇÃO ÉTNICA E O USO DA LÍNGUA
UCRANIANA ENTRE OS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO ANTÔNIO
WITCHEMICHEN ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Nome Completo: _____.

Série: _____ Idade: _____.

Localidade onde mora: _____.

VOCÊ É DESCENDENTE DE UCRANIANOS?

SIM

NÃO

SE VOCÊ POSSUI DESCENDÊNCIA UCRANIANA QUAL SEU DOMÍNIO DA
LÍNGUA?

Fala e escreve

Apenas fala

Apenas entende

Não fala, não escreve e não entende.

(x) Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do
PPGH/UNICENTRO.

() Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do
PPGH/UNICENTRO.

Irati (PR), 10 de outubro de 2013.

Lourenço Resende da Costa